

PATRÍCIA MAYA
E RAQUEL TARDIN
Organizadoras

ARQUITETURA PAISAGÍSTICA

ARTE NATUREZA CIDADE

ARQUITETURA PAISAGÍSTICA

ARTE NATUREZA CIDADE

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

FAU Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

PROURB Programa de Pós-Graduação em Urbanismo

MPAP Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística

OP II Oficina de Projeto II

Coordenadores do Mestrado: Cristovão Duarte e Lucia Costa

Professores da Disciplina: Patricia Maya e Raquel Tardin

Professores Colaboradores: Ana Rosa de Oliveira, Cristovão Duarte,
James Miyamoto, Lucia Costa, Rodrigo Paraizo



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM URBANISMO

Copyright© 2017 dos autores

Editores: Patrícia Maya e Raquel Tardin.

Produção Editorial: Denise Corrêa e Daverson Guimarães

Revisão de texto: Bruna Cruz Baptista.

Projeto gráfico: Flora Olmos Fernandez e Maini Perpétuo

Capa: Flora Olmos Fernandez e Israel Nunes



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

FAU
UFRJ

Todos os direitos desta edição são reservados a: Editora Grupo Rio Ltda.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita do titular do editor. Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são de inteira responsabilidade de seus autores.

P912
Arquitetura Paisagística: Arte, Natureza, Cidade / organização Patrícia Maya e Raquel Tardin e outros. -- Rio de Janeiro : Rio Books. UFRJ.PROURB, 2017 : 149p.: il.; 25 cm.
ISBN: 978-85-8497-018-3
ISBN: 978-85-88027-40-4
1. Planejamento urbano e paisagismo. I. Maya, Patrícia, org. II. Tardin, Raquel.
CDD. : 363.583

Rio Book's
Av. Pedro Calmon 550 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ
Telefone - 2252-0084
CAIXA POSTAL - 68544
CEP 21941-972
contato@riobooks.com.br . www.riobooks.com.br

PROURB - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo
Av. Reitor Pedro Calmon, 550
Prédio da Fau - Reitoria, 5. andar, sala 521
21941-901 - Rio de Jnairo / RJ
+55 21 3938 1990 e 3938 1984
prourb@fau.ufrj.br

Sumário

Apresentação	4				
ARTE	7	NATUREZA	57	CIDADE	109
Inundar para não inundar Daniel Arteaga	9	Parque Pedra e Água Aline Fayer	59	Pés, Aros e Trilhos Jonas Godinho	111
Brincar na Cidade Flora Olmos Fernandez	21	Parque Beira Linha Maini Perpétuo	71	(Re)pensando o Morro Lara Barreira	123
Paisagem, suporte na arte Israel Nunes	33	Parque do Martelo Taís Alvino	83	Entre Jardins, Cultura e Lazer Vinícius Almeida	135
Reunindo as Madureiras Paulo Siqueira	45	Parque Abierto Úrsula Hernández Vélez	97		
				Síntese	147
				Créditos	148

Apresentação

Patricia Maya e Raquel Tardin

Nesta publicação, apresentamos uma compilação dos onze projetos produzidos pelos discentes do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística na disciplina Oficina de Projeto II, realizada no primeiro semestre de 2016. Registre-se que o MPAP agrega docentes e discentes de diversas áreas do conhecimento, relacionadas à construção da paisagem: geógrafos, arquitetos e urbanistas, biólogos, paisagistas, advogados, entre outros, responsáveis pelo trabalho multidisciplinar e transdisciplinar proposto.

A Oficina buscou a prática do projeto paisagístico a partir da exploração das relações entre os espaços livres e ocupados e o sítio paisagístico como um todo, com a valorização das dinâmicas biofísicas e socioculturais como geratrizes projetuais. Os mestrandos foram instados a pensar/ planejar/ projetar a paisagem de acordo com uma problemática por eles determinada. Os projetos foram desenvolvidos individualmente e em lugares específicos selecionados pelos alunos, os quais se situavam, em sua maioria, em recortes espaciais próximos àqueles pensados para serem abordados nas dissertações de mestrado de cada um. As reflexões e projetos desenvolvidos na oficina visaram estimular a experiência projetual a partir de diferentes aportes teóricos, explorações práticas e linguagens de representação, instigando posturas criativas que perpassassem o processo de projeto. Em suma, abordamos as principais dinâmicas da paisagem como uma estratégia inspiradora de propostas projetuais alternativas para a criação de novas paisagens.

Na primeira etapa, de *concepção*, foram apresentados métodos de apreensão de intervenção na paisagem, os quais guiaram os debates teóricos. Houve também a discussão das problemáticas trazidas pelos alunos, inserindo-as no contexto

da produção e da reflexão contemporânea sobre o projeto paisagístico. A análise dos recortes espaciais evidenciou dinâmicas socioculturais (conteúdos sociais, percepções, expressões e representações da cultura) e biofísicas (relacionadas à água, vegetação, topografia e solos) existentes em diferentes escalas e rebatidas, espacial e funcionalmente, nos elementos/processos da paisagem. Tais análises desdobraram-se na identificação de problemas e potencialidades referentes à realização e preservação das dinâmicas estudadas, de acordo com a problemática escolhida e suas interfaces (positivas ou negativas) com o contexto urbano. A partir das inter-relações observadas, os alunos desenvolveram a conceituação dos projetos e as estratégias de intervenção na paisagem. Como resultado dessa etapa, houve a apresentação e discussão dos projetos entre os alunos, os professores da disciplina e convidados. Na etapa seguinte, de *desenvolvimento*, foram elaboradas alternativas de projeto com base nas estratégias traçadas anteriormente. Estas buscaram sua estruturação nas dinâmicas encontradas no lugar, nas “lógicas” da vida humana e da natureza. As apresentações finais dos projetos abarcaram o desenvolvimento total dos trabalhos e novamente foram discutidas em seminário, com a presença de convidados externos.

Aqui, estas propostas estão organizadas a partir de três aspectos definidores - e mesmo constitutivos - da ideia de paisagem: Arte, Natureza e Cidade. Isto porque, na concepção de cada uma das propostas, apesar da abordagem ampla desenvolvida inicialmente, identificamos focos principais da ação projetual, advindos do caráter e da escala do território selecionado.



A R T E

A paisagem é arte, pois é produto da ação criadora e imaginativa sobre o território, que pode ser apreendido através dos sentidos. O território se torna paisagem quando é experienciado e desperta afetações mútuas entre quem vive e o que é vivenciado, as quais se manifestam sob diversas formas. Como aponta Augustin Berque¹, entre outros aspectos, é aquela capaz de construir epifanias desenhadas, poéticas, escritas e musicais acerca de uma dada paisagem. Dito de outro modo, quando as habilidades técnicas, artes e artesanias de povos e indivíduos, advindas de inúmeros tempos e espaços, se condensam nos elementos vivos e duros de um sítio, este se constitui em uma paisagem. Neste enfoque, consideramos que projetar a paisagem significa criar estímulos aos sentidos, às intuições e ao intelecto daqueles que irão perceber o espaço proposto à sua própria maneira, imaginá-lo e vivenciá-lo.

Patricia Maya e Raquel Tardin

¹ BERQUE, Augustin (1994). “Paysage, milieu, histoire” In: BERQUE, Augustin (org.) (1994). Cinq Propositions pour une Théorie du Paysage. Seyssel, France: Éditions Champ Vallon, pp. 11-29.

Daniel Arteaga

Bairro Andaraí, Rio de Janeiro, RJ
Área de intervenção: 2,5 ha

Este trabalho propõe uma paisagem híbrida, ora orgânica ora mecânica para o bairro Andaraí, a partir do rio Andaraí, hoje em dia oculto e ou considerado cenário de fundos.

A praça parque proposta deriva desta paisagem, multifuncional, que prioriza suas dinâmicas hídricas no meio urbano a favor do tratamento, conscientização e conexão com as águas urbanas da zona norte do Rio.

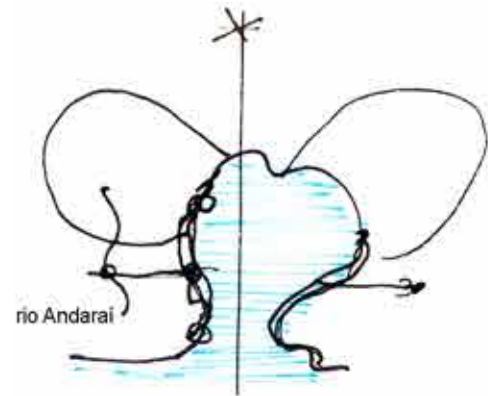
O cenário encontra-se num ponto de inflexão das encostas rochosas e arborizadas da Floresta da Tijuca, com o bairro que se estende desde as comunidades em cotas altas a condomínios em cotas baixas.

Inundar para não inundar

Praça Parque Rio Andaraí



F01 - Mais um rio que passou em nossas vidas.



F02 – Baía de Guanabara, elemento maior e Sub-Bacia do Canal do Mangue.



F03 – Vista desde a Baía de Guanabara para o Canal do Mangue.

A intervenção ocorre em um terreno que hoje abriga mais de uma empresa de ônibus, em uma área de mais de 2 hectares de espaço livre de edificações que hoje serve apenas como estacionamento e ponto de partida da linha urbana 217.

As águas do rio Andaraí formam parte da Sub-Bacia Hidrográfica do Canal do Mangue, isto é, fazem parte de um sistema maior, da Baía de Guanabara e são oriundas do maciço da Floresta da Tijuca.



F05 – Estacionamento de ônibus no Andaraí.

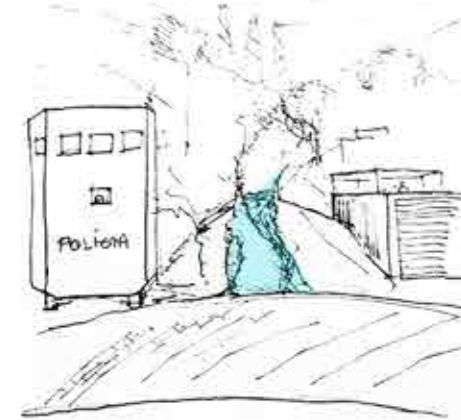


F06 – Rio Andaraí, seu vale, linhas da Light e terreno estudado.

- limite de vale do morro Andaraí Menor
- linhas de transmissão LIGHT
- talvegue de vale, rio Andaraí
- área trabalhada pela proposta



F04 – Pico da Tijuca, elemento mais alto do maciço da Floresta da Tijuca.



F07 – Nascente do rio e a Unidade de Polícia Pacificadora.



F08 – Canalização do rio e a UPP.



F09 – Rio e comunidade desassistidas.

A nascente do Rio Andaraí possui razoável conservação, tendo em vista o pouco investimento com programas de reflorestamento de nascentes e de proteção aos rios urbanos, hoje ocultos da cidade.

Atualmente o rio Andaraí encontra-se 90% canalizado, com entorno impermeável, em alguns trechos sob vias e lajes, não oferecendo qualquer tipo de interação com a população, além do perpétuo descaso.



F10 – Rio Andaraí, vala a céu aberto.



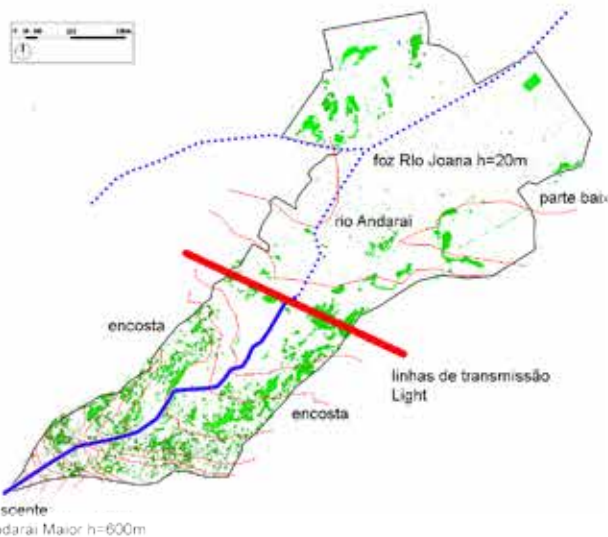
F11 – Linhas de transmissão Light, fronteira entre bairro e comunidade.



F.12 – Vista área do terreno estudado.



F.13 – Espaço construído.



F.14 – Espaço livre de edificações.

O rio Andaraí é notado após a rede elétrica da Light rumo às comunidades carentes. Grandes áreas verdes de difícil acesso sentido ao maciço da Floresta da Tijuca, pelo pico do Andaraí Maior com seus 600 metros de altitude nível mar. Uma região com potencial para o lazer diurno

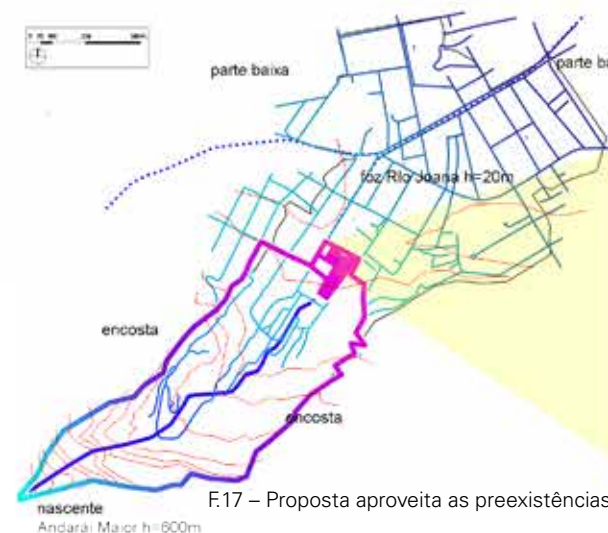
Os esquemas identificam as problemáticas do bairro como um todo sobre a ótica biofísica: estrangulamento de rios canalizados e em galerias, sob um intenso uso do solo pelo bairro.



F.15 – Perfil Longitudinal do Rio Joana.



F.16 – Vias como drenagem superficial.



F.17 – Proposta aproveita as preexistências.

O rio Andaraí é um dos rios contribuintes para as águas do rio Joana. Na análise do perfil longitudinal de cadastro do Rio Joana, o rio Andaraí não é citado.

As recentes obras de prevenção de enchentes nas cotas baixas da cidade, onerosas e ineficazes, não oferecem além do sistema de contenção, quando em muito uma praça árida replicada pela cidade (Praça da Bandeira, Varnhagen e Niterói).

Há qualidade nas duas últimas embora o foco não fora evidenciar o sistema hídrico, muito menos tratar ou reaproveitar a água, apenas as retêm em grandes piscinões

subterrâneos, em uma cidade com problemas de enchentes.

A proposta, ao contrário, evidencia o canal, o rio Andaraí, tira partido das encostas, da topografia íngreme, coleta toda a água oriunda do vale, que se forma sobre o rio através de canaletas criadas sobre as vias adjacentes, que permitem pela própria cota natural que as águas se reúnam no parque como desejado.

Este sistema de coleta deságua em equipamentos de lazer do parque, que em dias de grandes precipitações se transformam em piscinas de superfície, que retardam as águas e as tratam antes de serem reaproveitadas ou despejadas enfim no sistema de drenagem do Canal do Mangue.



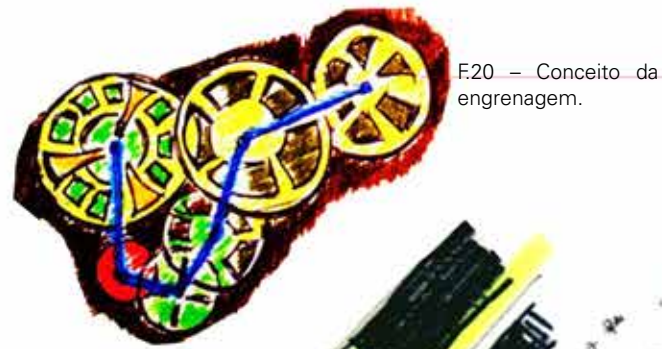
F.18 – Vista com esquema da proposta sobre terreno estudado.

A paisagem híbrida, multifuncional, citada neste trabalho paisagístico, deriva de conceitos e referências que assumem protagonismo nas cidades contemporâneas, que necessitam de equipamentos que atendam as demandas sociais, ambientais e culturais, que dialoguem com o entorno direto e mais distante.

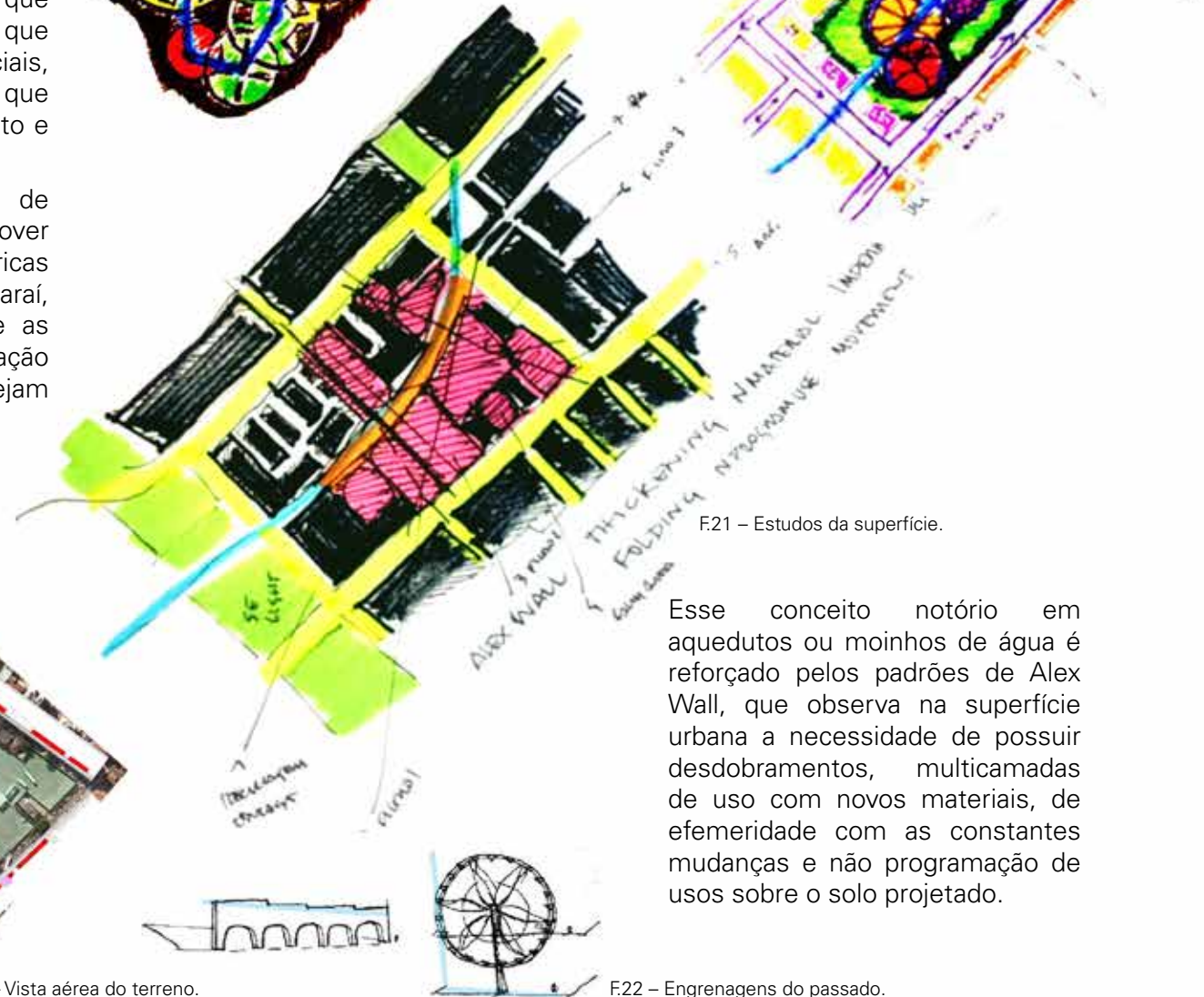
O conceito mecânico de engrenagem é pensado para prover eficiência às dinâmicas hídricas do Praça Parque do Rio Andaraí, sendo fio condutor para que as propostas de coleta, requalificação e redistribuição das águas sejam realizadas de modo perene.



F.19 – Vista aérea do terreno.



F.20 – Conceito da engrenagem.



F.21 – Estudos da superfície.

Esse conceito notório em aquedutos ou moinhos de água é reforçado pelos padrões de Alex Wall, que observa na superfície urbana a necessidade de possuir desdobramentos, multicamadas de uso com novos materiais, de efemeridade com as constantes mudanças e não programação de usos sobre o solo projetado.



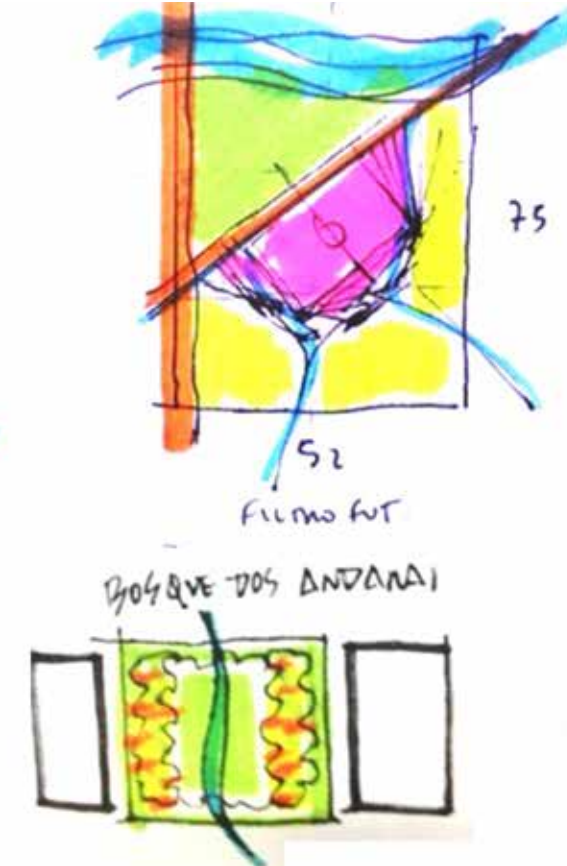
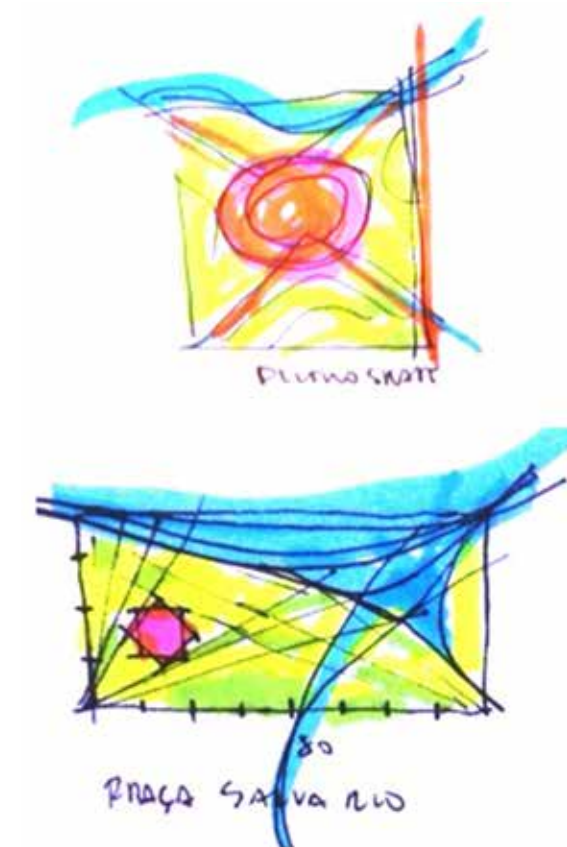
F.22 – Engrenagens do passado.

O conceito orgânico leva em consideração as etapas biológicas da cidade como uma extensão do ser humano e da natureza. Os insumos, consumos e rejeitos são previstos na proposta assim como a necessidade do homem de se comunicar e interagir com a natureza da água e vegetal.

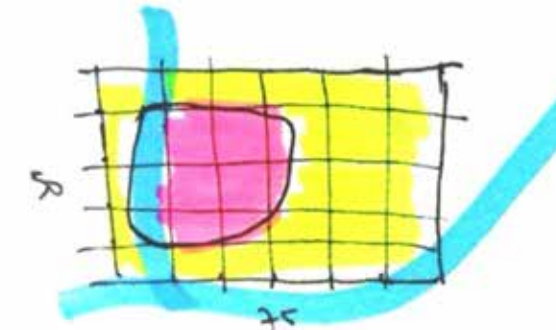
O clima é considerado junto a água, elemento fundamental para a conceituação orgânica do trabalho, que reconhece a necessidade de trabalhar de forma integrada com ciências tais como a geografia, geologia, química e botânica, sempre em sintonia com as ciências sociais, políticas e econômicas para viabilidade de uma intenção projetual ecológica.



F.23 – Organicidade no passado.



F.24 – Croquis provocativos de ideias orgânicas a partir do sistema climático.

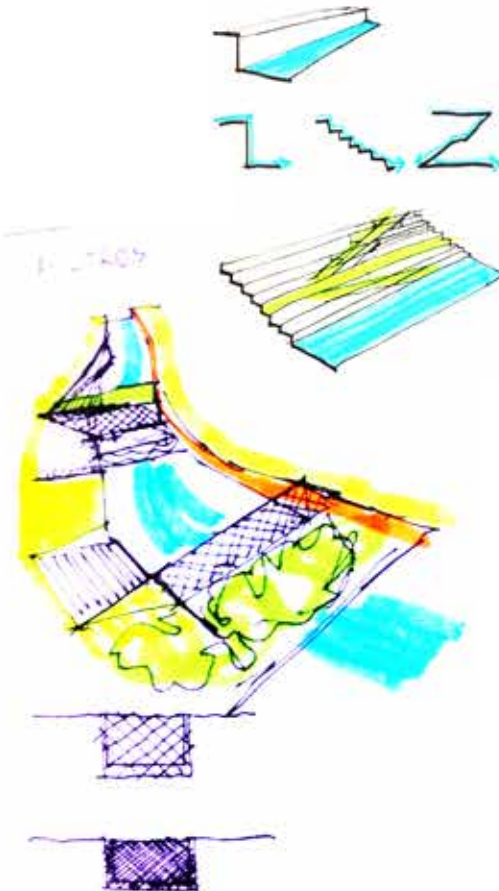


F.25 – Croquis provocativos de ideias orgânicas a partir do elemento água.

Os desenhos demonstram preocupação com a topografia permeável, trabalhada para retardar o fluxo das águas a jusante do rio e tratá-las.

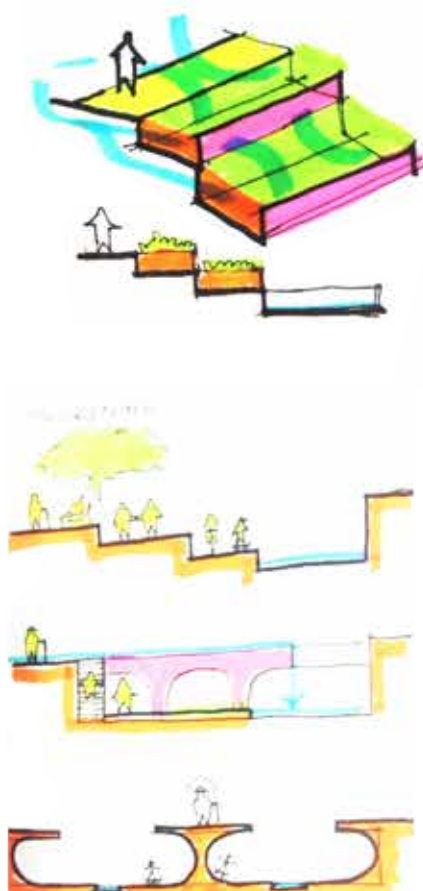
Apesar desta ação, nem toda impermeabilização é indesejada. Para reter as águas contidas

F26 – Retenções e filtragens.



em piscinas de superfície em dias com altas precipitações, foram desenhados pisos de alta resistência em áreas que em dias secos tornam-se excelentes espaços para esportes de alto impacto, tais como skate, ciclismo, escaladas artificiais, futebol de

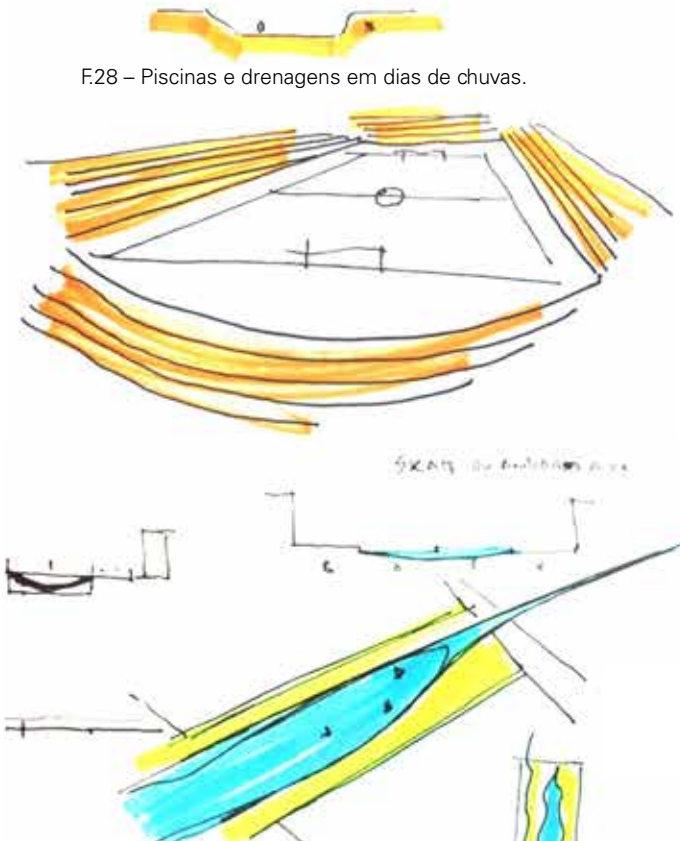
F27 – Permeabilidade e multicamadas de usos.



salão e quadras poliesportivas.

O parque é sentido pelo entorno através de canaletas que funcionam como drenagem em dias chuvosos e vias exclusivas de ciclistas e demais esportes sobre rodas em dias de sol, sem precipitações.

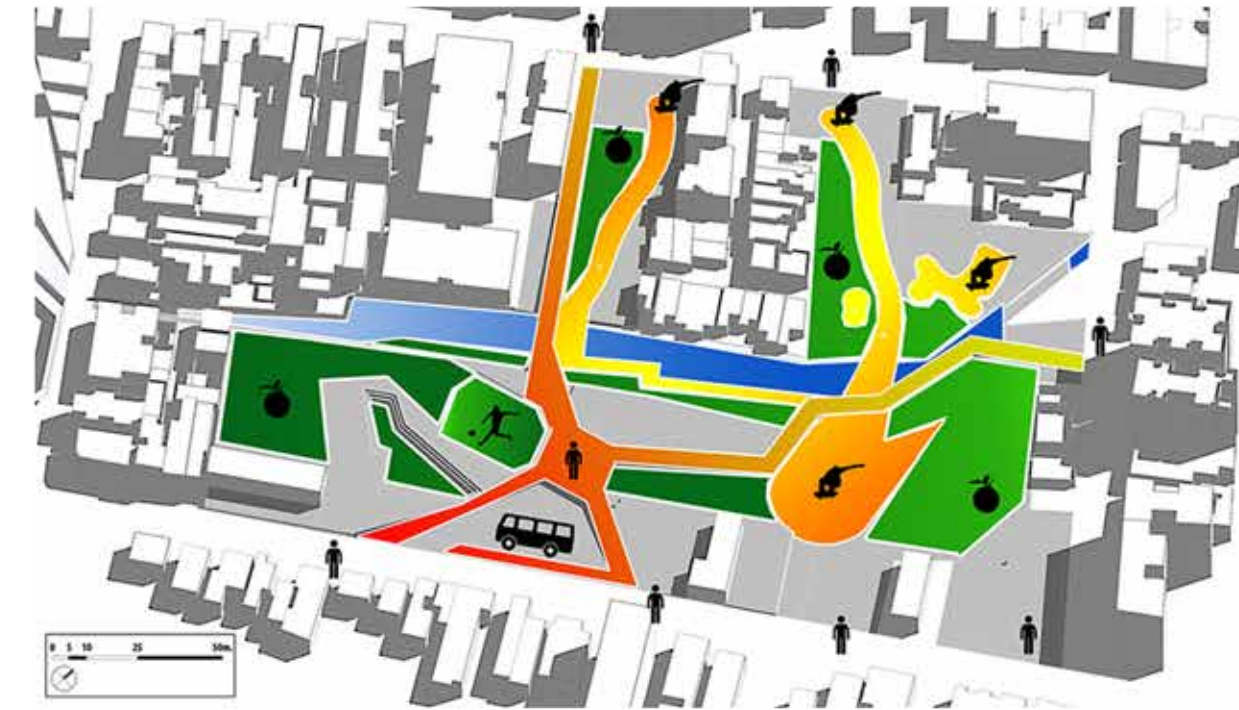
F28 – Piscinas e drenagens em dias de chuvas.



O esquema programático da Praça Parque do Rio Andaraí esclarece os fluxos e desníveis intencionais para atender a dinâmica urbana do entorno e fluxos dos elementos naturais.

Apesar da remoção dos estacionamentos de ônibus, o serviço de transporte coletivo é mantido pela escassez de opções na região e integrado a proposta de maneira eficaz.

Mesmo em dias de chuvas intensas, em que o parque esteja tomado pelas águas, passarelas e pisos elevados sobre as piscinas manterão o acesso ao transporte, garantindo a mobilidade da região e interação do público com o parque.



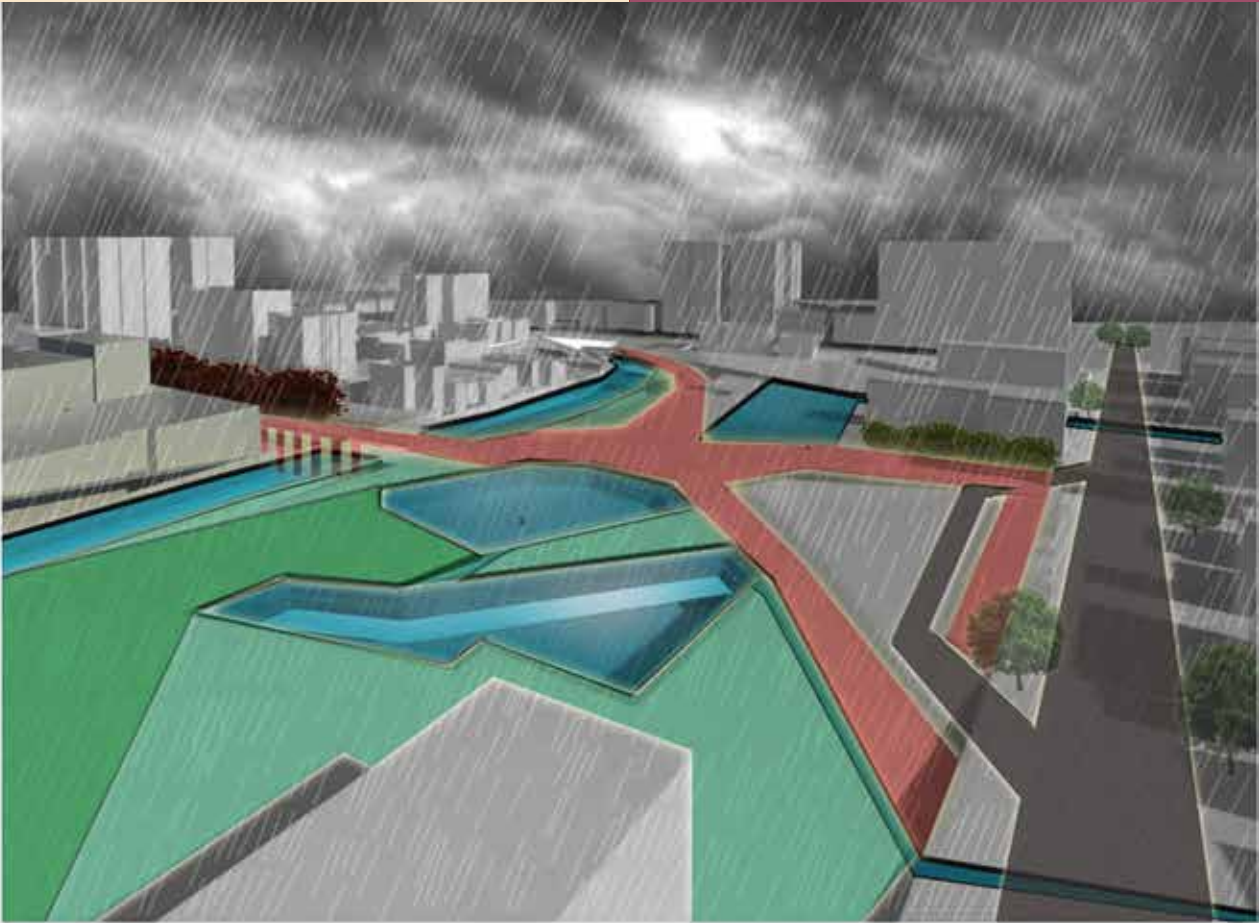
F29 – Planta esquemática de usos da proposta em dias sem grandes precipitações.



F30 – Corte transversal, perpendicular ao rio, em dia seco.

A topografia favorece o acúmulo de água no parque de forma natural, cumprindo sua função. A permeabilidade do solo em vários trechos do parque fortalecerão a contenção e retardarão o acúmulo de águas, protegendo a região central da cidade, mais crítica contra as enchentes.

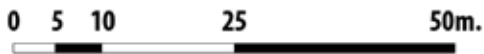
O parque, em contrapartida ao antigo uso, almeja purificar o ar e amenizar o microclima local do bairro oferecendo espaços para replantio de sistemas maiores de vegetação de mata atlântica (dado a proximidade à Floresta da Tijuca), de árvores frutíferas e hortaliças, visando criar espírito de pertencimento com os moradores e usuários do Praça Parque do Rio Andaraí.



F31 – Perspectiva de usos da intervenção, em dias com grandes chuvas.



F32 – Corte longitudinal, paralelo ao rio em dias secos.



Referências Bibliográficas

ALEXANDER, Christopher. *A pattern language*, Berkeley, Oxford University Press, 1977.

DE URBANISTEN, *Watersquare* Benthemplein Rotterdam Holanda 2013.

HOUGH, Michael. *Cities and Natural Process*, 1a edição. New York, Routeledge, 1995.

WALL, Alex. Programming the urban surface. In Corner J. (ed) *Recovering Landscape: essays in contemporary landscape architecture*. New York, Princeton Architectural Press, p. 233-249, 1999.

<http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/>, acessado em julho de 2016.

<http://www.ecoeficientes.com.br/quais-especies-de-plantas-conseguem-filtrar-a-agua/>, acessado em julho de 2016.

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/03/piscinoes-construidos-pela-prefeitura-do-rio-nao-evitam-alagamentos.html>, acessado em julho de 2016.

<http://oglobo.globo.com/rio/apos-dois-anos-de-atraso-piscinao-da-praca-varnhagen-inaugurado-19490254>, acessado em julho de 2016., acessado em julho de 2016.

<http://www.charcoscomvida.org/biodiversidade/flora/plantas-flutuantes/lentilha-de-agua>, acessado em julho de 2016.

<https://seagrant.uaf.edu/news/2016/06-13-16-elodea-floatplane-management.php>, acessado em julho de 2016.

[https://www.google.com.br/h?q=rabo+de+raposa&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUK EwjBv4OFuvTNAhXKEJAKHfXACsgQ_B&biw=1366&bih=667#tbs=isz:l&tbm=isch&q=capim+rabo+de+raposa&imgrc=6hhfUtiFlTr57M%3A](https://www.google.com.br/h?q=rabo+de+raposa&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjBv4OFuvTNAhXKEJAKHfXACsgQ_B&biw=1366&bih=667#tbs=isz:l&tbm=isch&q=capim+rabo+de+raposa&imgrc=6hhfUtiFlTr57M%3A), acessado em julho de 2016.

<http://www.aquafluxus.com.br/alagar-para-nao-inundar-uso-de-pracas-para-controle-de-inundacoes-urbanas/>, acessado em julho de 2016.

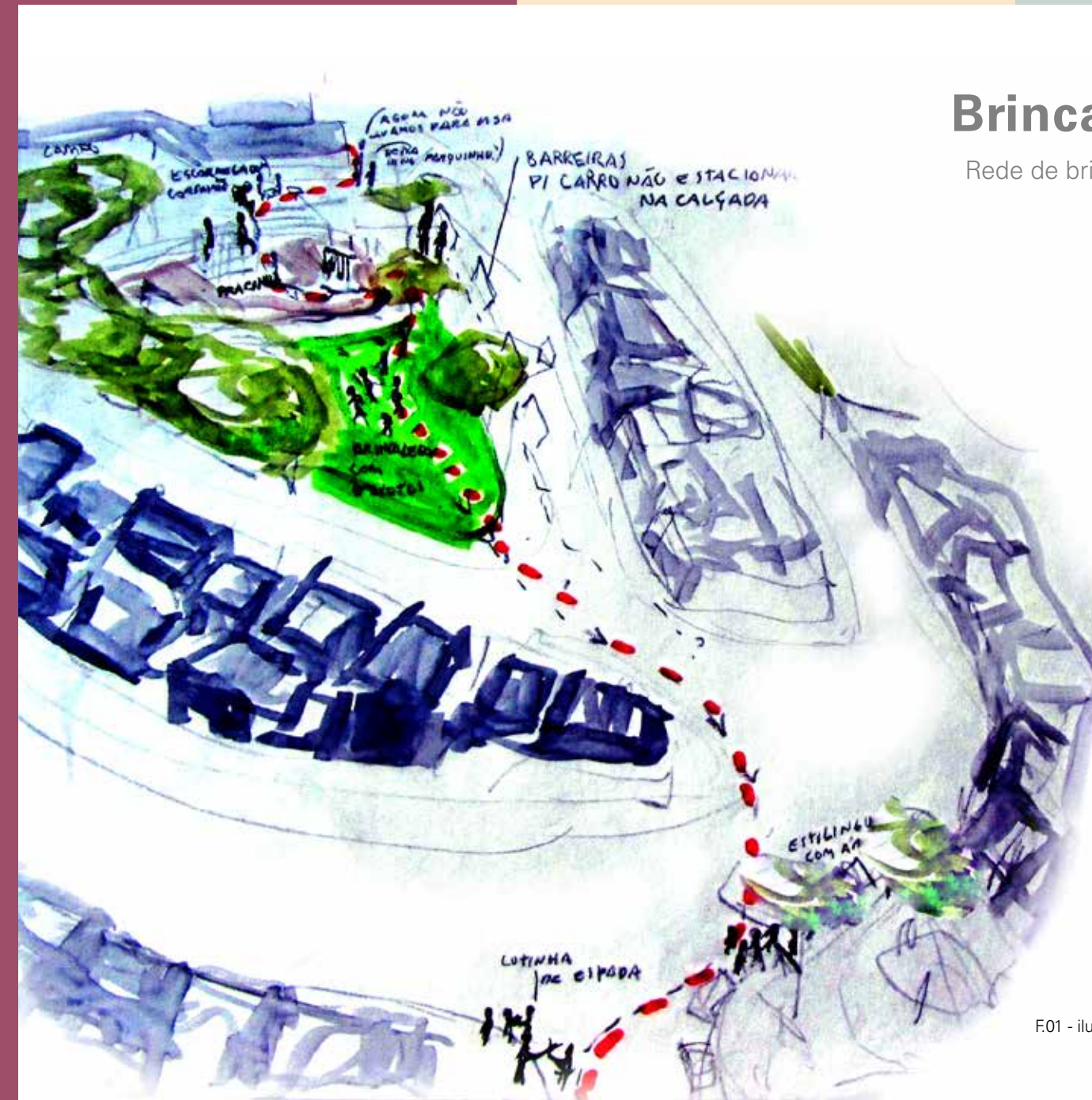
Flora Olmos Fernandez

Espaços Livres Públicos de 5 bairros
na Ilha do Governador, Rio de
Janeiro, RJ
Área de intervenção: 407,52ha

Este projeto propõe um sistema de espaços de brincar na cidade. Aborda questão sobre a relação da criança com a cidade como ponto de partida, no qual os fatores da medida entre a liberdade e o controle e a acessibilidade são fatores fundamentais para garantir a possibilidade da criança na rua. A partir da ótica do brincar fazem necessárias a diversidade e abertura a apropriação, na busca de intervenções que favoreçam a relação do brincar com os elementos da paisagem.

Brincar na Cidade

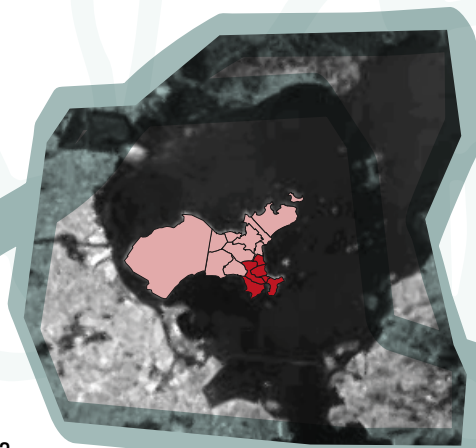
Rede de brincar na Ilha do Governador



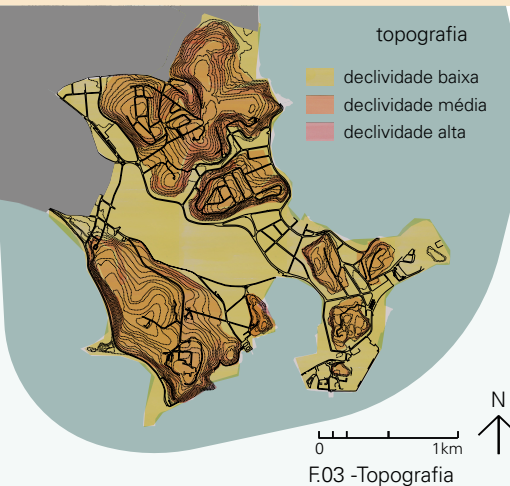
F01 - ilustração crianças brincando

Lugar

A área escolhida para realizar este sistema de espaços de brincar compreende os bairros da Ribeira, Cacua, Zumbi, Pitangueiras e Praia da Bandeira (F.02). A escolha foi determinada pelo grande potencial paisagístico e a situação geográfica dos mesmos, que apesar de se encontrarem em uma grande cidade, apresentando dificuldades de acesso por transporte público e, ao mesmo tempo, com necessidade de grandes deslocamentos, o fato de estarem em uma área periférica da ilha, possibilita que se estabeleça uma relação de comunidade que é fundamental para criar uma zona segura para as crianças brincarem nos espaços livres públicos.



F.02 -Localização
Fonte: google maps, 2016

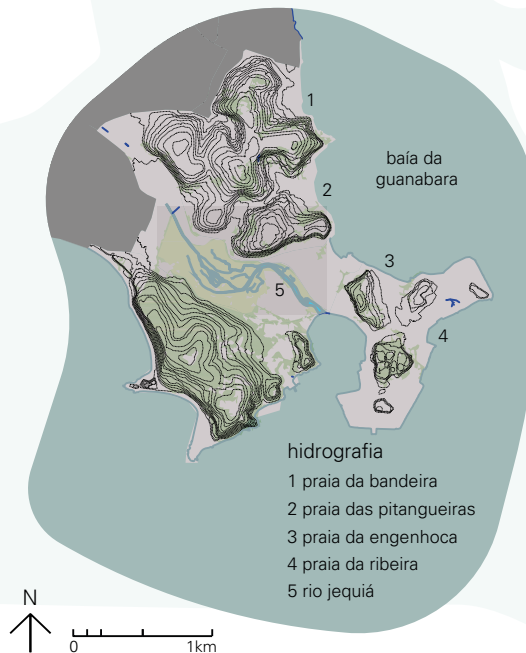


F.03 -Topografia

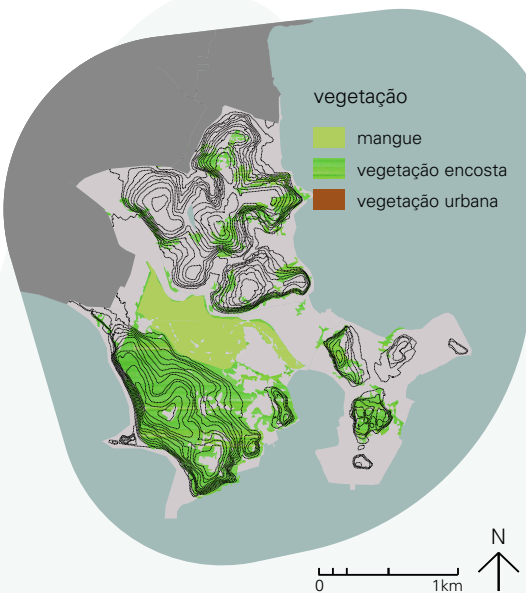
A topografia deste trecho da ilha apresenta morros com desníveis de 60 metros e uma área de baixada formada, em grande parte, devido ao aterramento do mangue (F.03).

É banhado pela Baía de Guanabara e o Rio Jequiá. A Baía sofre com a poluição tanto urbana, quanto industrial. As praias não são balneáveis. O rio Jequiá é o único rio da Ilha do Governador e se mantém em área de proteção (F.04).

A vegetação nativa remanescente é formada pelo manguezal APARU (Área de preservação e recuperação ambiental), que margeia o Rio Jequiá, e de resquícios de mata nas encostas dos morros onde a declividade é alta (F.05).



F.04 - Hidrografia

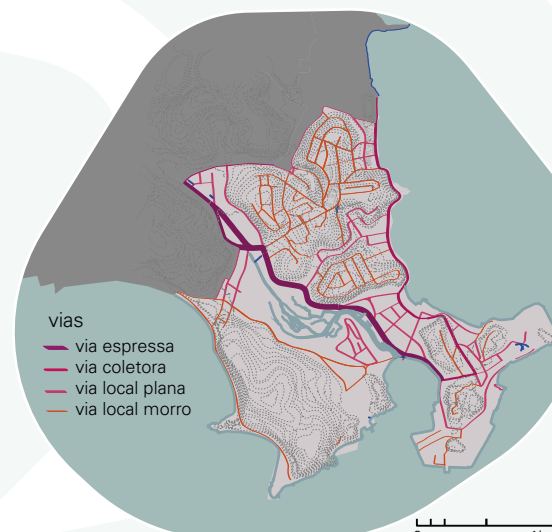


F.05 - Vegetação

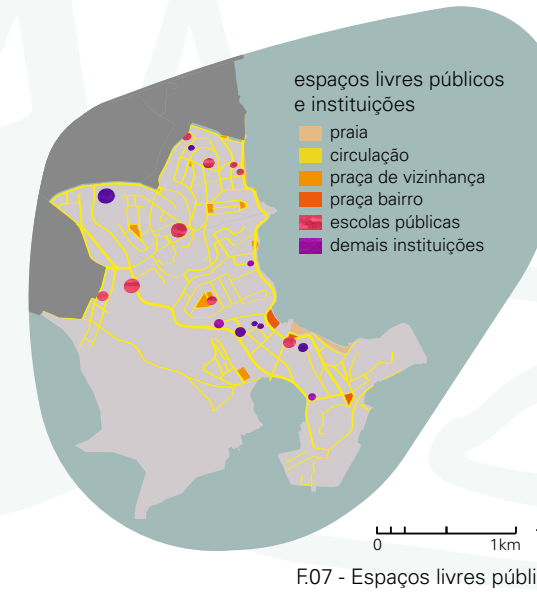
Elementos urbanos

Este conjunto de bairros apresenta uma diversidade de morfologias construtivas, decorrente da topografia, contendo duas comunidades, (a Boggie Woogie e a Aldeia de Pescadores Z-10), os conjuntos habitacionais conhecidos como Tijolinho na Praia da Bandeira e casas de classe média a alta nos bairros Ribeira e Zumbi.

As vias também apresentam morfologias distintas devido a situação topográfica e costeira. A acessibilidade da região pelo pedestre fica comprometida pela falta de locais de estacionamento de veículos, e também calçadas



F.06- Vias



F.07 - Espaços livres públicos

estreitas e mal cuidadas que frequentemente são ocupadas por carros. As orlas são áreas de velocidade mais alta e trânsito mais intenso e a falta de sinalização para travessia dificulta o acesso e apropriação das praias (F.06).

A orla da Baía da Guanabara e a orla do rio Jequiá representam um grande potencial de espaços livres na região, contendo praças e parques ao longo da “orla baía” e a ciclovia na orla rio. Também são presentes praças de vizinhança nos morros (F.07).

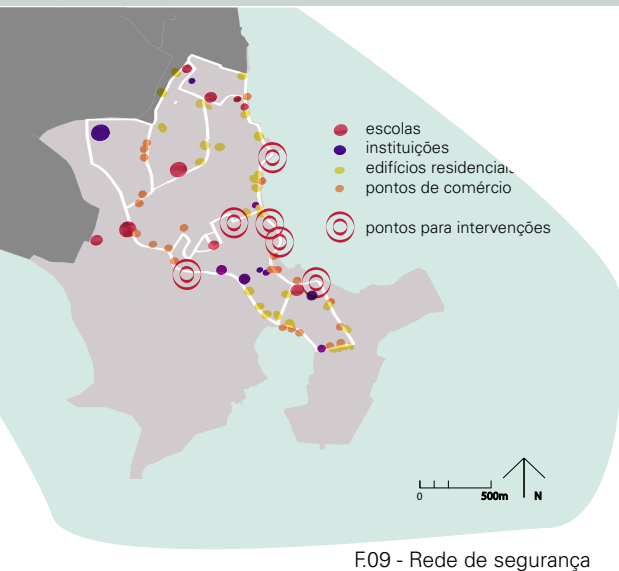
Elementos socioculturais

A pesca e o futebol são atividades frequentes e de grande importância para região, que ainda apresenta marcos históricos e simbólicos da Ilha, como a Ponta do tiro, a Estátua de Iemanjá, a estátua do Leão, a escola de Samba e as feiras da Ribeira e do Cocotá (F.08).



F.08 - Elementos culturais

Apartirdestaleiturafoidesenvolvido o projeto do sistema de espaços de brincar considerando o acesso, a segurança e a liberdade, a diversidade e abertura a apropriação como guias para intervenção.



F.09 - Rede de segurança

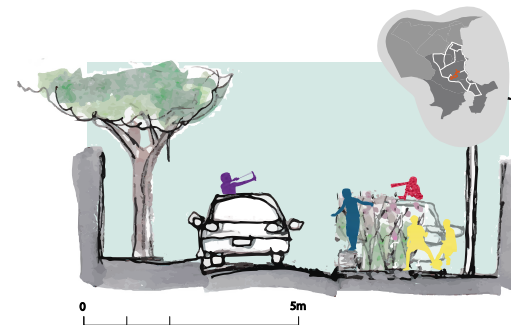
Segurança, liberdade e acesso

A criança precisa de espaço para desenvolver sua autonomia, mas, para isso e para se sentir livre e à vontade para brincar, necessita de segurança. A partir do levantamento do sistema de espaços livres e das instituições, foi definido um conjunto de percursos a serem trabalhados neste projeto. Também foram mapeados os comércios locais e edifícios com zelador, considerando que estes estabelecimentos, ao já estarem olhando para rua, são potenciais contribuidores para esta rede de segurança (F.09).

A partir desse mapeamento ficaram visíveis pontos frágeis e pontos cegos, que poderiam oferecer mais possibilidade de risco para as crianças. Nesses pontos seriam propostos equipamentos tal como, quiosques, apoios para pesca, entre outros, de forma a criar alguma visibilidade para o local.

Outro fator que se relaciona com a segurança refere-se a qualidade das vias e sua acessibilidade. Na área de projeto, a preponderância do carro no espaço público é onipresente, ora pela velocidade, na estrada do Rio Jequiá e na orla da Baía da Guanabara, ora pelos carros estacionados nas calçadas.

As vias de circulação da área apresentam diferentes características devido à situação geográfica. Assim, para cada situação foram propostas diferentes intervenções nas vias:



F.10 - Vias locais inclinadas

As vias locais inclinadas

Situação:

- pouco fluxo de carros;
- calçadas estreitas e interrompidas por postes e árvores;
- automóveis nas calçadas.

Proposta:

- diminuir o leito carroçável;
- diminuir a velocidade dos carros;
- ampliar as calçadas e criar áreas para estacionamento intercaladas por áreas de estar para pedestre.

As vias locais planas

Situação:

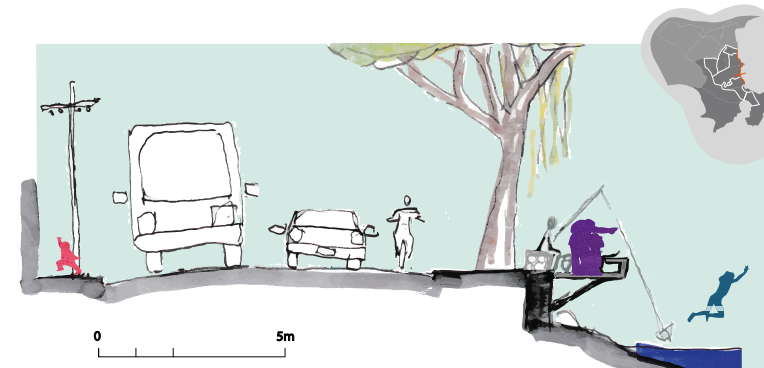
- médio fluxo de carros;
- carros estacionados nas calçadas;
- calçadas estreitas.

Proposta:

- diminuir o leito carroçável;
- ampliar as calçadas;
- proibir o estacionamento de veículos.



F.11 - Vias locais planas



F.12 - Orla Baía

A via orla baía

Situação:

- alto fluxo de veículos nos dois sentidos;
- calçadas estreitas.

Proposta:

- alargamento das calçadas;
- redução das vias de automóveis;
- redução da velocidade;
- alargamento das calçadas com decks.

A via orla mangue

Situação:

- via de alto fluxo de veículos;
- calçadas com carros estacionados;
- orla com ciclovia e sem calçada.

Proposta:

- diminuição do leito carroçável;
- diminuição da velocidade;
- alargamento das calçadas;
- implantação de decks;
- criação de praças.



F.13 - Orla mangue

Com estas medidas o projeto procura viabilizar o acesso das crianças às instituições e aos espaços livres públicos de forma mais autônoma. A intenção é que estes percursos, além de darem acesso, possibilitem que as brincadeiras aconteçam no caminho. E para dar abertura à apropriação necessária para que esta brincadeira ocorra, a intenção é implantar objetos e elementos que possam causar um estranhamento ou curiosidade.

Diversidade e abertura

“Quando a imaginação da criança encontra a natureza, ela se potencializa e se torna imaginação criadora! A natureza tem a força necessária para despertar um campo simbólico criador na criança” (PIORSKI, 2016). Neste contexto, Piorski distingue nas múltiplas brincadeiras diferentes formas de expressão que apresentam naturezas diferenciadas em: terra, água, ar e fogo.

Com base nesta distinção, a intenção foi identificar características biofísicas e socioculturais que poderiam se aproximar e potencializar as diversas naturezas do brincar de modo que estabelecessem uma relação com o lugar.

Desta forma, a diferença de cada situação evidencia os múltiplos ambientes, criando várias possibilidades de interação. Ao mesmo tempo, essa intervenção tem a intenção de favorecer este encontro com a especificidade de cada lugar, sem gerar determinações de uso e possibilitando abertura à apropriação livre como meio do brincar.

terra



Em praças e marcos simbólicos para a comunidade.

Estratégias: potencializar o encontro, a introspecção e a construção de uma identidade e coletividade.

Ações: espaços com dimensões acolhedoras, nichos que possibilitem esconderijo e espaços de construção com diversos materiais.

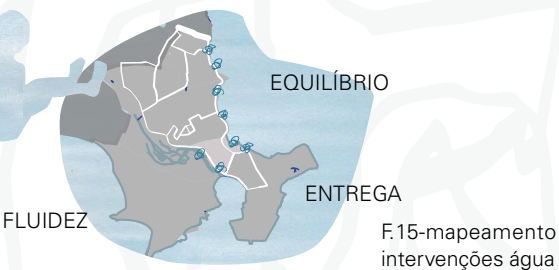
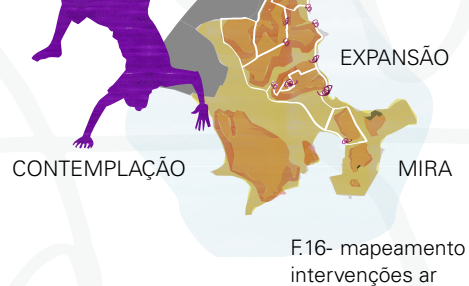
água

Em beiras de corpos d'água existentes.

Estratégia: favorecer o acesso à Baía e ao Rio com diversas gradações.

Ações: jatos de água, píeres, despoluição das águas.

ar



Em pontos com amplitude visual a partir da topografia.

Estratégia: favorecer movimentos expansivos e contemplação.

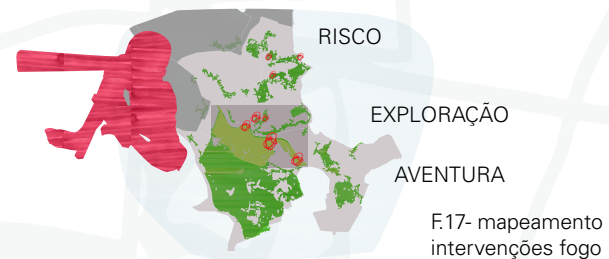
Ações: campos abertos e brinquedos-mirantes para elevar o ponto de vista.

fogo

Em áreas com vegetação nativa.

Estratégia: favorecer atividades de desbravamento e risco.

Ações: criar trilhas e aberturas em meio a vegetação, transposições de diferentes dificuldades, que desafiem as crianças.



Matriz de elementos

Os limites entre uma e outra brincadeira são flexíveis e ela pode ter, ao mesmo tempo, natureza de fogo e água e pode transitar de uma a outra na trajetória da brincadeira. Os espaços somam uma matriz de atributos, e com a sobreposição dos mapas apresentados anteriormente, surgem ações e tipos de brincadeiras.

Para exemplificar, foram escolhidas duas áreas de intervenção para projeto, de forma que fossem abarcadas diferentes escalas de projeto e intervenções seguindo os elementos terra, água, ar e fogo.

Assim, optou-se pelo Parque Almirante Sousa de Melo (1) e a Praça Patrocina Periera de Carva (2) que se diferenciam também pela situação topográfica. A primeira área localiza-se na baixada, próxima ao mar, e a segunda no topo de um morro.





Parque Almirante Sousa de Melo

A Praia do Zumbi apresenta um importante conjunto de espaços livres da Ilha do Governador formado pelo Parque Almirante Sousa de Melo, com cerca de 10.000m² e a praia balneável do Zumbi, sendo separadas pelo iate clube existente. A partir do levantamento encontrou-se um potencial para as brincadeiras de terra, ar e água e foram projetadas as seguintes intervenções:

TERRA

- arquibancada;
- área de estar em patamares;
- tanque de areia.

AR

- área descampada;
- brinquedo-mirante.

ÁGUA

- um píer;
- jatos de água na praça;
- morrotes.

F19- imagem intervenção no parque Almirante Sousa de Melo

Praça Patrocina Periera de Carva

A Praça Patrocina Pereira de Carva encontra-se no topo do morro no bairro Pitangueiras. Apesar de a localização caracterizá-la como uma praça de vizinhança, essa tem cerca de 5.800 m². Conforme a análise realizada, a área apresenta potencial para brincadeira com os elementos:

TERRA

- praça livre, brinquedos de descida, e nichos;

AR

- gramado;
- brinquedos de subida;
- casa da árvore/ mirante.

FOGO

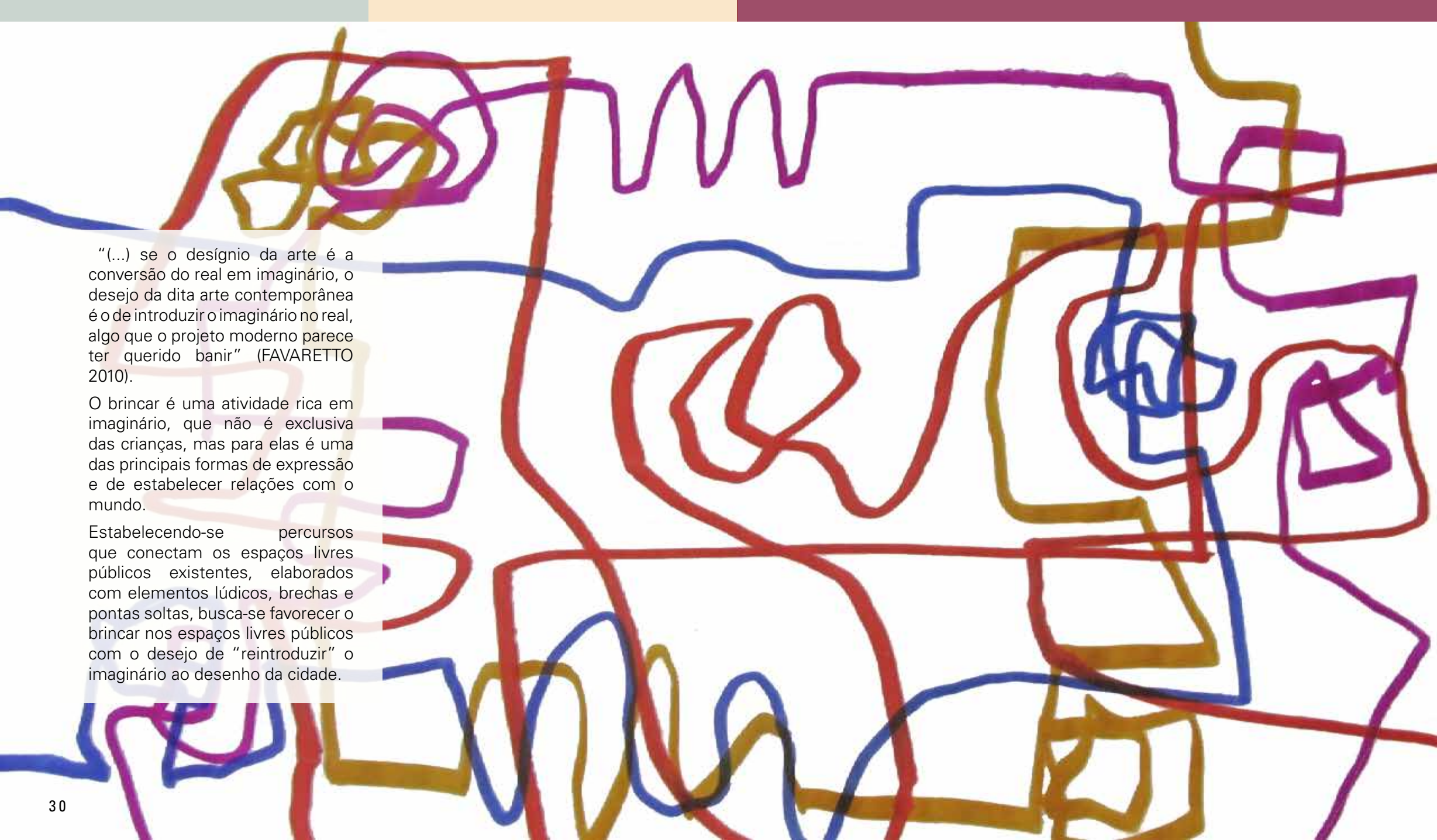
- trilha;
- escalada de árvores;
- desafios.

F20- imagem intervenções praça Patrocina Periera de Carva



LEGENDA

- 1 ESCADA - ARQUIBANCADA
- 2 ESCORREGADOR
- 3 BRINQUEDOS NO BOSQUE
- 4 GRAMADO
- 5 BRINQUEDO - MIRANTE
- 6 QUADRA
- 7 POMAR



“(...) se o desígnio da arte é a conversão do real em imaginário, o desejo da dita arte contemporânea é o de introduzir o imaginário no real, algo que o projeto moderno parece ter querido banir” (FAVARETTO 2010).

O brincar é uma atividade rica em imaginário, que não é exclusiva das crianças, mas para elas é uma das principais formas de expressão e de estabelecer relações com o mundo.

Estabelecendo-se percursos que conectam os espaços livres públicos existentes, elaborados com elementos lúdicos, brechas e pontas soltas, busca-se favorecer o brincar nos espaços livres públicos com o desejo de “reintroduzir” o imaginário ao desenho da cidade.

Referências Bibliográficas

FAVARETTO, Celso. *Deslocamentos: entre arte e vida*. < <http://www.scielo.br/pdf/ars/v9n18/v9n18a07.pdf>> acesso em 19/03/2017

LYNCH, K. e CARR, S. (1995b /1968). “Where Learning Happens”, In T. Banerje e M. Southworth (eds) *City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch*, Cambridge, MA:MIT Press

MUNARI, Bruno. *Fantasia*. Lisboa, Edições 70, 2007-1997.

TONUCCI, Francesco. *Ciudades a la escala humana: la ciudad de los niños*. Revista Educación, número extraordinário, 2009.

WALL, A. (1999). “Programming Urban Surface”, In N. CORNER, J (Org). *Recovering landscape: essays in contemporary landscape architecture*. New York: Princeton Architectural Press, pp. 233-249.

Filmes:

MEIRELES, Renata; David REEKS. *Território do Brincar*. Brasil, Maria Farinha Filmes 2015

RHODEN, Cacau. *Tarja Branca: a revolução que faltava*. Brasil, Maria Farinha Filmes 2015

PIORSKI, Gandhi. Videoconferência *Diálogos do Brincar: Criança e natureza*. Território do brincar, 2016 <<https://www.youtube.com/watch?list=PL1llaKMwWzezNUDiAq2ezTWyIn0inewCY&v=L4u8pnqMkQQ>> acesso agosto 2016

Israel Nunes

Orla da Avenida em Ilhéus, BA
Área de intervenção: 110 ha

Ensaio paisagístico na orla assoreada, com o propósito de construir uma ligação da paisagem com a arte, por meio da resignificação dos processos naturais e culturais, buscando uma renovação do espaço público que promova a formação de um novo sentido coletivo de lugar.

Paisagem, suporte na arte

Ensaio paisagístico para a Orla da Avenida em Ilhéus, Bahia

F01 - Maquete conceitual.

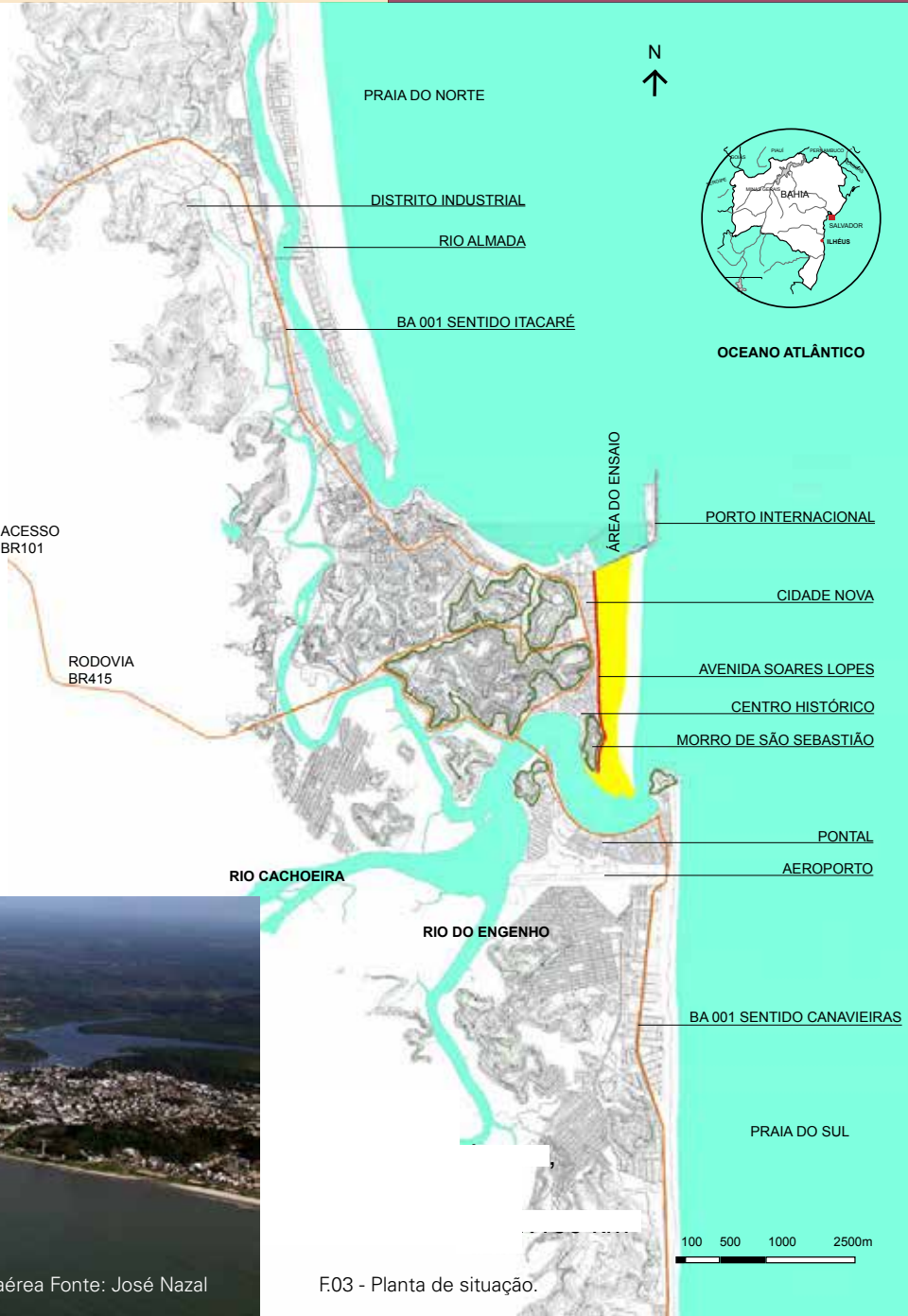
Projeto de paisagem

O ensaio foi desenvolvido na orla da Avenida Soares Lopes, área nobre da cidade de Ilhéus, do centro à cidade nova, com a intenção de produzir um espaço público aberto à construção coletiva e artística.

Considerando o projeto paisagístico como um instrumento de injeção de vitalidade social e institucional, reconhecendo como estratégia cada vez mais relevante no urbanismo contemporâneo.



F02 - imagem aérea Fonte: José Nazal



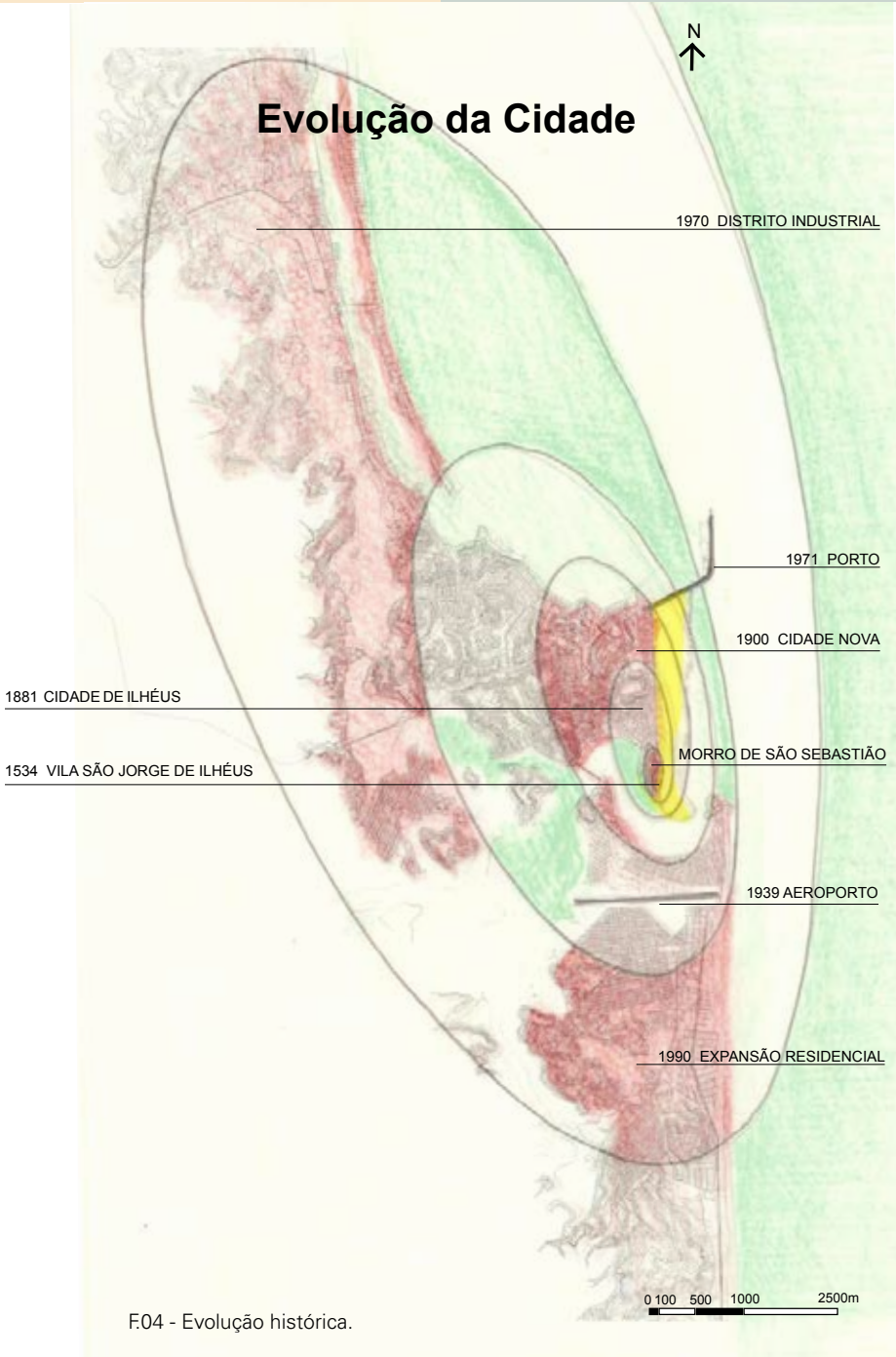
F03 - Planta de situação.

Ilhéus, cidade das mais antigas do Brasil, com origem no século XIV. Foi capitania hereditária em 1535 e nasce no Outeiro de São Sebastião, Vila de São Jorge dos Ilhéos. Elevada a categoria de cidade São Jorge dos Ilhéos, em 18 de junho de 1881. Hoje Ilhéus.

A região iniciou como grande produtora de cana de açúcar, mas, no final do século XVIII, com a importação de mudas de cacau da Amazônia, Ilhéus e a região viram brilhar diante de si um novo eldorado. O apogeu econômico durou até o final de 1980. Com a praga da “Vassoura de Bruxa” na lavoura cacaujeira veio o declínio e a estagnação econômica, só agora apresenta os primeiros sinais de superação.

Famosa em todo o Brasil por ambientar a literatura dos consagrados escritores Adonias Filho e Jorge Amado, filhos da região.

O município tem população estimada em 178.210 habitantes (IBGE, 2016).



F04 - Evolução histórica.

Abordagem biofísica

O trecho do ensaio é uma paisagem ativa que nasce da mutação natural, orla marítima exposta com processo de assoreamento ao longo dos últimos 45 anos decorrente da construção do Porto Internacional do Malhado.

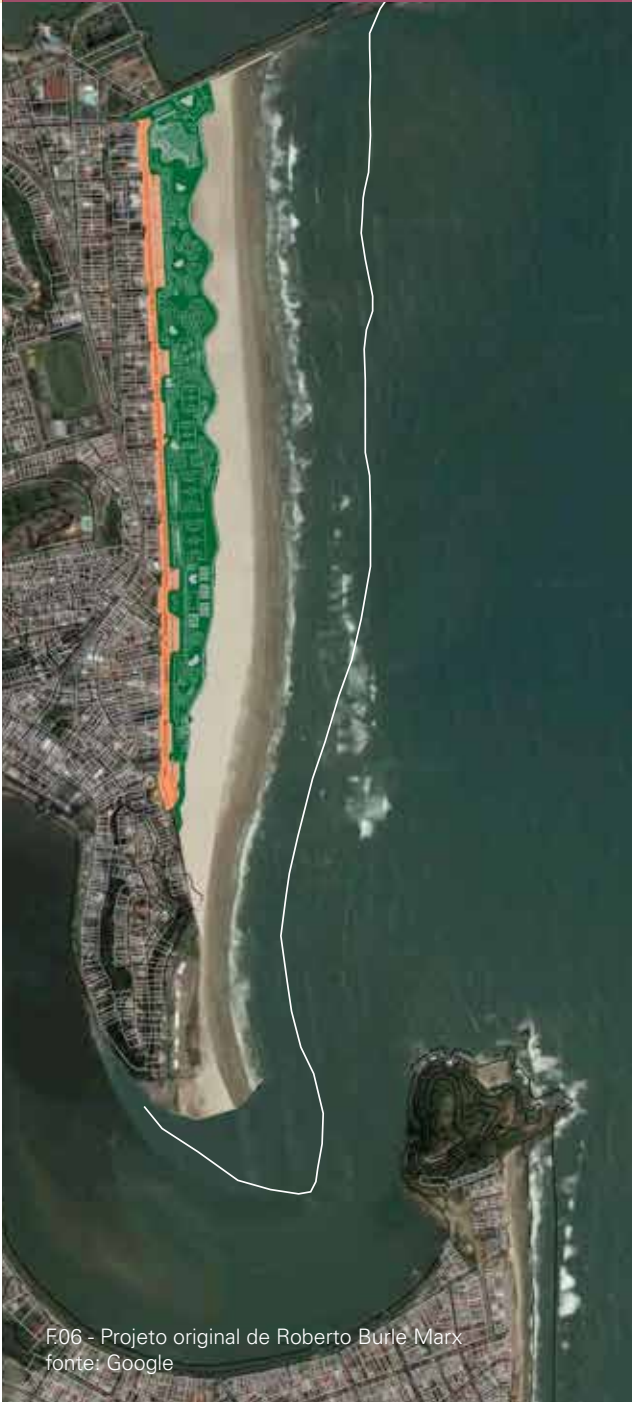
Tem como atributos naturais: praia em mar aberto, onde em 2006 foi criado o Parque Municipal Marinho da Pedra de Ilhéus, e em 2007 este trecho integrava, como prioridade, o Projeto Orla devido a importância da sua localização para a cidade.

Atualmente encontra-se tomado por vegetação espontânea, rasteira herbácea em processo de regeneração e outras espécies vegetais introduzidas no período implantação de Parque São Sebastião, projeto de autoria do paisagista Roberto Burle Marx, iniciado em 1986, mas que infelizmente não chegou a ser concluído. Hoje encontra-se abandonado com aspecto de um grande terreno baldio.

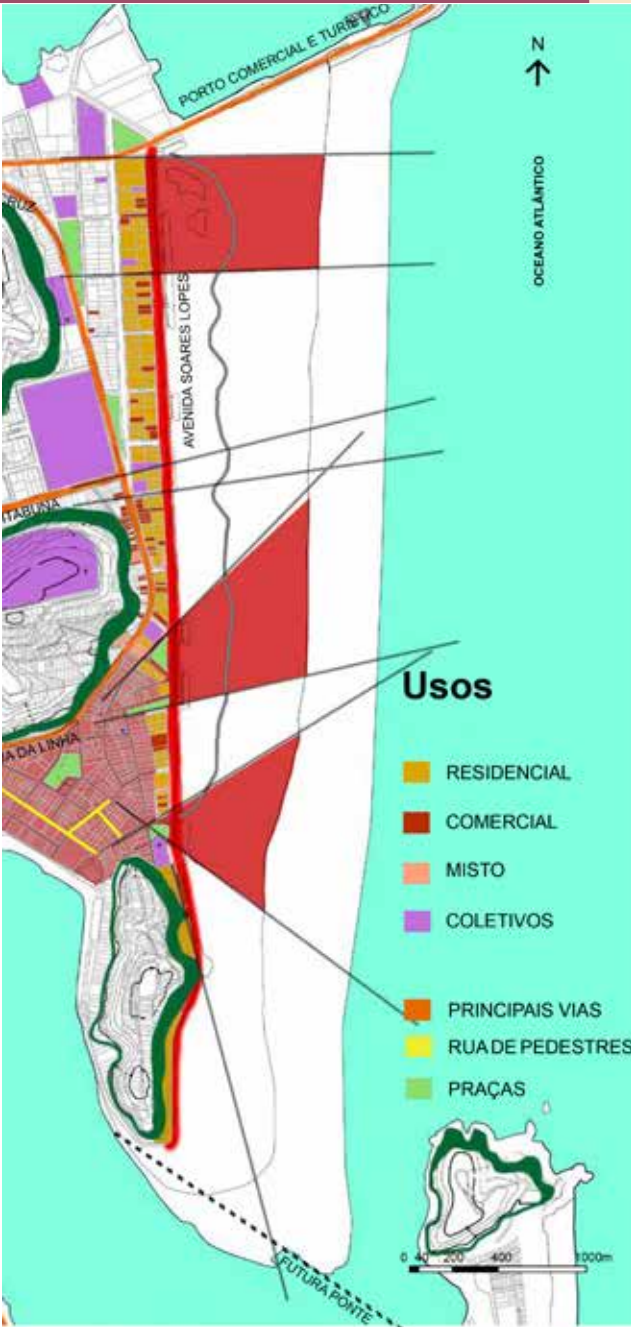
Devido ao clima quente e úmido,tem chuvas abundantes durante todo o ano.



F05 - Vista aérea. Fonte:José Nasal, 2014



F06 - Projeto original de Roberto Burle Marx
fonte: Google



F07 - Mapa de usos



F08 - Vista aérea. José Nasal, 2014

Abordagem sociocultural

Faixa delimitada pela Avenida Soares Lopes, a mais importante da cidade, com ocupação consolidada e totalmente urbanizada com usos residencial, comercial e de lazer, sendo as atividades econômicas mais significativa o turismo e os serviços. Avenida onde acontece os principais eventos populares, religiosos e oficiais. Nela encontra-se as três principais praças da cidade: Praça Dom Eduardo, onde se situam a Catedral de São Sebastião, o Bar Vesúvio e o Teatro Municipal de Ilhéus; a Praça Rui Barbosa, onde se encontram a Igreja de São Jorge e o Palácio Misael Tavares; e a Praça Castro Alves, local da Biblioteca Municipal e de encontro da juventude no final da tarde.

A população não frequenta mais a praia, pela dificuldade de acesso ou pela distância que a praia se encontra. A insegurança é outro agravante.

Paisagem experimental

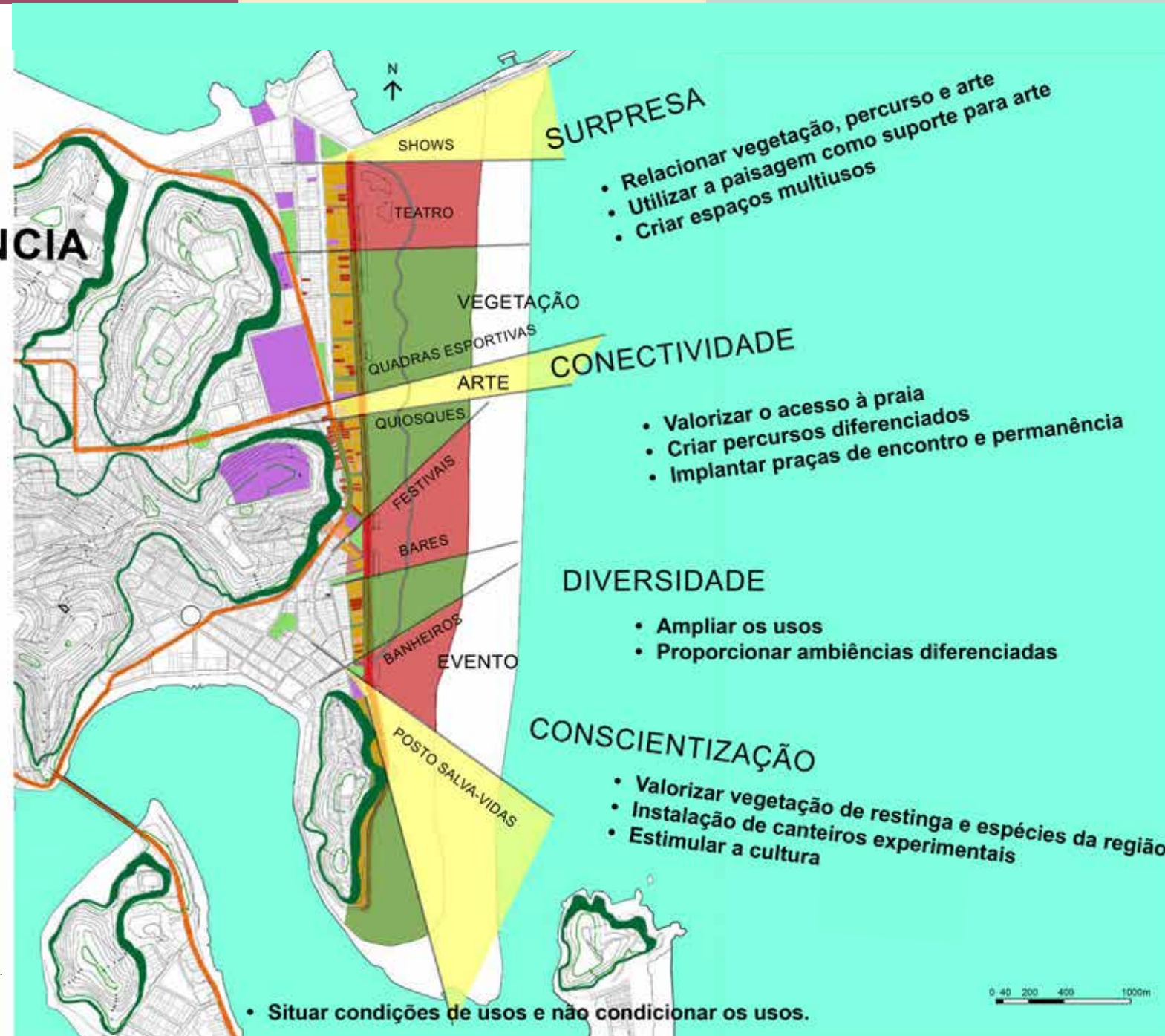
O ensaio propõe um parque público em diálogo com a cidade, numa aproximação entre paisagismo, arquitetura e arte. Um programa flexível, vivo, que possa ser continuamente reinventado e adaptado às necessidades e anseios da população e dos artistas convidados a proporem intervenções como plataformas ativas na formação da cultura contemporânea, elevando a paisagem além do pictórico e contemplativo, e estruturando condições para novas relações e inter-relações entre os elementos que a suportam.

F.09 - Proposta.



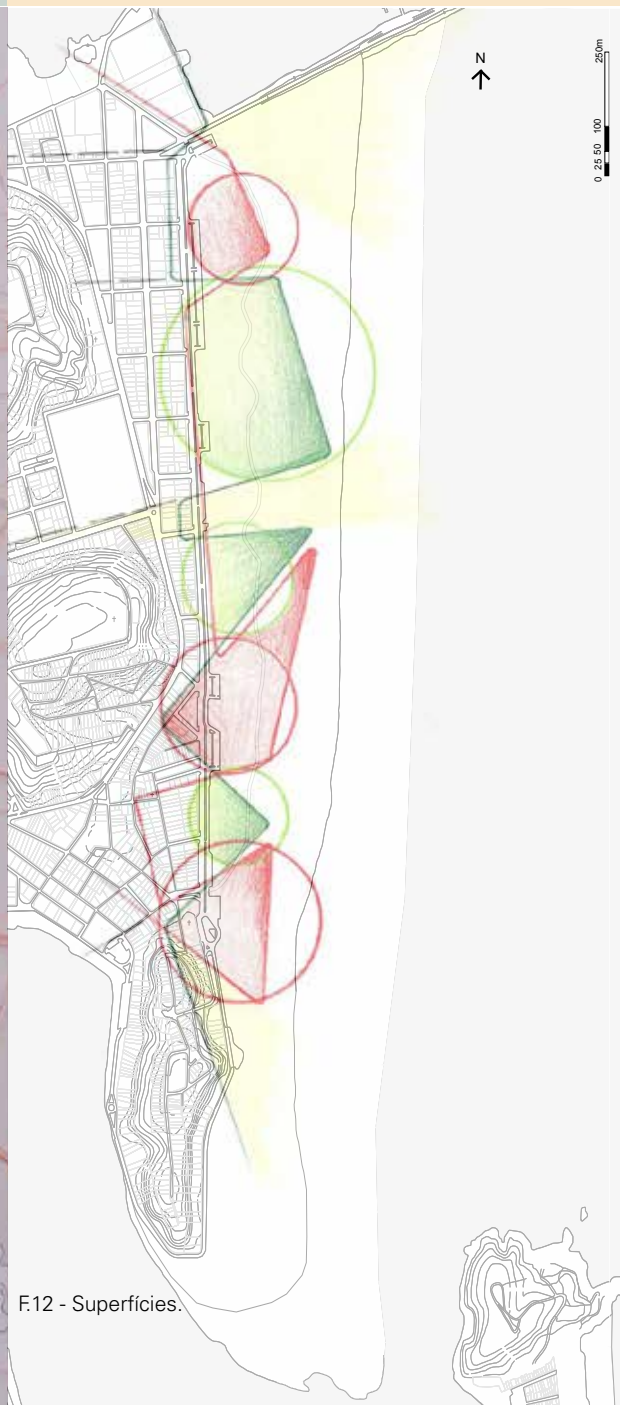
EXPERIÊNCIA

F.10 - Partido.





F.11 - Percursos livres.



F.12 - Superfícies.



F.13 - Vegetação.

O partido considera a escala urbana, a aproximação da cidade com a praia e o parque como conexão. Valorização das características físicas do lugar. Uma implantação em etapas como maneira de reconhecimento, oferecendo possibilidades de experiências dinâmicas para a população e artistas. Conexões abertas para novas linguagens e relações que possam ser exploradas nesse espaços públicos da cidade.

Linhas de força

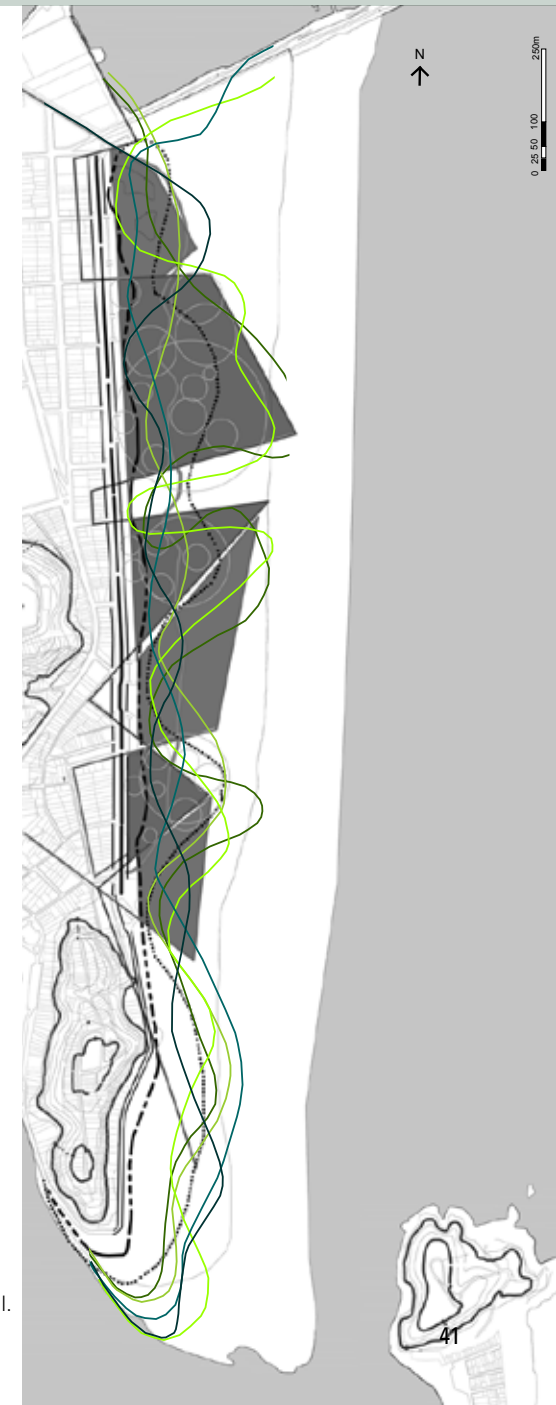
Os percursos e acessos foram o primeiro gesto projetual, eixos de circulação que ligam e distribuem como circuitos fluidos e dinâmicos, necessários para apropriações do lugar e promover o encontro com ritmos distintos, o passear, contemplar, vivenciar. Eixos lineares, buscando um acesso direto à praia e os sinuosos, percursos que proporcionam novas perspectivas da cidade, da Praia e do parque.

Superfícies

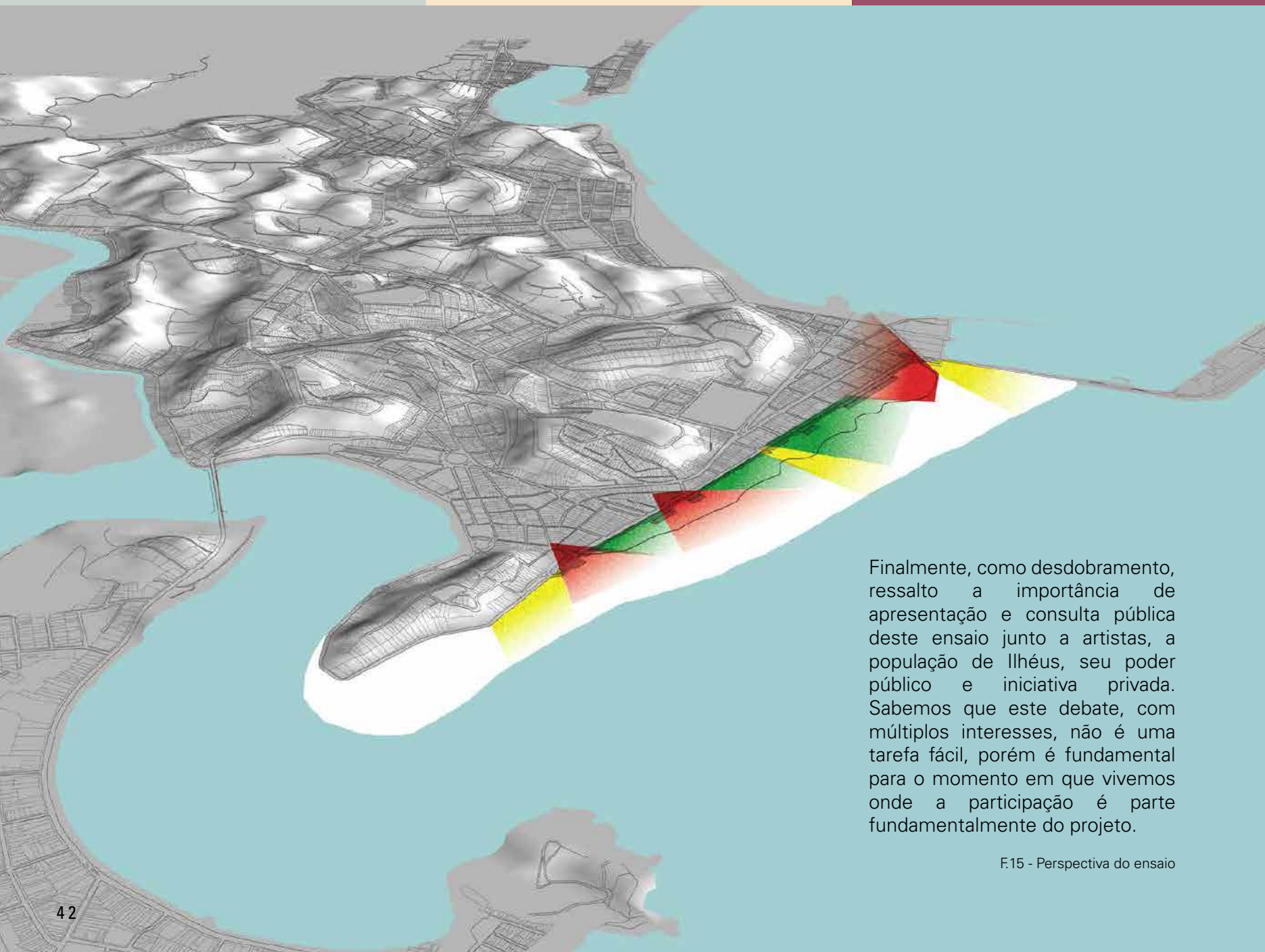
Considerando a observação da escala urbana, podemos ler as superfícies primárias a partir das faixas como o mar, a praia, o parque e a cidade. A área do parque, predominantemente plana, foi intercalada por três setores: áreas vegetadas, plataformas para intervenções de arte e áreas para eventos, onde já acontecem atividades em frente à praça Dom Eduardo, na praça Castro Alves e no entorno do centro de convenções.

Pontos

Estruturas pontuais que funcionam como âncoras, equipamentos necessários de apoio e infraestrutura para o funcionamento do parque, estimulando a prática de atividades coletivas ou individuais.



F.14 - Ensaio Projetual.



Finalmente, como desdobramento, ressalto a importância de apresentação e consulta pública deste ensaio junto a artistas, a população de Ilhéus, seu poder público e iniciativa privada. Sabemos que este debate, com múltiplos interesses, não é uma tarefa fácil, porém é fundamental para o momento em que vivemos onde a participação é parte fundamentalmente do projeto.

F.15 - Perspectiva do ensaio

Referências bibliográficas

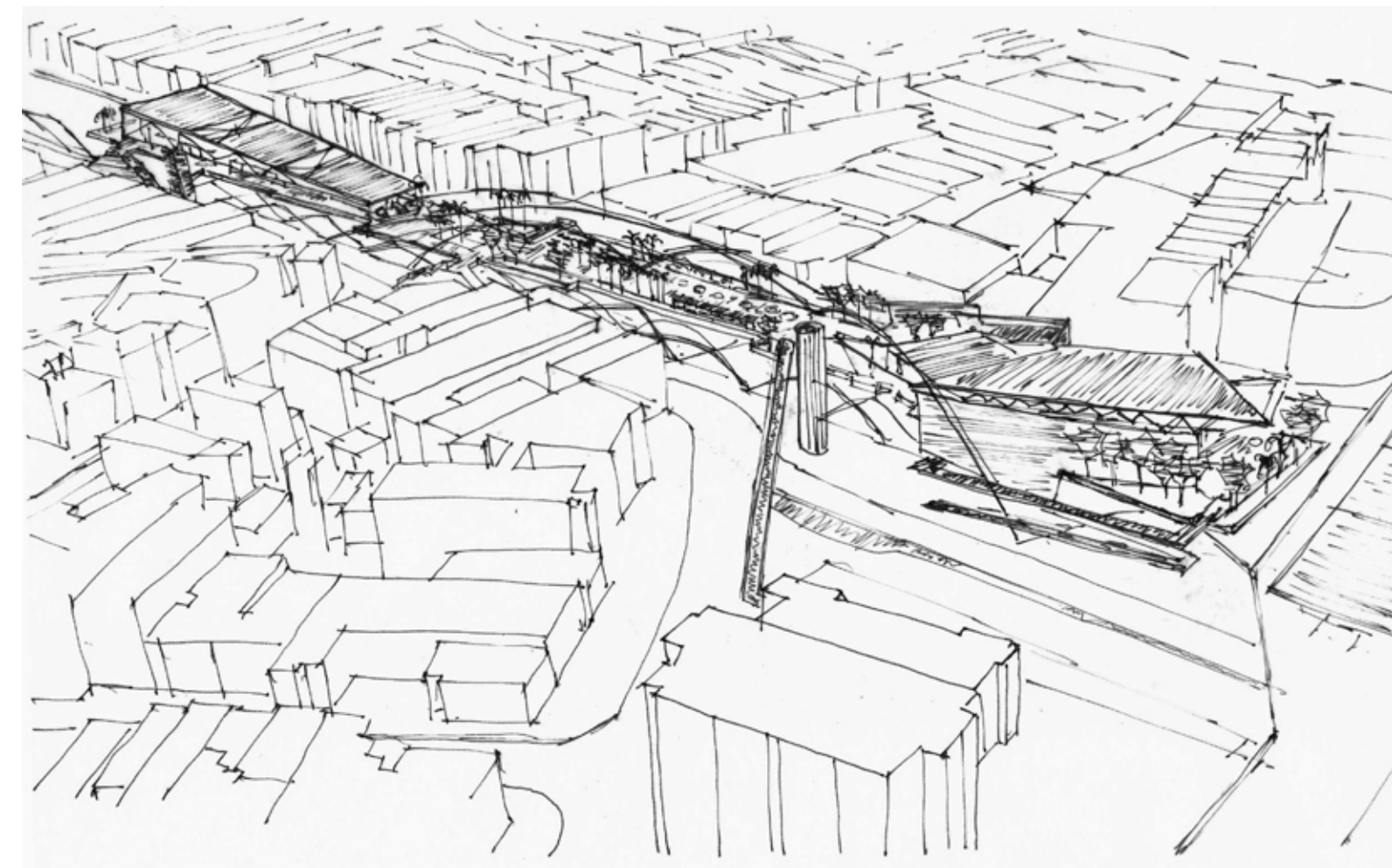
- BARTALINI, V. Paisagismo no Rio e em São Paulo. In: SCHICCHI (orgs) *Urbanismo: Dossiê São Paulo – Rio de Janeiro*. Campinas: Oculum Ensaio Edição Especial. p. 263-273. 2003.
- BRANDÃO, A; ROSÁRIO, M. *Estórias da História de Ilhéus*. Ilhéus-BA: Ed. SBS Ltda. 1970.
- CORNER, J.. Recovering Landscape as a Cultural Practice. In: Corner, J. *Recovering Landscape Essays in Contemporary Landscape Architecture*. Princeton: Architectural Press, p.1-26. 1999.
- COSTA, I. *Parques públicos Contemporâneos no Rio de Janeiro: A contribuição de Fernando Chacel*. In: Schicchi (orgs). *Urbanismo: Dossiê São Paulo - Rio de Janeiro*. Campinas: Oculum Ensaio Edição especial. p 275-285, 2003.
- FARAH, I; SCHLEE, M; TARDIN, R. *Arquitetura Paisagística Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Ed Senac, 2010.
- FOSTER, H. 1999. O artista como etnógrafo. In: *O Retorno do Real*, São Paulo: Cosac Naïf, p158-186. 2014.
- HALL, T; ROBERTSON, I. Public Art Urban Regeneration: Advocacy, Claim and Critical Debates. In: *Landscape Research*. Londres: Ed. P 5-26. Vol 26, 2001.
- PMI, 2007. *Projeto de Gestão Integrada da Orla Marítima Ilhéus*, Bahia: Prefeitura Municipal de Ilhéus.
- SHARP, J; POLLOCK, V; PADDISON, R. Just Art for Just City. In: *Urban Studies*, New York: Ed p.1001-102, vol 42, Nos 5/6, 2005.
- Wall, A. 1999. Programming the Urban Surface. In: Corner, J. *Recovering Landscape as a Cultural Practice*. Ed. Princeton: Architectural Press, p. 232-249. 1999.

Reunindo as Madureiras

Paulo Siqueira

Madureira, Rio de Janeiro/ RJ
Área de intervenção: 0,78 ha

O Projeto desenvolvido neste capítulo investiga relações entre arte e paisagem buscando pontos de encontro e convergência. Estas serão premissas para a intervenção na Estação Ferroviária de Madureira, uma ação que pretende reestruturar e reunir física e visualmente os lados do bairro divididos pela linha férrea e viadutos, tornando-a em um agente de costura e mediação para Madureira.



F01 - Perspectiva do Projeto.



F.02 - Localização Madureira.

Madureira é um bairro do Rio de Janeiro, localizado no coração da zona norte a 22 km do centro da cidade. Destaca-se pela localização estratégica em relação aos bairros vizinhos atuando como subcentro da cidade.

Escolas de Samba, Centros Culturais, Parque e o Comércio fazem de Madureira um grande protagonista cultural do subúrbio carioca. O bairro também tem problemas e entre eles estão o esvaziamento do centro a noite e a existência de grandes barreiras físicas e visuais que fragmentam e repartem o território. Esta fragmentação percebida na paisagem também ocorre em diversos bairros do subúrbio, cuja implantação da linha férrea resultou em uma condição particular de benefício e prejuízo para o espaço urbano. A cidade e os bairros recebem um transporte de massa e, em contrapartida, ficam fragmentados e divididos.



F.03 - Esquemas bairros zona norte.

Em Madureira essa divisão foi levada a patamares extremos. O bairro está dividido por duas linhas férreas, viadutos, torres de alta tensão e mais recentemente barreiras do BRT.

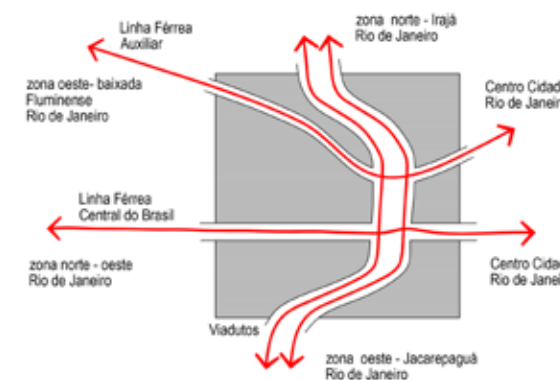


O que torna Madureira especial para esta análise é o modo particular que a população do bairro lida com estas condições. Apropriações artísticas e culturais transformam a paisagem e preenchem algumas lacunas que a fragmentação deixou no espaço, nos dando pistas sobre a capacidade de resiliência que elas propõem. Podemos ver exemplos: no Baile Charme realizado em baixo do Viaduto, nos ensaios nas Escolas de Samba, que eventualmente fecham ruas para ensaios e nas feiras populares nos finais de semana com apresentação de Jongo.

O projeto com ponto de partida na Estação Ferroviária de Madureira irá apoiar-se nesta combinação entre adaptação resiliente vista na população e criação poética, natural em Madureira, para criar uma costura na paisagem. Usando estratégias de criação da Arte iremos propor uma narrativa poética materializada em ação projetual, buscando criar uma releitura da paisagem cotidiana do bairro ao mesmo tempo em que reúna seus lados.

F.04 - Apropriações culturais. Fontes: <https://saladerecepcao.wordpress.com/2007/10/extra.globo.com-noticias-carnaval-carnaval-historico-bumbum-paticumbum-os-bastidores-do-ultimo-titulo-do-imperio-114647382>
Facebook Viaduto de Madureira
Facebook Jongo da Serrinha

Esquema 03
Madureira depois da implantação da linha férrea Central do Brasil, linha Férrea auxiliar, e viadutos



F.05 - Esquema.

Elementos Estruturantes Urbanos

A_ Linha Férrea Auxiliar + Estação de Magno

Inaugurada em 15 de fevereiro de 1908, a linha de ferro construída como linha auxiliar, atualmente liga o centro a Baixada Fluminense.

B_ Linha Férrea Central do Brasil + Estação de Madureira

Inaugurada em 15 de julho de 1890, a linha de ferro, originalmente criada para ligar a Corte as províncias. Atualmente liga o centro do Rio de Janeiro a Santa cruz.

C_ Quarteirões

Área edificada, trecho com maior concentração de comércio do bairro.

D_ Viaduto da Transcarioca + estações do BRT

Construídos em 2014, fazem parte do sistema viário BRT.

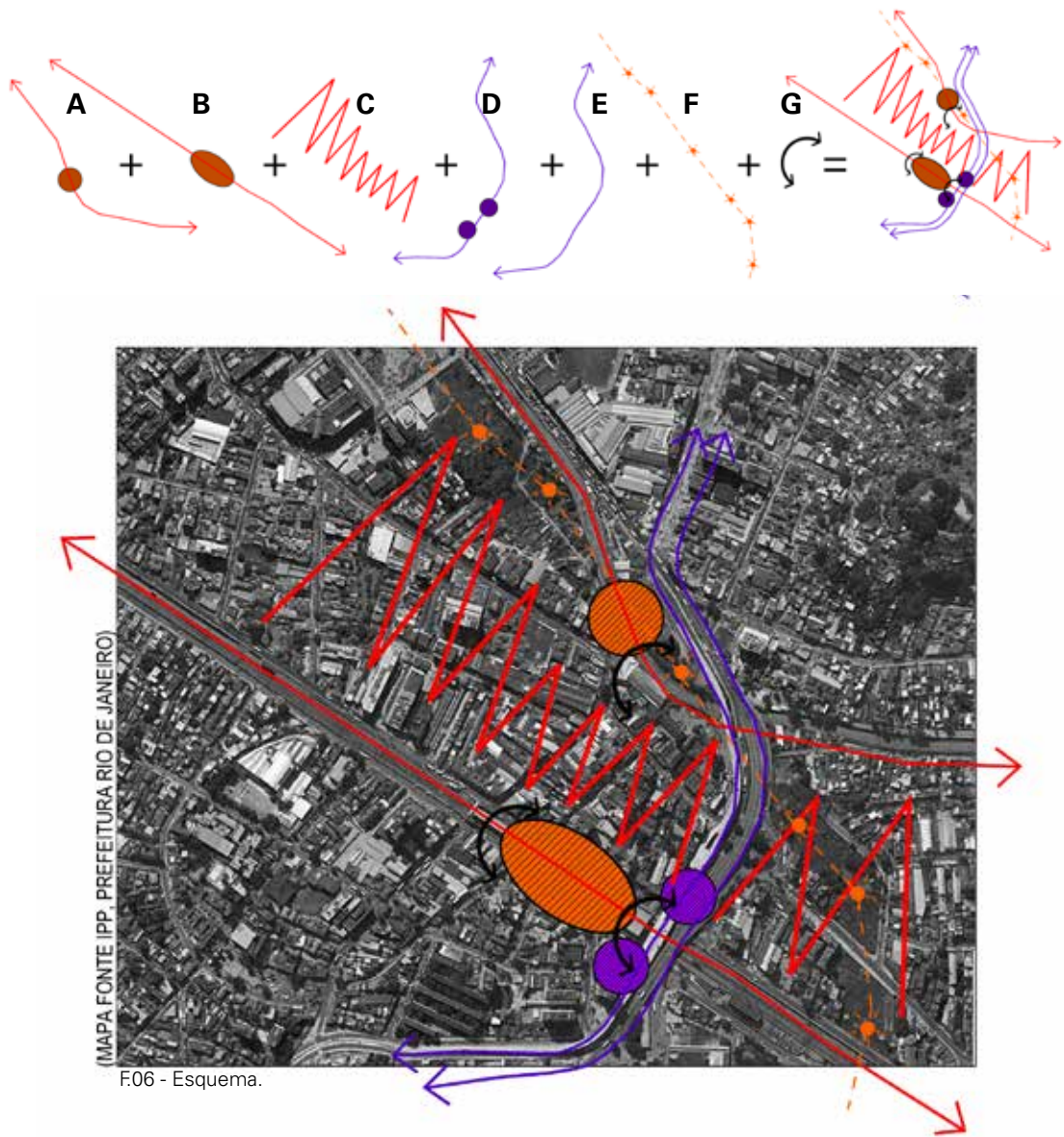
E_ Viaduto Negrão de Lima

Inaugurado em 1960, o viaduto faz a ligação viária entre os lados do bairro, divididos pelas linhas férreas no eixo Av. Brasil - Jacarepaguá.

F_ Torres de Energia da LIGHT

Antenas de alta tensão construídas ao longo do bairro - referência visual e barreira física na região.

G_ Passarelas de pedestre Passarelas de pedestre de ligação para passagem da linha férrea.



F06 - Esquema.



F08 - Ilustração Madureira. Fonte: Google, 2016



F07 - Estação Ferroviária e seus acessos.

Estação Ferroviária de Madureira

Espaço protagonista na paisagem do bairro é inaugurado em 15 de julho de 1890, como parte da linha férrea Central do Brasil. É um grande centro de transporte e ligação física entre os lados do bairro divididos pelos muros. A Estação está dividida em dois acessos independentes que se comunicam apenas pela plataforma de embarque para os trens.

O projeto irá atuar ligando os dois acessos através de uma única superfície que funcionará como espaço de permanência, passagem, comércio, serviço etc, agindo como elemento conector, tanto entre os transportes como entre os lados do bairro. Pretende-se reestruturar física e visualmente a Estação, tornando-a um agente de costura e mediação entre a paisagem e o morador de Madureira.

A imagem desta nova Estação Ferroviária propõe uma redescoberta da paisagem cotidiana através de uma narrativa direcionada a percepção não convencional e desnaturalizada dos elementos de infraestrutura urbana. Esta reinvenção nas vivências no espaço urbano somente será possível associada a elementos tomados emprestados da criação da obra de arte.

Problematização

(Estação ferroviária de Madureira)

- Barreiras físicas e visuais restringindo os espaços livres públicos.
- Poucas passarelas de travessia.
- Falta de unidade entre os dois acessos da Estação.
- Processos migratórios cotidianos esvaziam o bairro a noite.

Premissas e diretrizes da intervenção :

- Manter o nível existente do leito ferroviário. (Estudos da prefeitura calculam o custo entre 5 a 7 bilhões para afundar o leito ferroviário. Devido ao elevado custo decidimos não alterar o nível do mesmo.)
- Intervir nos muros e passarelas sem retirar totalmente os muros.
- Integrar o bairro física e visualmente com a intervenção a partir da Estação Ferroviária de Madureira.
- Criar novos pontos de travessia.
- Criar superfície de integração e permanência de acesso livre.

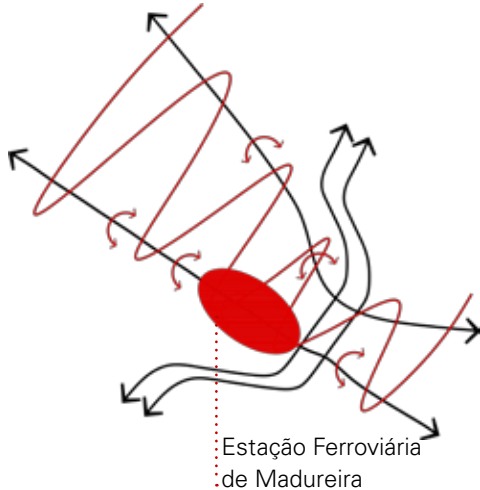


F.09 - Ilustração da Estação Ferroviária.

O Partido projetual

Trataremos a intervenção urbana como uma narrativa poética, direcionada a uma mudança na percepção da paisagem cotidiana, transformando a Estação no protagonista desta narrativa. Faremos dos elementos do entorno - ruas, viadutos, muros - em atores deste elenco, onde a paisagem será construída da justaposição destes atores a partir de um roteiro.

A atuação proposital pretende causar provocações na percepção do morador do bairro.



O roteiro materializado em projeto apropria-se do conflito local entre muros e pedestres como ponto de partida para a construção do enredo. Atualmente os muros do trem são percebidos e experienciados como barreiras e agentes de restrição. Fisicamente são barreiras!

A questão colocada no projeto é: como intervir e transpor uma barreira física que não pode ser retirada? Este conflito percebido na análise do espaço é colocado como o nó desta narrativa poética. Já o desenlace deste nó será percebido na solução que o projeto propõe em sua imagem e espaço.

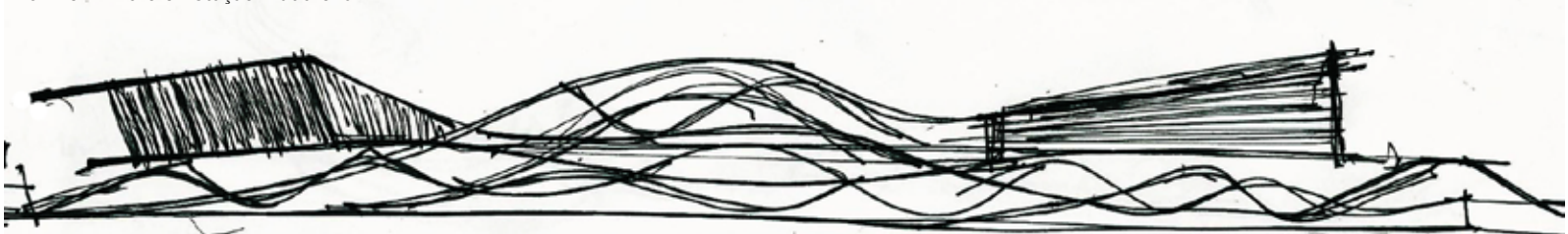
A resposta para este conflito será mudar a percepção destas barreiras ao mesmo tempo em que desviamos dela! Para isso a narrativa vai construindo uma história para mudar a percepção dos muros e da Estação.

Sendo a Estação Ferroviária um caminho por onde passam pessoas e locomotivas, a marcação do rastro deste caminhar será uma das estratégias. Outra ação associada a estratégia anterior é transformar a percepção da estação de algo estático para um agente que se desloca. Sendo assim, o muro nesta composição será o rastro deste movimento.

Tomando emprestado da arte poética a simples estrutura de “Nó e Desenlace” da construção de uma narrativa poética, busca-se como objetivo descaracterizar a Estação como coisa inanimada e o muro apenas como barreira, propondo uma redescoberta da paisagem cotidiana.



F.10 - Perfil muro e Estação madureira.



F.11 - Croqui de intenções.

Roteiro projetual

- Tornar os dois acessos em uma única Estação conectada (funcional e visualmente).
- Propor visualmente movimento para a Estação.
- Tornar os muros em um rastro que une as duas partes da Estação, transformando a percepção desta em um agente em movimento.
- O espaço entre os acessos da Estação será utilizado como espaço de permanência, passagem, comércio, lazer etc.
- Humaniza-se a coisa com o objetivo de propor uma percepção nova na paisagem.

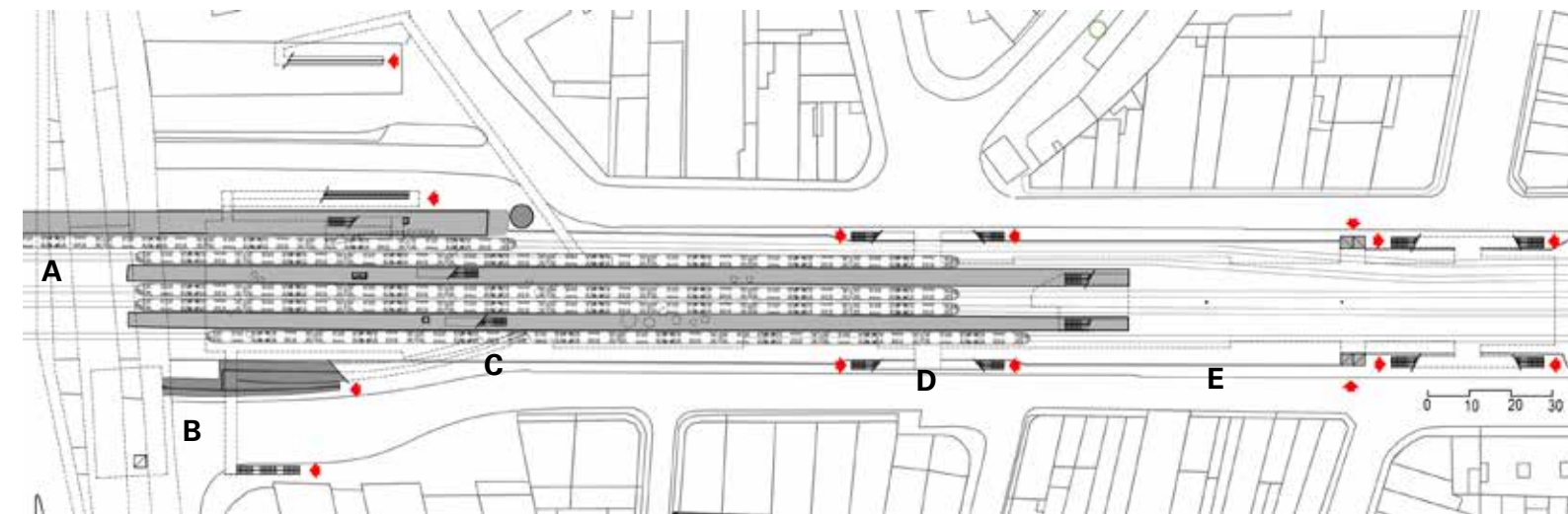


F.12 - Planta baixa Pav. Elevado.

- A** Acesso Estação (uso institucional)
- B** Rampa acesso ao BRT e a estação
- C** Escada acesso a plataforma de embarque
- D** Praça Estar e permanência
- E** Novas superfícies de divisão (lugar do muro)
- F** Lojas (Serviço e Comércio)
- G** Rampa de acesso ao Terminal BRT
- H** Terminal BRT
- I** Estação BRT(viaduto)
- J** Acesso novo Escadas
- K** Feira /Camelô (comercial)

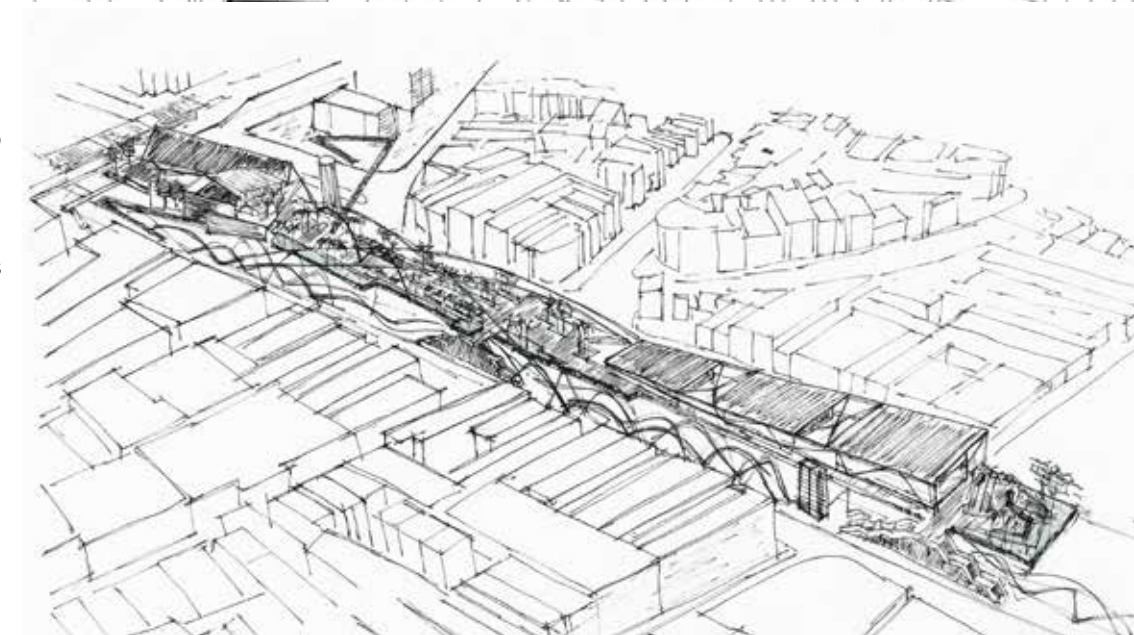


F.13 - Perspectiva Feira e Camelô.



F.14 - Planta baixa Térreo (Plataformas).

- A** Plataformas de embarque
- B** Rampa acesso ao BRT e a estação
- C** Escada acesso a plataforma de embarque
- D** Escada de travessia entre os lados do bairro
- E** Novas superfícies de divisão (lugar do muro)



F.15 - Perspectiva Ilustrativa.



F.16 - Perspectiva Térreo.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES, *Os Pensadores. Vol. 2*, Tradução. Eudoro de Souza. (ed.).Nova Cultura. São Paulo, 1991.
- CARERI, Francesco. Walkscape, *O Caminhar como Prática Estética*. Tradução. Frederico Bonaldo(ed.).GG. São Paulo, 2013.
- BERGSON, Henri. *O Riso, Ensaio Sobre a Significação da Comichade*. Tradução. Ivone Castro Benedetti. (ed.).Martins Fontes. São Paulo, 2014.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória, Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução. Paulo Neves.(ed.). Martins Fontes. São Paulo, 1999.
- BERQUE, Augustin. *Les Raisons Du Paysage*.(ed.).Hazan, Paris, 1995.
- CORNER, James. "Recovering landscape as a critical cultural practice". In CORNER, J.(ed). *Recovering Landscape: essays in contemporary landscape architecture*. New York, Princeton Architectural Press, p.1-26,1999.
- CORREIA, Roberto. ROSENDAHL, Zeny, *Paisagem, Tempo e Cultura*.(ed.). UERJ, Rio de Janeiro, 1998.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Tradução. Jefferson Luiz Camargo (ed.),Martins Fontes. São Paulo, 2006.
- MAYA-MONTEIRO, Patricia, *Paisagem, Lugar e Espaço Público*, PROURB/FAU/UFRJ, 2008. PAZ, Octávio. *Signos em Rotação*. Tradução Sebastião Uchoa Leite.(ed.). Perspectiva. São Paulo, 2015.



NATUREZA

A paisagem é natureza, quando reconhecemos os processos naturais e a vida que nela opera, os ciclos que se recriam, mesmo nos ambientes mais inóspitos da ocupação humana. Referências teóricas e projetuais ligadas à Ecologia da Paisagem, Ecologia Urbana ou Infraestrutura Verde destacam as relações entre natureza e cultura presentes na cidade, enfatizando a necessidade de incorporação dos sistemas da natureza nas estratégias de intervenção paisagística. Assim, o projeto da paisagem destaca, não apenas os elementos da natureza “original” e seus sistemas, mas os processos da natureza tal como se estabeleceram nos ambientes urbanos e rurais. Além disso, conceitos como preservação, conservação, sustentabilidade e resiliência se tornaram operacionais. Portanto, objetivamente, este enfoque projetual destaca o potencial dos elementos e processos naturais como estruturantes do projeto paisagístico.

Patricia Maya e Raquel Tardin

Aline Fayer

Pedreira desativada, Irajá, Rio de Janeiro/RJ
Área de Intervenção: 2.8 ha

Esse projeto entrelaça dois elementos da paisagem do bairro: Um rio urbano com suas águas comprometidas e uma antiga pedreira desativada às suas margens. A proposta de parque multifuncional, para além de trazer embelezamento e opções de lazer para o lugar, recupera áreas degradadas e proporciona visibilidade aos processos naturais.

Parque Pedra e Água

Proposta de parque para área de pedreira desativada às margens do Rio Irajá.



F01 - Imagem de pedreira desativada

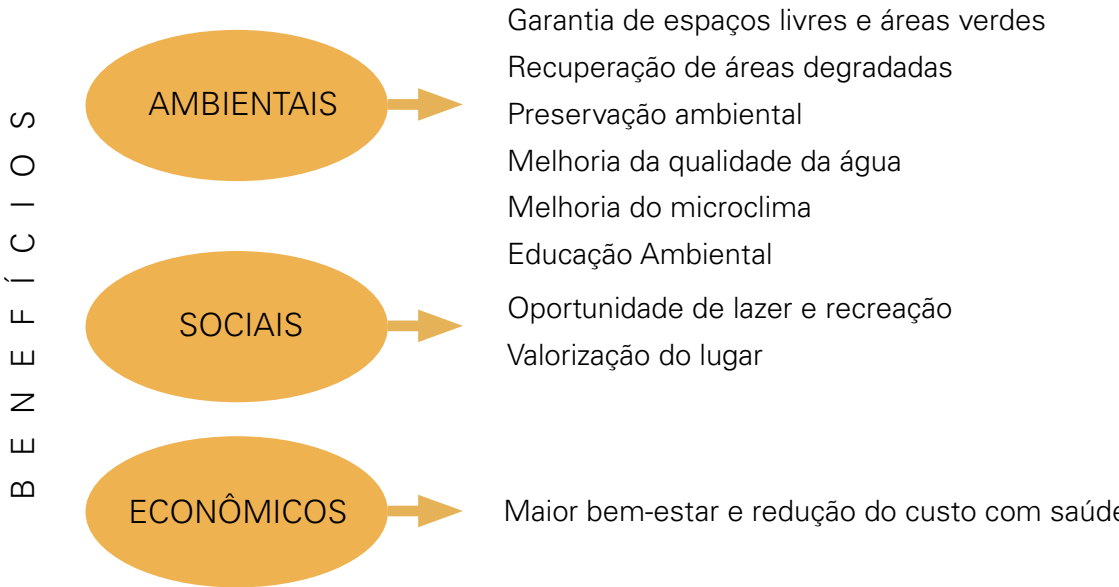
As paisagens dos rios urbanos nas cidades brasileiras, em geral, se apresentam degradadas, e essa problemática não é diferente na cidade do Rio de Janeiro, que possui seus corpos hídricos bastante comprometidos. Por muito tempo negligenciamos os processos naturais dos quais fazemos parte e, quando os processos não são visíveis, tendemos a não nos responsabilizar por eles. Com o entendimento de que a água é um dos principais elementos necessários à sobrevivência humana e é um recurso natural indispensável à vida no planeta, esse trabalho abordará o tema recuperação de rios urbanos e de áreas degradadas, através da proposta de um projeto paisagístico multifuncional que utilizará as técnicas de fitorremediação para melhoria das águas do rio.

F02 – Vista aérea da área das pedreiras. Fonte: Imagem do Google Earth



F03 - Indicação da Bacia do Rio Irajá com os principais rios da bacia e localização da área da pedreira. Fonte: Imagem do Google Earth modificada pela autora

Onde?! A área de Projeto, terrenos correspondendo a pedreiras desativadas e o seu entorno, está compreendida na sub-bacia do Rio Irajá (Região Hidrográfica da Baía de Guanabara – RH V)



Diretrizes p/ projeto:

- Reforçar o uso do Pomar nessa área e utilizar o paredão como muro para escalada;
- Eliminar o acesso de veículos entre o lote da pedreira e o rio;
- Preservar área de vegetação espontânea existente e utilizar as pedras extraídas presentes no local.



F04 e F05 - Rio canalizado com arborização pontual nas margens do canal. Fonte: Fayer, 2016



F06 e F07 - Relevo e Vegetação do lugar. Fonte: Fayer, 2016



F08 - Relevo e Vegetação do lugar. Fonte: Fayer, 2016



F09 - Pixação no muro da pedreira. Fonte: Fayer, 2016



F10 - Meninos soltando pipa na rua às margens do rio. Fonte: Fayer, 2016



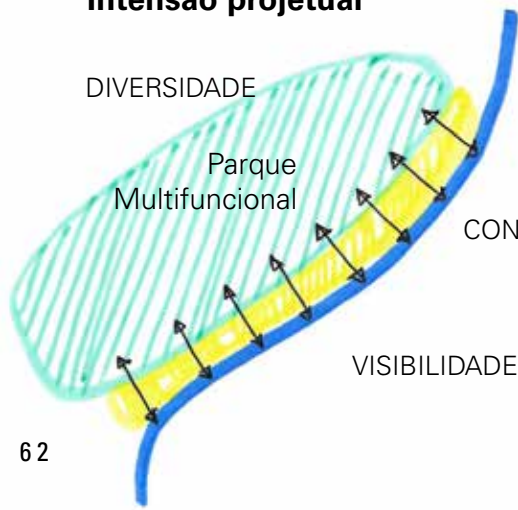
F11 - Margem do rio como quintal das casas. Fonte: Fayer, 2016

Intensão projetual

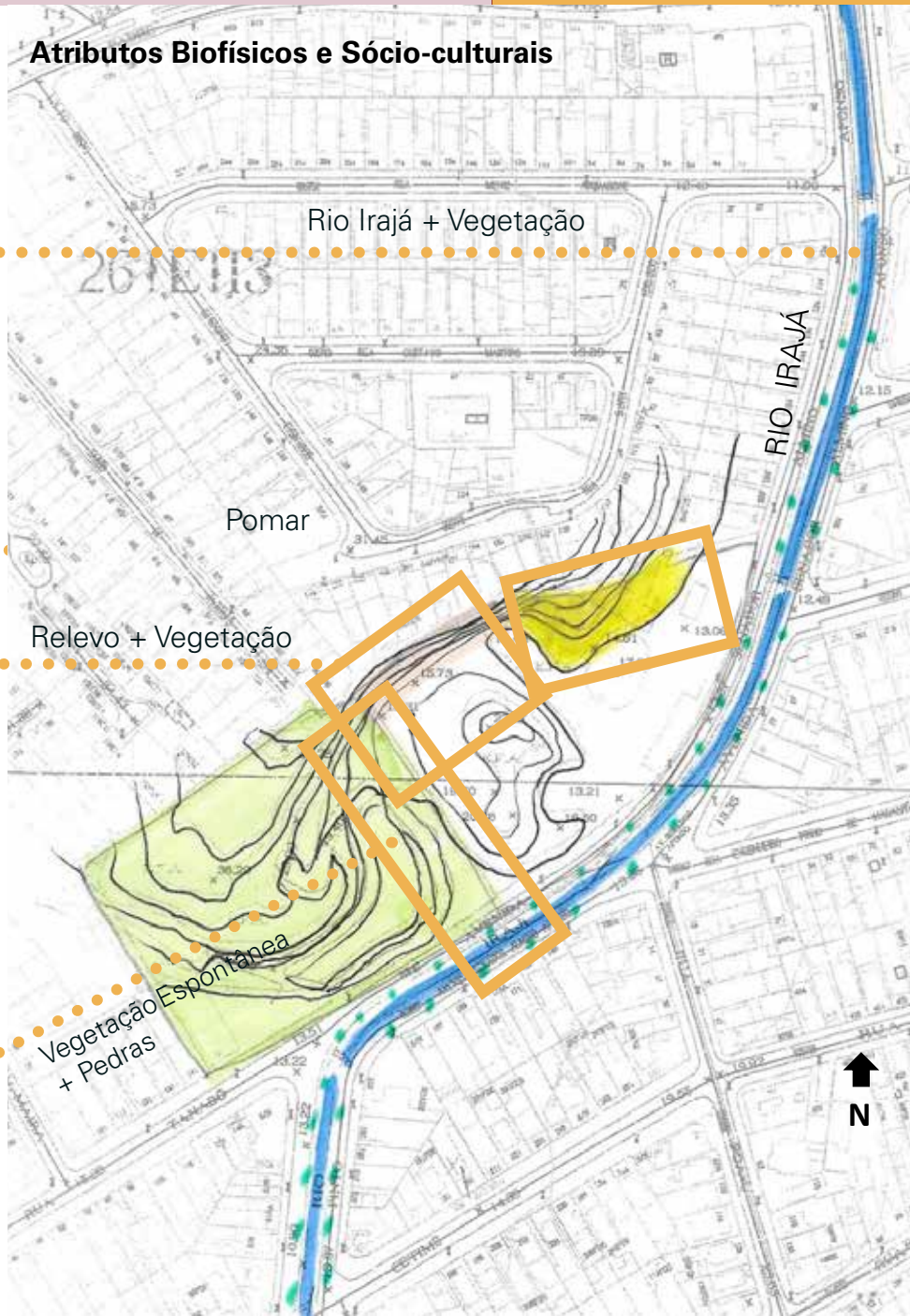
DIVERSIDADE

CONECTIVIDADE

VISIBILIDADE



Atributos Biofísicos e Sócio-culturais



Para quem?! Moradores Locais

QUAL A RELAÇÃO COM O LUGAR?	FAZENDO O QUÊ?	O QUE PENSA SOBRE O RIO?
Moradora há 40 anos	Estava sentada em uma cadeira na calçada em frente a sua casa.	"Muita sujeira no rio"; "Sempre foi assim".
Morador há 46 anos e possui uma quitanda voltada para o rio	Estava em frente a sua quitanda conversando com outras pessoas e durante a entrevista atendia as pessoas que chegavam na quitanda.	"O problema é que as pessoas jogam lixo no rio"; "Por que o rio não é coberto?"
Moradora há 27 anos, esposa do sr. João	Estava em casa e se prontificou a participar da entrevista e caminhou comigo ao longo do rio.	"Sempre foi assim, muito lixo".
Moradora, conhecida da Maria da Conceição	Estava na janela de sua casa voltada para o rio enquanto eu conversava com a Maria da Conceição e curiosa, começou a participar da entrevista.	"Às vezes o rio tem um mau cheiro bem forte. E às vezes vinha um cheiro ruim bem forte da usina de reciclagem".

Problemas

Rio Poluído
Pedreira desativada com um lote subutilizado
Bairro com carência de espaços de lazer

Potencialidades:

Pedreira como um grande Espaço Livre no bairro
Potencial paisagístico da pedreira

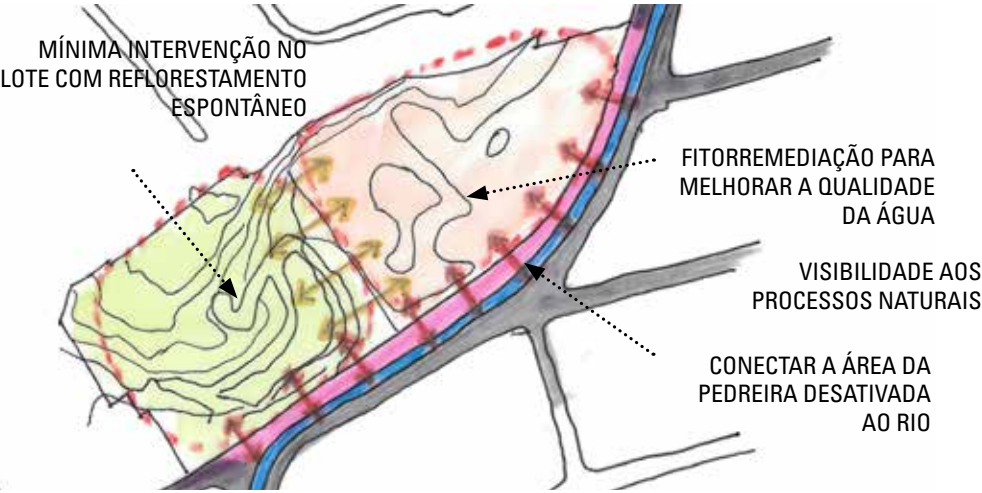
Objetivos

Transformar uma área degradada em um espaço de lazer, promover o tratamento de água e a educação

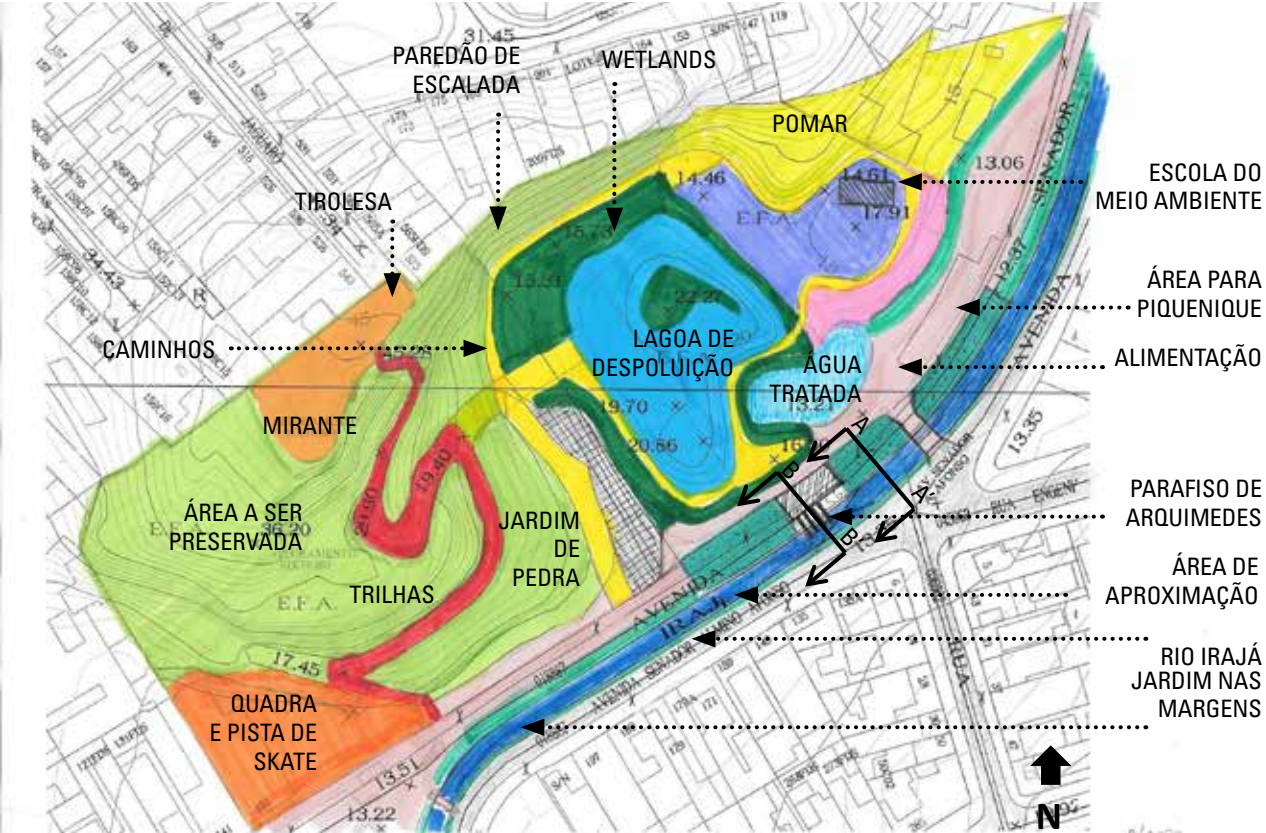


Parque público com funções:

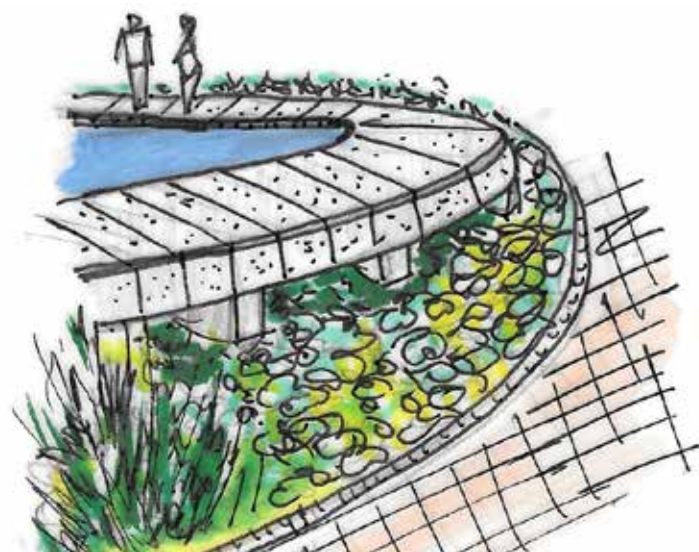
- Lazer
- Embelezamento
- Tratamento de água
- Recuperação de áreas degradadas
- Educação ambiental
- Visibilidade aos processos naturais



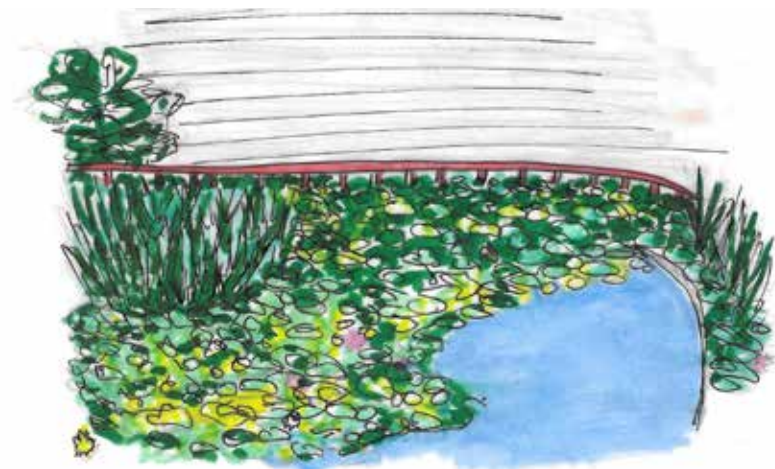
F.12 – Croqui conceito



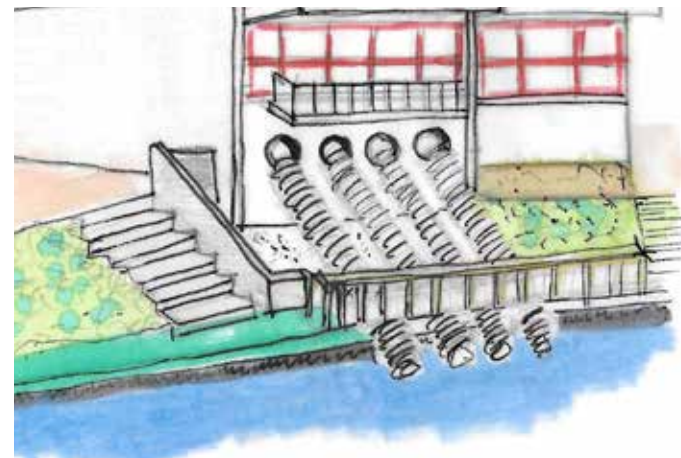
F.13 – Proposta de intervenção paisagística



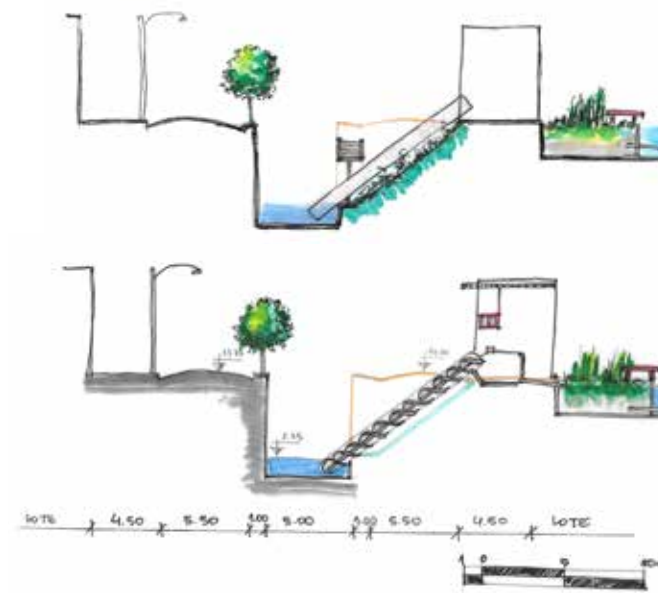
F.14 – Croqui : Caminhos sobre Wetlands



F.15 – Croqui : Wetlands Construídos



F.16 – Croqui esquemático do parafuso de Arquimedes para captação das águas



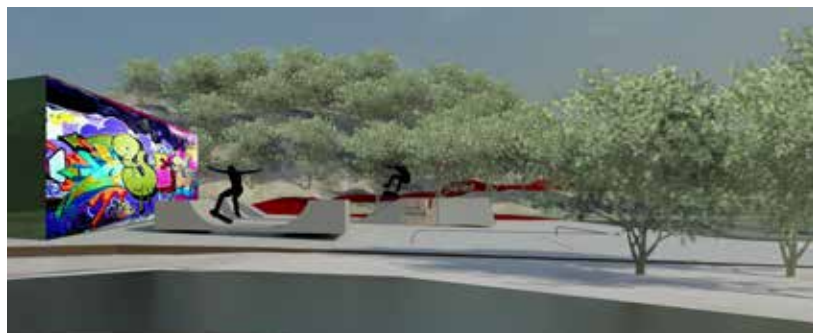
F.17- Cortes transversais: A-A' e B-B'



F.18 – Foto da maquete



F.19 – Perspectiva proposta: Novo uso para a margem do rio



F.20 – Perspectiva proposta: Área de lazer com pistas de skate



F.21 – Perspectiva proposta: Caminhos sobre Wetlands construídas e vista da área de lazer

Referências bibliográficas

COSTA, Lucia Maria (org.). *Rios e paisagens urbanas em cidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2006.

HOUGH, Michael. *Cities and Natural Process*. 1ª edição. New York: Routledge, 1995.

MCHARG, Ian. *Design with Nature*. New York: John Wiley & Sons, 1992. (pp.55-77; 103-115)

SPIRN, Anne W. *O Jardim de Granito*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

TÂNGARI, Vera Regina; SCHLEE, Mônica Bahia; ANDRADE, V. Rubens de; DIAS, Maria Ângela (org.) . *Águas Urbanas: uma contribuição para a regeneração ambiental como campo disciplinar integrado*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, PROARQ, 2007.

TARDIN, Raquel. *Espaços Livres: Sistema e Projeto Territorial*. Rio de Janeiro: Sete Letras / Faperj, 2008.

UN-HABITAT. *Constructed Wetlands Manual*. UN-HABITAT Water for Asian Cities Programme Nepal, Kathmandu, 2008.

ZEIZEL, John. *Inquiry by Design*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

<http://www.rio.rj.gov.br/web/smu/exibeconteudo?id=1855923> - Acessado em 08/05/2016.

http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_bairro.htm - Acessado em abril de 2016.

<http://phytoresource.com.br/fitorremediacao/> - Acessado em 16 de abril de 2016.

<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mdkx/~edisp/inea0091740.pdf> - Acessado em 05 de junho de 2016.

Parque Beira Linha

De espaço residual a espaço livre público

Maini Perpétuo

Pátio de manutenção do metrô e linha férrea desativada, Bairro São Gabriel, Belo Horizonte, MG
Área de intervenção: 16.5 ha

Este ensaio projetual propõe a transformação de um espaço residual de leito ferroviário em Belo Horizonte em um parque urbano, inserido no sistema de espaços livres.

Tem como objetivo demonstrar o papel que este espaço pode desempenhar como ativador de novas dinâmicas biofísicas, urbanas e socioculturais na paisagem urbana. Aborda-se o projeto do parque como um produto em processo, no qual a estrutura de organização do espaço possibilite a sua adaptação ao longo do tempo.



F. 01 - Imagem de campo de futebol existente no local da área de estudo. Fonte: Gustavo Baxter, 2016.



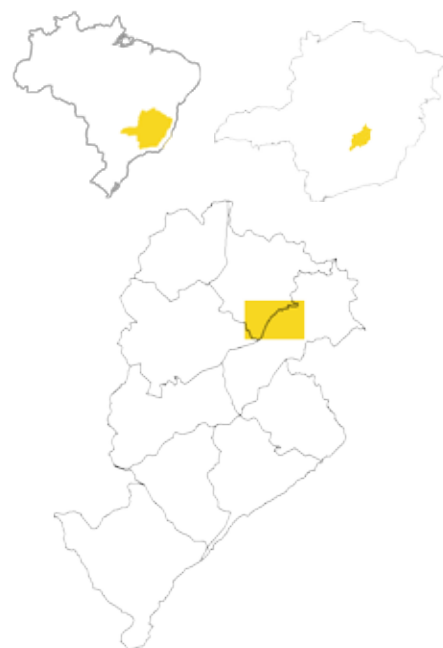
- Área de estudo
- Área de projeto
- Córrego leito natural
- Córrego canal aparente
- Córrego canal subterrâneo
- Áreas verdes propostas
- Área verdes existentes
- Via de ligação regional
- Via arterial principal

F. 02 - Mapa da área de estudo.

A área de projeto constitui-se de um espaço residual de linha férrea localizada na região nordeste de Belo Horizonte. O local, conhecido popularmente como “Beira-Linha”, constitui-se num dos poucos terrenos remanescentes com dimensão expressiva ainda desocupados na região, além de ser margeado pelo Ribeirão Onça, importante afluente do Rio das Velhas.

Trata-se de uma região consolidada da cidade, entre importantes eixos de ligação regional. Em termos de uso e ocupação do solo a área apresenta um setor com equipamentos de uso coletivo e institucional atratores de pessoas (estação de metrô e ônibus, universidade, futuro terminal rodoviário), e outro setor predominantemente residencial unifamiliar, com diferentes padrões de renda, tipológicos e de ocupação.

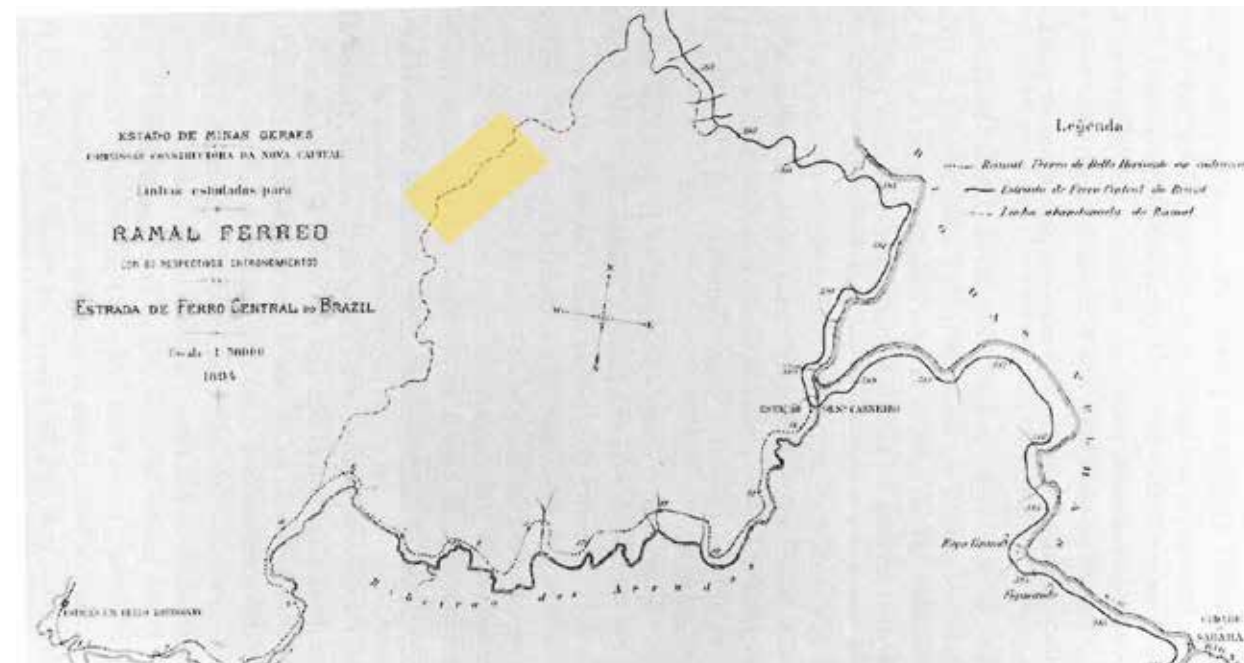
Nas proximidades da área de estudo, são poucos os espaços livres e de lazer, e esses constituem-se como “ilhas” no meio da urbanização. Nesse sentido, a proposta do Parque Beira Linha apresenta-se como uma possibilidade de conexão entre esses fragmentos, em especial com o futuro Parque Linear do Onça, devido à contiguidade das duas áreas. A integração entre os parques conformaria um grande corredor de áreas verdes protegidas, compondo um sistema de espaços livres, numa região atualmente carente de opções de lazer e contato com a natureza.



F. 03 - Localização da área de estudo.

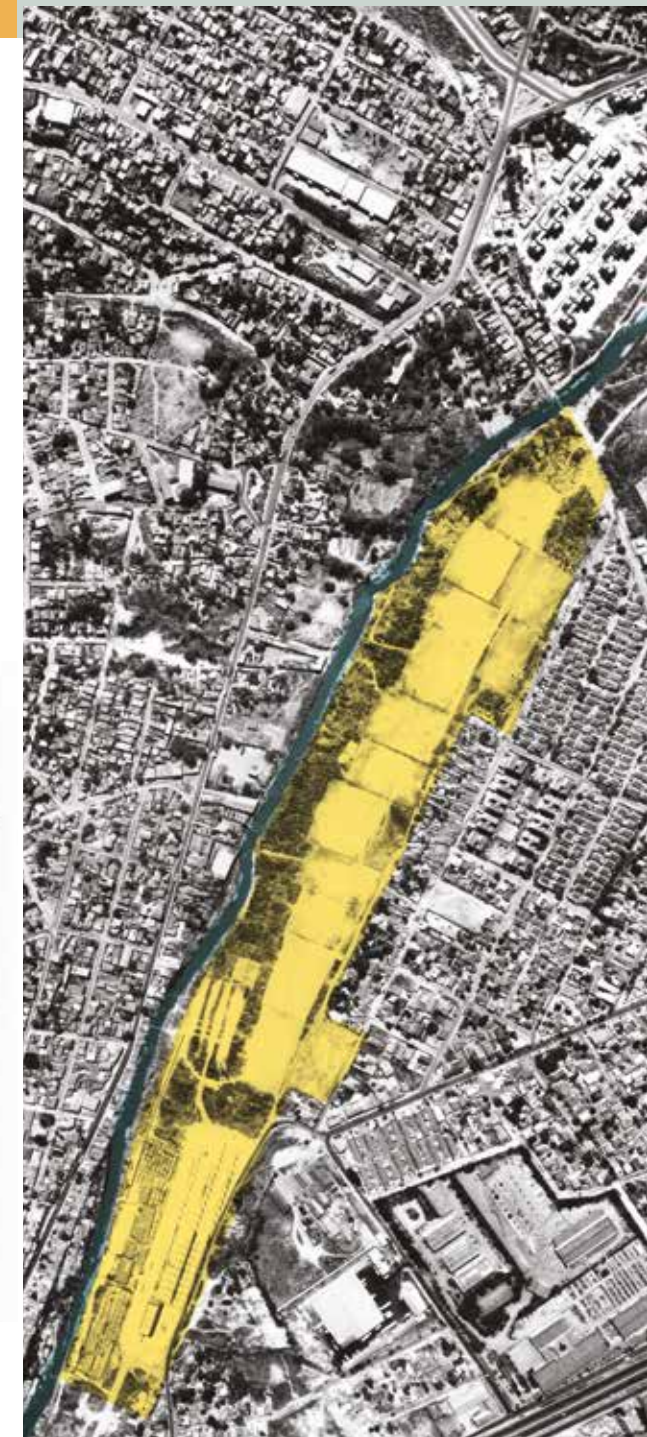
Previsto desde o final do século XIX, porém inaugurado apenas em 1973, pode-se dizer que esse ramal férreo já nasceu obsoleto e jamais chegou a ser efetivamente utilizado. Na década de 1990 a linha férrea foi parcialmente aproveitada para a implantação do metrô de superfície e parte da área de estudo passou a funcionar como pátio de manutenção do metrô.

O restante da área se caracteriza como um grande terreno vago inserido no tecido consolidado da cidade. Observa-se, no entanto, que, apesar de subutilizado, o local possui um histórico de uso da população como campos de futebol de várzea, utilizados por times amadores e por um projeto social para crianças carentes. Ressalte-se algumas apropriações espontâneas que ali têm lugar, em especial a ocupação feita pela Vila Esportiva – pequena favela situada em frente, que ali promove festas e eventos comunitários, além de brincadeiras infantis e cultivo de pequenas hortas.



F. 04 - Mapa do ramal férreo. Fonte: blog Curral Del Rey

F. 05 - Vista aérea mostrando os campos de futebol de várzea. Fonte: PRODABEL, 1994





F. 06 - Mapas de análise da área de estudo - Aspectos biofísicos, sistema viário e uso e ocupação do solo

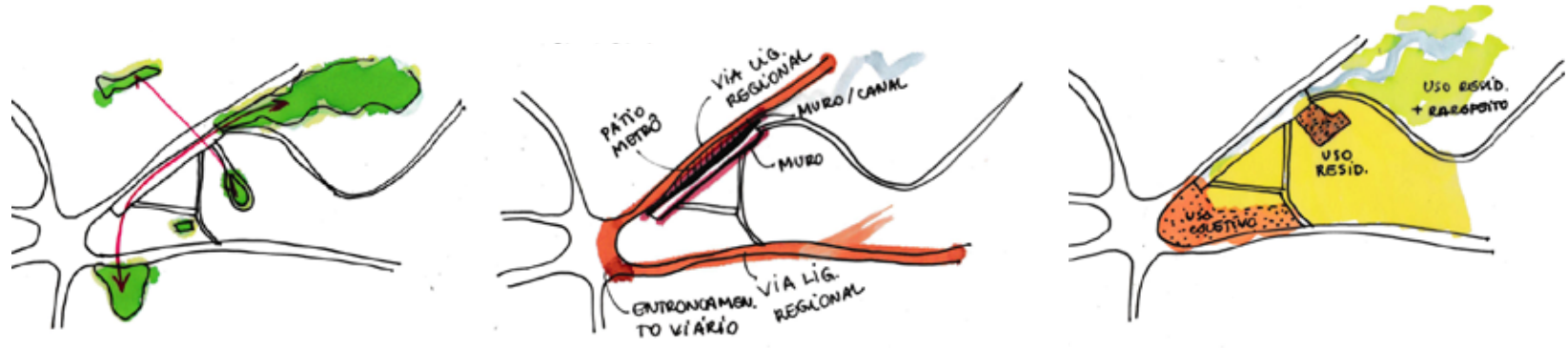
Impactos causados pela linha férrea e potenciais de projeto

- | | | |
|---|-------|--|
| • Rede ferroviária implantada em fundo de vale do ribeirão Onça | | Potencial de recuperação biofísica do rio e suas margens |
| • Linha férrea fragmentou a malha urbana | | Potencial de integração e coesão de tecidos urbanos |
| • Linha férrea criou barreiras físicas, funcionais e sociais | | Potencial de articulação sociocultural |



F. 07 - Vista da área de estudo. Fonte: Perpétuo, 2017

	Atributos Biofísicos	Atributos Urbanos	Atributos Socioculturais
Problemas	- Falta de acesso ao rio - Canalização e enchentes do rio - Falta de conexão entre EL - Descarte de lixo e vetores - Vegetação exótica e invasora	- Barreiras físicas e funcionais - Fragmentação do tecido urbano - Falta de acessibilidade	- Carência de espaços livres de lazer no entorno - Espaço subutilizado - Insegurança e violência
Potencialidades	- Grande área livre no meio da cidade - Vegetação rústica e espontânea - Abertura e contato com o rio - Recuperação das margens do rio	- Possibilidade de conexão longitudinal e transversal da área com o tecido urbano - Possibilidade de articulação com outros espaços livres - Abertura e visibilidade da área	- Bairros predominantemente residenciais - Equipamentos e instituições de ensino próximos - Apropriações espontâneas - Demanda da população pelo uso da área



F. 08 - Croquis de análise do sítio.

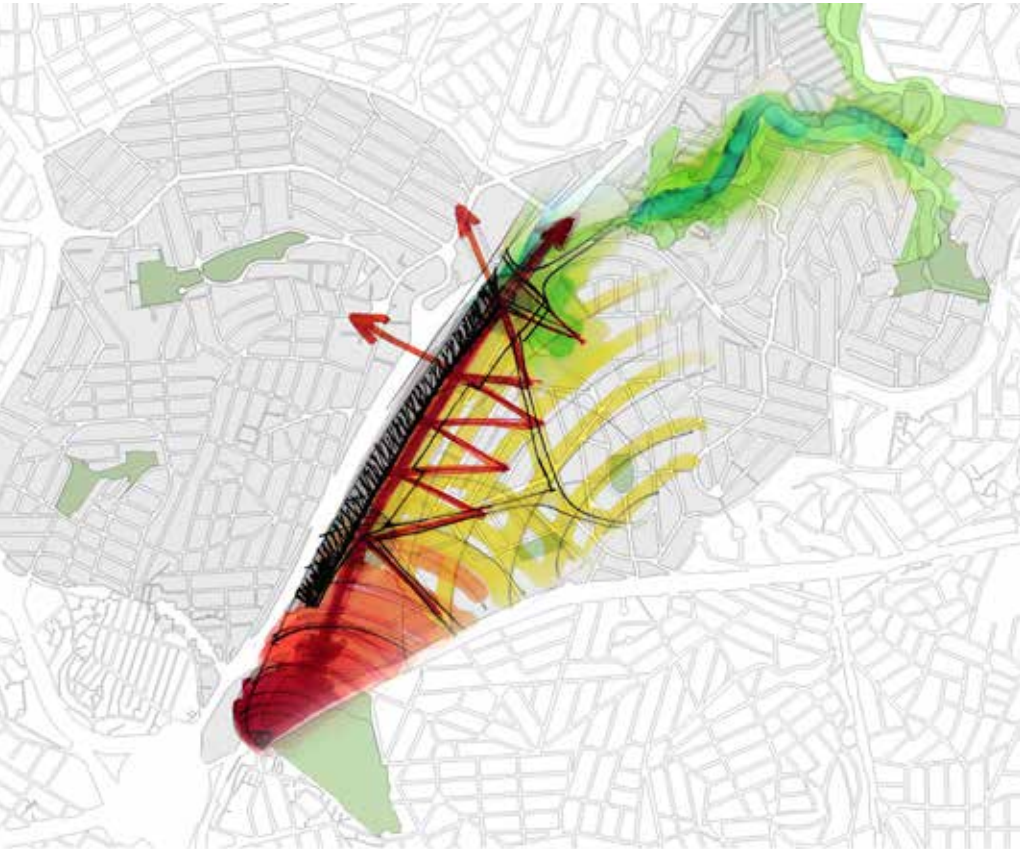
Intenção projetual

A partir das análises anteriores, aliados aos objetivos pretendidos, chegou-se na conceituação do projeto, ainda como uma expressão gráfica de uma ideia.

A imagem conceitual do projeto (F.09) demonstra a intensidade das dinâmicas urbanas da região, que vão se diluindo de um polo a outro: desde o grande entroncamento rodoferroviário na porção sudoeste até a região mais residencial e menos adensada, onde o Ribeirão Onça corre em seu leito natural e onde será implantado o Parque Linear do Onça.

O parque pretende fazer a conexão longitudinal entre esses polos e de costura transversal de suas bordas, alinhavando bairros e espaços livres que atualmente são divididos pela presença desse grande “buraco” na malha urbana, representado pela linha férrea.

Diante dessa primeira expressão conceitual, foram definidos os princípios projetuais que balizaram a intervenção, no intuito de proporcionar a ativação das novas dinâmicas pretendidas para a área.

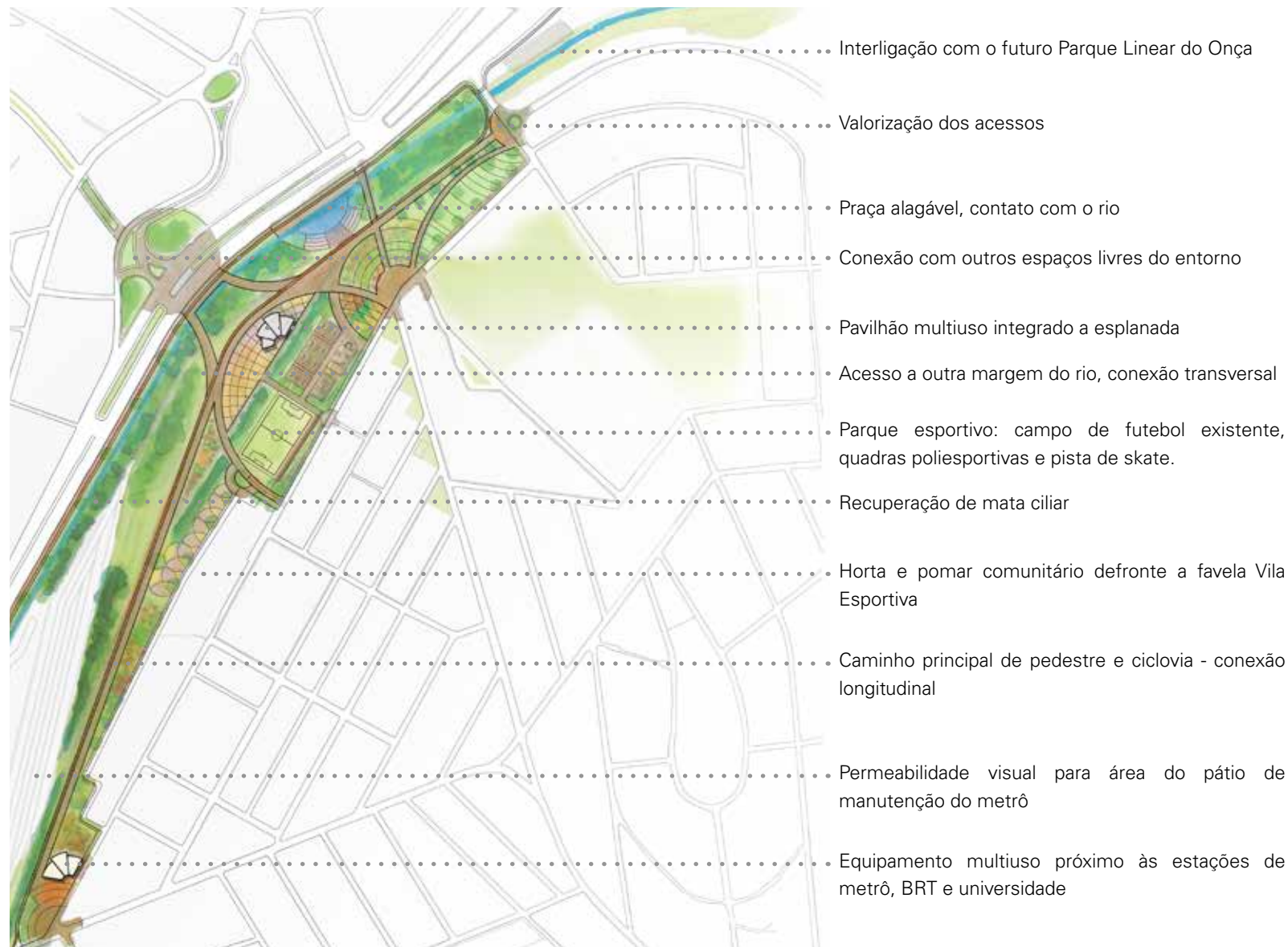


F. 09 - Croqui conceitual do projeto.

Princípios projetuais

Princípios projetuais	Conectividade	Diversidade	Visibilidade
	(FORMAN, 1995; AHERN, 1995; WALL, 1999; TARDIN, 2008)	(JACOBS, 1961; WALL, 1999; HOLLAND ET. AL, 2007)	(LYNCH, 1981; HOUGH, 1995; TARDIN, 2008)
	Capacidade do parque em facilitar fluxos e estabelecer relações entre os seus elementos internos, suas bordas e a ocupação urbana do seu entorno, conformando um sistema.	Capacidade do parque de promover a inter-relação e a convivência entre os diferentes elementos e processos da paisagem.	Capacidade do parque em promover a transparência dos elementos e processos naturais, urbanos e sociais que ali ocorrem.
	Biofísica: conexão entre espaços livres; conexões biológicas; Urbana: acessibilidade, percursos articulados; Sociocultural: lugares de encontro e interação entre grupos distintos.	Biofísica: manutenção e incremento da biodiversidade; Urbana: variedade de ambiências, flexibilidade dos espaços; Sociocultural: pluralidade de grupos sociais, usos e atividades.	Biofísica: visibilidade dos processos naturais; Urbana: integração ao entorno, permeabilidade, identidade visual; Sociocultural: visibilidade dos percursos, diminuição da sensação de insegurança.

F. 10 - Croquis sintéticos dos princípios projetuais.



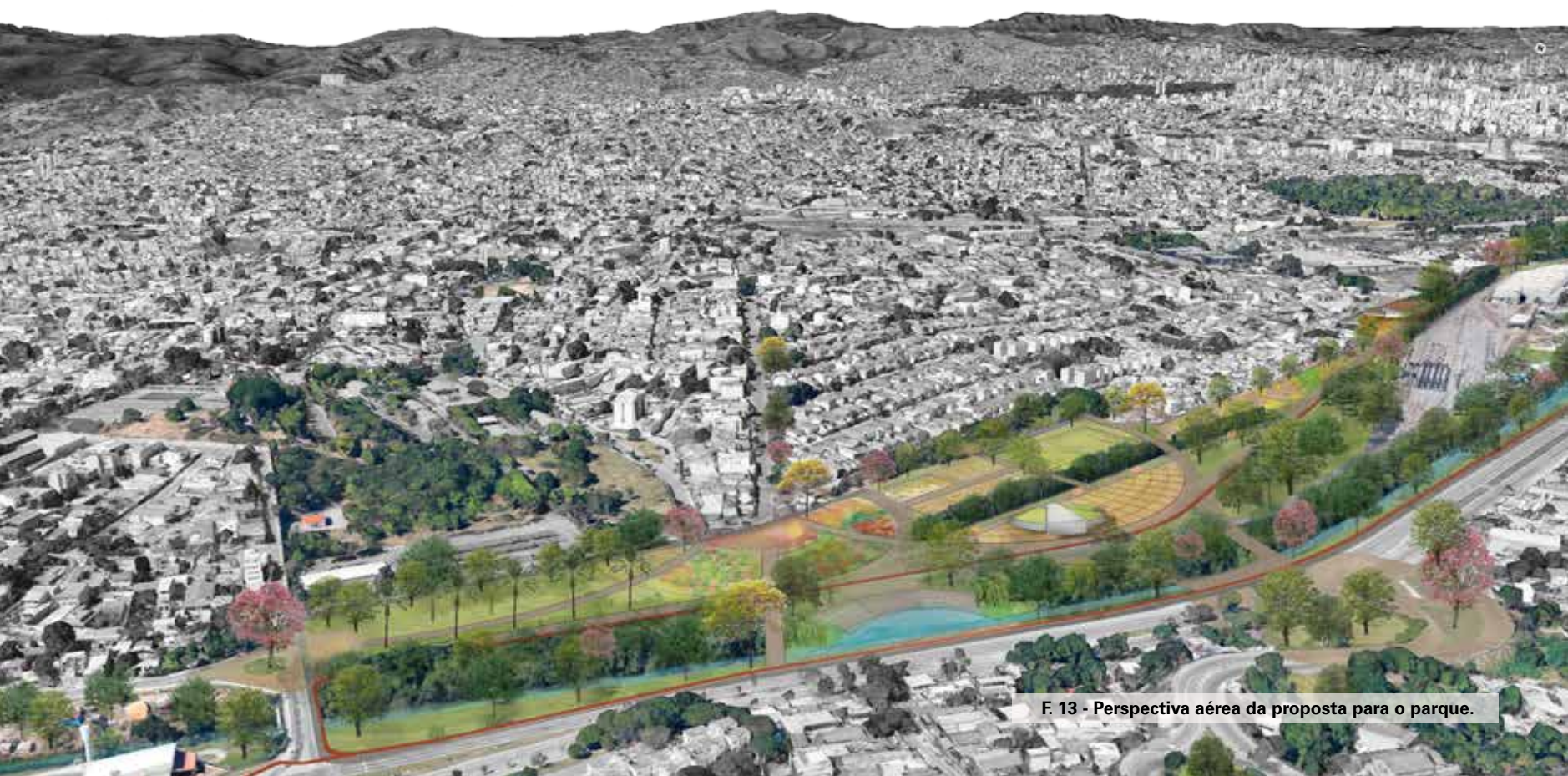
F. 11 - Implantação proposta para o parque.



F. 12- Perspectiva do projeto.

Em torno dos três princípios projetuais, que somados e inter-relacionados criam a complexidade do programa e do desenho do parque, foram organizadas as ações projetuais e desenvolvida a concepção formal do parque.

Aborda-se o projeto paisagístico do Parque Beira Linha como parte de um sistema de espaços livres e um produto em processo, inacabado, no qual a estrutura de organização do espaço e suas funções possibilitam a sua adaptação ao longo do tempo. Além disso, pretende-se que esse espaço, atualmente residual, se torne um articulador urbano, um local de costura entre a cidade e a natureza, que fortaleça toda a trama ao seu redor.



F. 13 - Perspectiva aérea da proposta para o parque.

Referências bibliográficas

AHERN, Jack. *Greenways as a planning strategy. Landscape and Urban Planning* (v.33), p. 131-155, 1995.

BORSAGLI, Alessandro. *Benéficos ou malditos? Os ramais férreos na história de Belo Horizonte*. Disponível em < <http://www.curraldelrey.com>> Acesso em 01 de maio de 2016.

_____. *O antigo ramal férreo do Horto Florestal – Matadouro da E.F.C.B.* Disponível em < <http://www.curraldelrey.com>> Acesso em 01 de maio de 2016.

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DAS VELHAS, Subcomitê Onça. *Cartilha A Bacia hidrográfica do Ribeirão Onça*. Disponível em <<http://cbhvelhas.org.br/onca/>> Acesso em 28 de junho de 2016.

CORNER, James. “Recovering landscape as a critical cultural practice.” In: CORNER, J. (ed.). *Recovering landscape: essays in contemporary landscape architecture*. New York, Princeton Architectural Press, p. 1-26, 1999.

FORMAN, Richard T.T. *Urban regions: ecology and planning beyond the city*. Cambrigde: Cambrigde University Press, 2008.

HOLLAND, Caroline; CLARK, Andrew; KATZ, Jeanne; PEACE, Sheila. *Social interactios in urban puplic places*. Bristol: Joseph Rowntree Foundation, 2007.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2013.

LYNCH, Kevin. *La buena forma de la ciudad*. Traduzido por Eduard Mira. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1985.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, Secretaria Municipal Adjunta de Planejamento Urbano. *Diagnóstico técnico e Memorial Descritivo Parque do Onça*. Belo Horizonte, 2015.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Campus São Gabriel. *Diagnóstico social do Bairro São Gabriel. Projeto de extensão Articulando redes, fortalecendo sociedades*. Belo Horizonte, 2015.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. “Terrain Vague” In: *Territórios*, Gustavo Gili, 2002. <http://www.archdaily.com.br/br/01-35561/terrain-vague-ignasi-de-sola-morales>. Acesso em 15 de abril de 2016.

TARDIN, Raquel. *Espaços livres: sistema e projeto territorial*. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2008.

WALL, Alex. “Programming the urban surface” In: Corner, J. (ed.). *Recovering landscape: essays in contemporary landscape architecture*. New York, Princeton Architectural Press, p. 233-249, 1999.

Cartografia e iconografia

Bases do Google maps / Google Earth

Blog curraldelrei.blogspot.com.br

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Base do Geo-SIURBE e da Secretaria Municipal de Gestão Compartilhada.

Projeto Manuelzão. www.manuelzao.ufmg.br

Fotografias e Ilustrações: BAXTER, Gustavo, 2016 e PERPÉTUO, Maini, 2016.

Taís Alvino

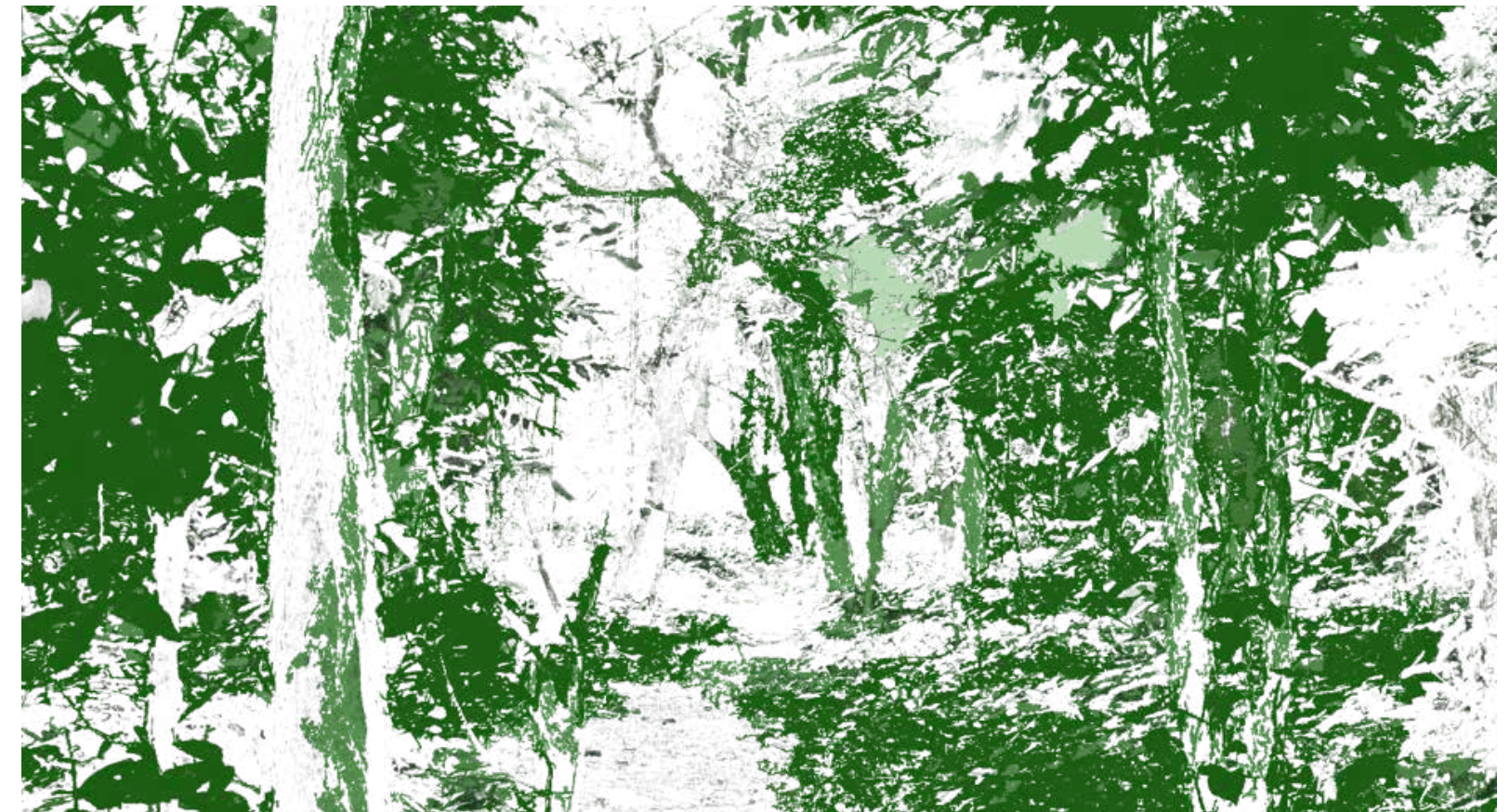
Parque do Martelo, Bairro
Humaitá, Rio de Janeiro/RJ
Área de intervenção: 1,7 ha

O Parque do Martelo é uma área livre de edificações que tem como principal peculiaridade a relação de vínculo entre a sociedade e a paisagem.

A educação ambiental orientou a escolha das atividades desenvolvidas no Parque e os espaços a elas destinadas. Porém, o olhar educacional reduziu a área de atuação do Parque, limitando-a e tornando uma densa vegetação do restante da área do Parque apenas em uma moldura para as atividades ali desenvolvidas. A proposta tem como intenção potencializar a relação afetiva existente entre os usuários e a vegetação, mantendo o enfoque da educação ambiental, a partir da exploração de toda a área do Parque inserida no Morro do Martelo.

Parque do Martelo

Experiência de educação ambiental



F. 01 - Parque do Martelo

O Parque do Martelo situa-se no bairro Humaitá da cidade do Rio de Janeiro/RJ, mais especificamente na porção denominada Alto do Humaitá - região majoritariamente composta por residências, algumas edificações de cunho educacional e poucos serviços.

No contexto urbano, tem-se como principais referências as avenidas de acesso ao bairro de Botafogo e os acessos ao túnel Rebouças e à Lagoa Rodrigo de Freitas (F. 02). O Parque tem caráter local e os moradores se organizam para a manutenção dessa perspectiva local com uma ambiência mais intimista, uma arborização expressiva e o controle do acesso de pessoas na Rua Miguel Pereira (rua que dá aceso ao Parque), e especialmente do espírito de comunidade cultivado.

F. 02 - Contexto urbano



F. 03 - Trajetória histórica do Parque e seus desdobramentos



Além disso, o Parque apresenta-se como possível elo de conexão entre as áreas verdes do entorno, devido a sua configuração como fragmento da mata nativa e a sua localização (F. 02).

Compreender a lógica atual do Parque perpassa pela apreensão da sua trajetória de construção e os seus desdobramentos durante esse processo(F. 03).

Os primeiros registros datam da década de 1950 com a constituição de uma pequena favela. Já em 1960,

após a remoção dos moradores da favela, a área é apropriada por oficina de carros. Essas duas primeiras ocupações tem desdobramentos ainda presentes no Parque com a presença das ruínas de antigas residências e pelo constante afloramento de lixo automotivo.

Em seguida, nas décadas de 1970 e 1980, a área é fechada para a construção de um empreendimento residencial com 200 apartamentos.

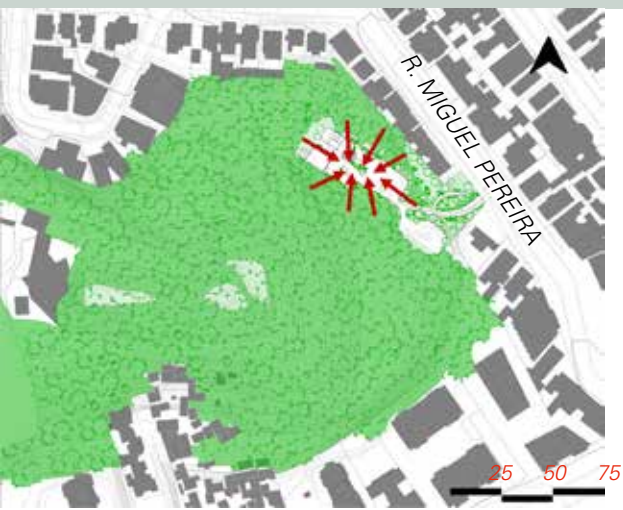
Assim dá-se início um longo

processo de articulação entre os moradores, movimentos populares e pressão sobre as esferas públicas para, em 2010, alcançar a conquista da concessão municipal de uso público para a Associação de Moradores do Alto do Humaitá. Em contrapartida, a associação é responsável pela permanência da área como não edificante, pelo seu reflorestamento e pelo controle de espécies invasoras.

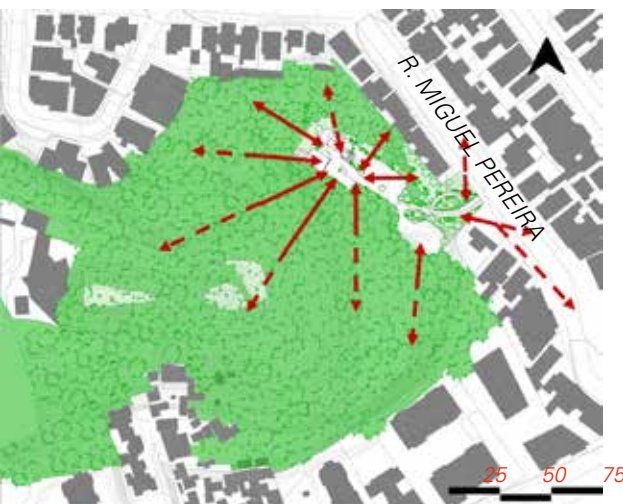
Dado o contexto e a exuberância da Mata Atlântica existente, os gestores do Parque vislumbraram na educação ambiental um viés de desenvolvimento do Parque.

Porém, por falta de recursos e planejamento, a atuação para a implantação do Parque restringiu-se à uma pequena parcela da área total concedida ao Parque.

Essa configuração nega a Mata ao redor como parte integrante e estruturante do Parque, e a utiliza como moldura e limite para as atividades de educação ambiental do mesmo.



F. 04 - Relação Morro do Martelo e porção atual em uso



F. 05 - Relação Morro do Martelo e proposta

Como na charge de autoria de Frato (F. 06), a ausência de experimentação empobrece a experiência. No Parque, isso resultou em uma única área, majoritariamente, responsável por todas as dinâmicas, de forma dissociada do Morro (F. 04) e das outras partes em uso do Parque.

A abordagem dessa questão intenciona levar o Parque à Mata e



F. 06- Charge sobre educação e experiência

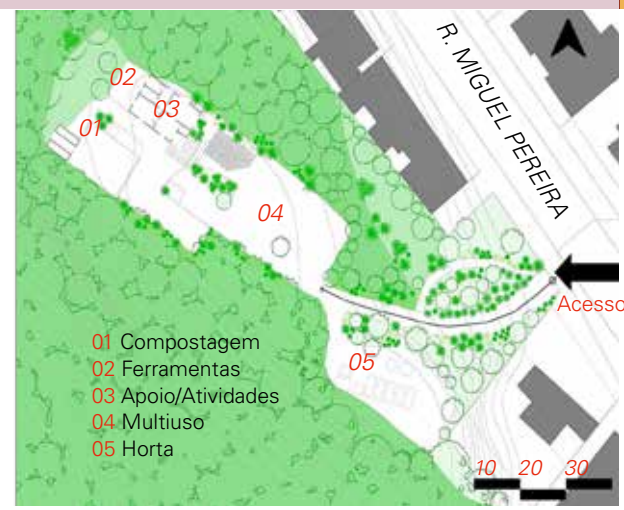
trazer a Mata ao Parque e baseou-se na construção da paisagem a partir da relação afetiva entre os usuários e a vegetação, acerca dos valores e significados atribuídos à vegetação e ao espaço do Parque como um todo.

Como observa Marc Treib (2011), o significado reside no observador e não no lugar. Esses valores e significados permeiam o universo de associações, percepções e vivências que englobam as emoções, os sentimentos e os sentidos.

Ou seja, o significado não é uma construção do arquiteto paisagista, em vez disso é uma criação do observador que utiliza. Este é adquirido com o tempo e percebido diferentemente devido à bagagem cultural, à educação, às experiências de vida e às experiências com a natureza. Sendo, portanto, papel do arquiteto paisagista instigar reações ao lugar a partir da compreensão de ideias que reconheçam nosso tempo, nossa sensibilidade e nosso povo (TREIB,2011).

A proposta tem como intenção potencializar o laço afetivo a partir da ampliação da relação do Parque com o Morro do Martelo (F. 05) e da compreensão do imaginário coletivo a partir do símbolo, memória e lugar.

A vegetação pode ser categorizada em três (F.08), de acordo com as diferentes



F. 07- Vegetação e Usos

ambiências que cria, com a diversidade e composição vegetal existente e com a quantidade de espécies. Os usos (F. 09) estão diretamente ou indiretamente relacionados à educação ambiental e distribuídos em função de um centro irradiador. Enquanto que a topografia (F.10) tem como principal característica a presença de platôs artificiais e desmatados e platôs naturais em meio à vegetação.

Nesse momento, a abordagem analítica mescla-se à abordagem voltada às questões sensíveis. O ambiente físico expressa preferências e potencialidades culturais de uma determinada comunidade e um conjunto natural específico (WAGNER e MIKESELL, 2003).

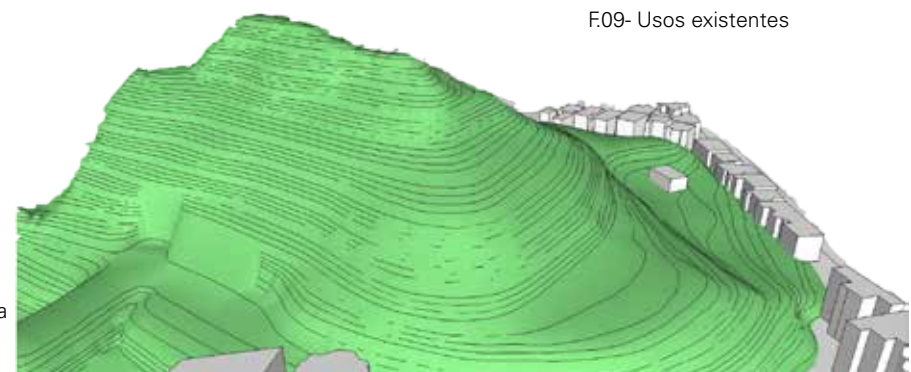
- Alta densidade vegetada
- Interm. densidade vegetada
- Baixa densidade vegetada



F.08 - Diferentes densidades vegetadas



F.09- Usos existentes

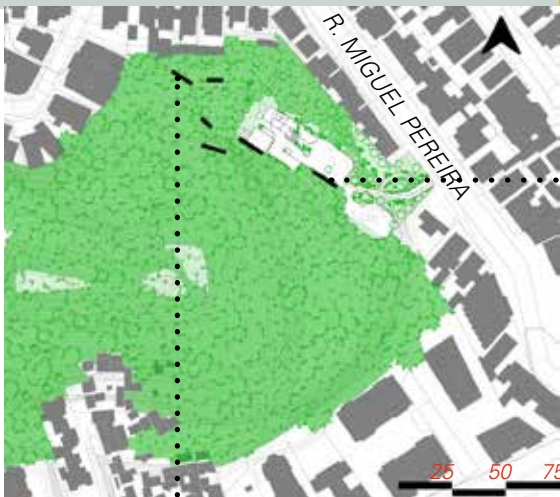


F.10 - Aspecto biofísico - Topografia

DIVERSIDADE
AMBIENCIAIS

AMPLIAÇÃO
FLUIDEZ

INTEGRAÇÃO
SENSORIAL



F. 11- Resquícios Históricos



F. 13- Ruínas das ocupações



F. 15 - Aspecto sociocultural - manifestações



F. 12- Ruínas das ocupações

A análise dos aspectos biofísicos e socioculturais expõe a possibilidade de exploração da diversidade da vegetação, de criação de ambiências distintas, a necessidade de fluidez dos usos existentes e a sua ampliação em relação à área total do Parque, a possibilidade de integração com a natureza e



F.14- Aspecto sociocultural - agentes envolvidos

relação entre os distintos níveis topográficos e a vegetação.

As ruínas das residências do período das favelas, existentes no Parque, são encaradas como entraves ao desenvolvimento das atividades. Elas encontram-se escondidas pela porção densamente vegetada (F.12) ou atuam como limite (F. 13) dos

espaços onde se dão as atividades.

Como exposto anteriormente, uma característica marcante do Parque é a forte relação de pertencimento dos principais agentes envolvidos (F. 14). Essa relação de afetividade é construída a partir do envolvimento nas ações educativas (cursos, palestras, oficinas), no relacionamento entre os usuários (público infantil dominante), nos eventos (F.15) e na conscientização sobre a importância de um espaço público e livre de edificações na cidade.

Foram traçadas as principais expressões desse espaço e suas potencialidades (F.16).

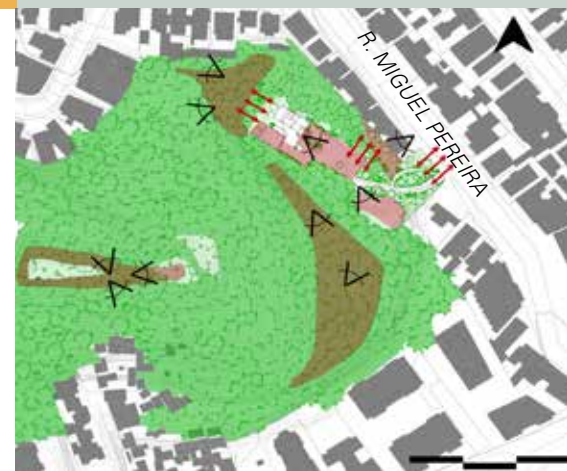
Essa análise demonstrou que há uma associação não explorada e positiva entre as diferentes configurações da vegetação e a topografia. Essa associação evidencia o caráter simbólico da vegetação na força do elemento natural, no seu papel de notoriedade, e na sua conexão com a essência da vida, e com as fases/ciclo da vida.

Enquanto a intersecção das ambiências da vegetação com os resquícios históricos e a topografia expõem as especificidades e memória do lugar, atuando na fixação de paisagens, eventos, emoções e até pessoas a partir da capacidade de evocar lembranças.

E ainda a atuação para o reconhecimento do Parque como área global do Morro do Martelo, a partir das transições necessárias e visuais possíveis para o Cristo Redentor e para o próprio Morro.

A setorização das atividades (F.17) seguiu a análise anterior e a sua relação com os principais aspectos do imaginário coletivo (símbolo, memória e lugar) sobre o Parque.

O prático e experimental relacionam-se, predominantemente, com o caráter memorial pela sua construção de experiências pessoais. Já o educativo/recreativo com o simbólico por meio do conhecimento do papel de destaque da vegetação na construção de mitos e símbolos, a partir da sua utilização em rituais e cerimônias. E o contemplativo com o caráter do lugar pela suas características como grupo organizado e pelas suas relações interpessoais.



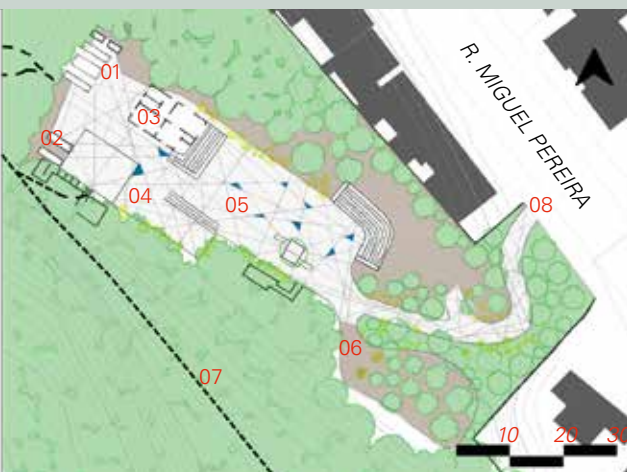
Atividades ambientais e de lazer
Visuais
Transições

F. 16- Sobreposição dos aspectos biofísicos e socioculturais



F. 17 - Setorização

Contemplativo
Educativo/Recreativo
Prático
Experimental



- 01 Horta
- 02 Composteira
- 03 Apoio
- 04 Eventos
- 05 Praça das Águas
- 06 Laboratório
- 07 Trilha
- 08 Acesso

F. 18 - Planta Baixa

Como o viés da educação ambiental é forte e determinante na relação das pessoas com o Parque, a manutenção das atividades diretamente relacionadas ao tema é fundamental (F. 18). Sendo assim, a composteira e a horta passam a estar próximas por serem atividades que se complementam, facilitando o seu manuseio.

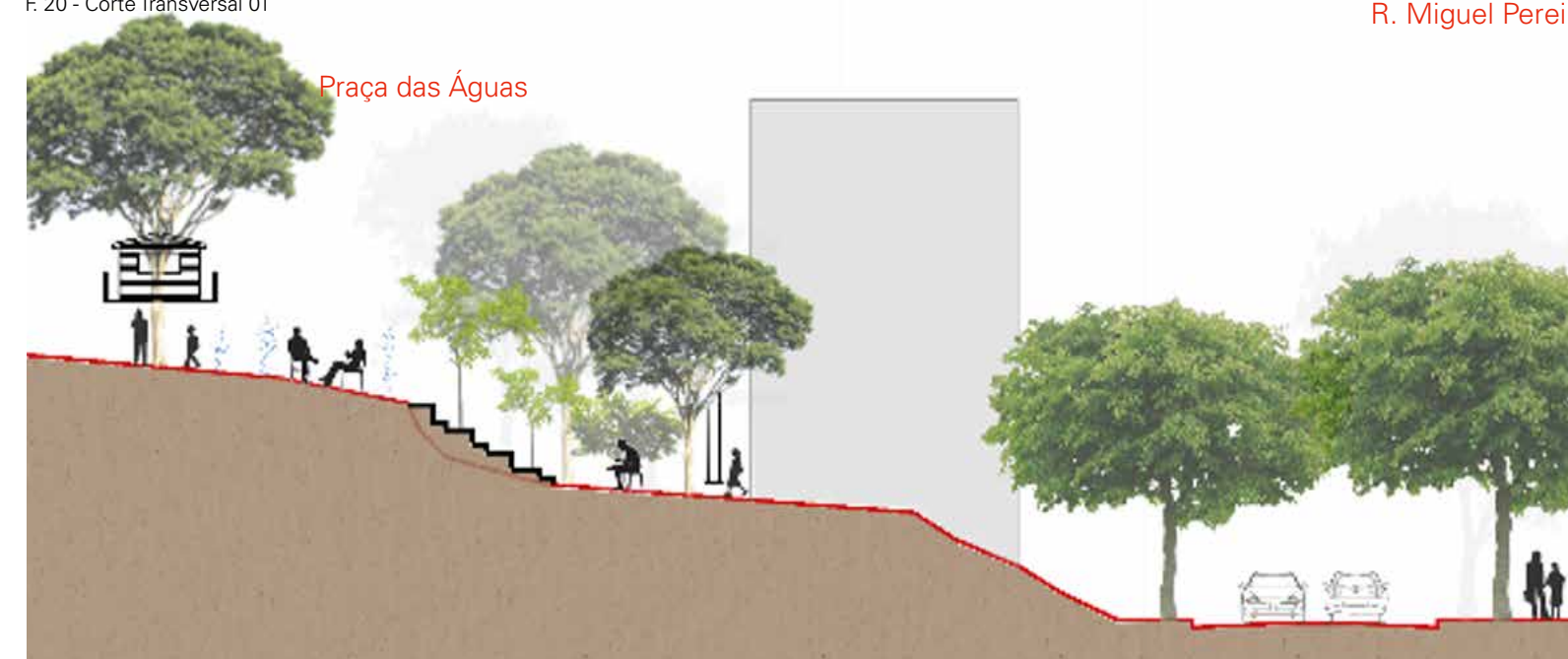
Seguindo a perspectiva ambiental, opta-se por um novo espaço: o laboratório. A ideia desse espaço é destinar área para as mudas doadas pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro e nele organizar a composição das espécies, numa estratégia de teste, antes de transportá-las para o local final. Além disso, permite aos usuários compreender através da experiência como ocorre a manutenção do Parque, na sua esfera lúdica e prática.



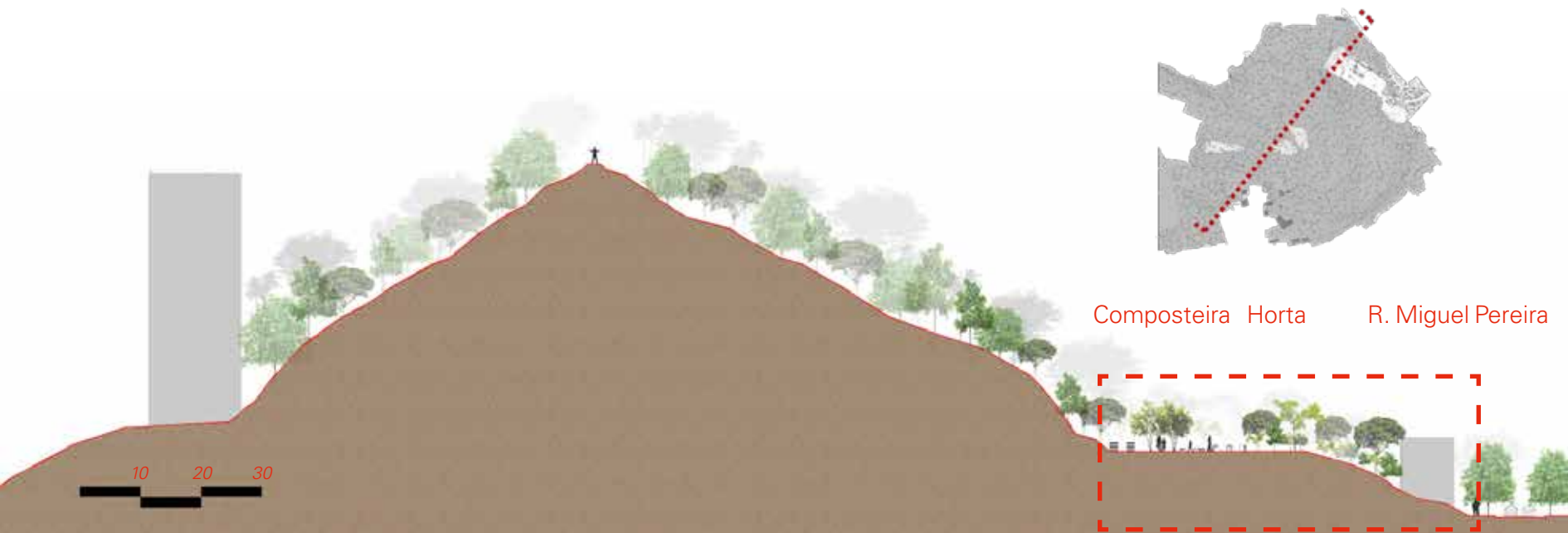
F. 19 - Corte Longitudinal



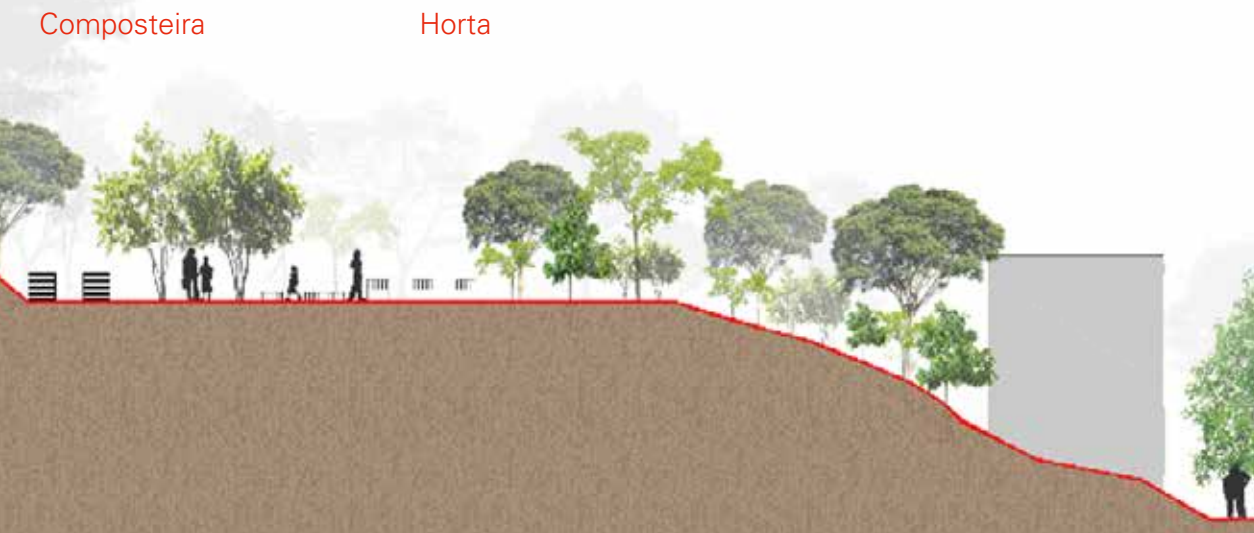
F. 20 - Corte Transversal 01



F. 21 - Ampliação Corte Transversal 01



F. 22 - Corte Transversal 02

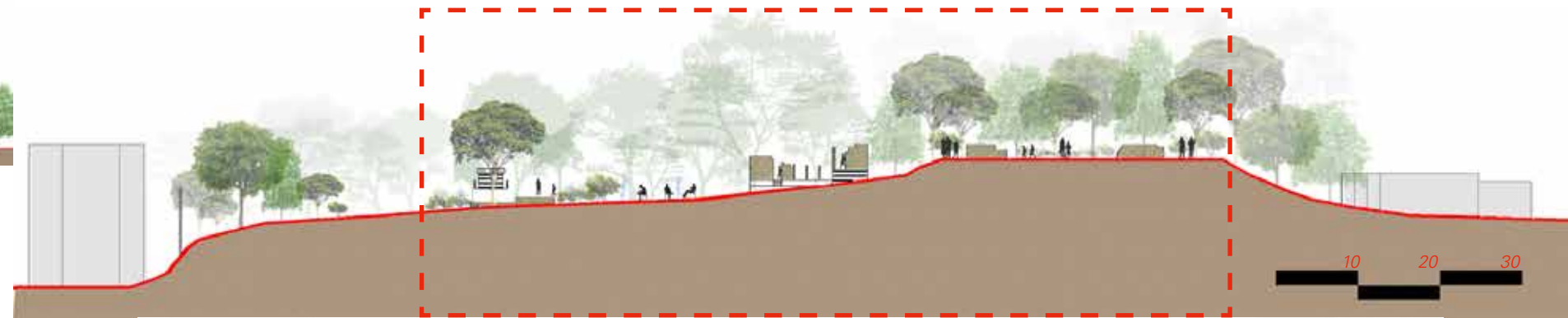


F. 23 - Ampliação Corte Transversal 02

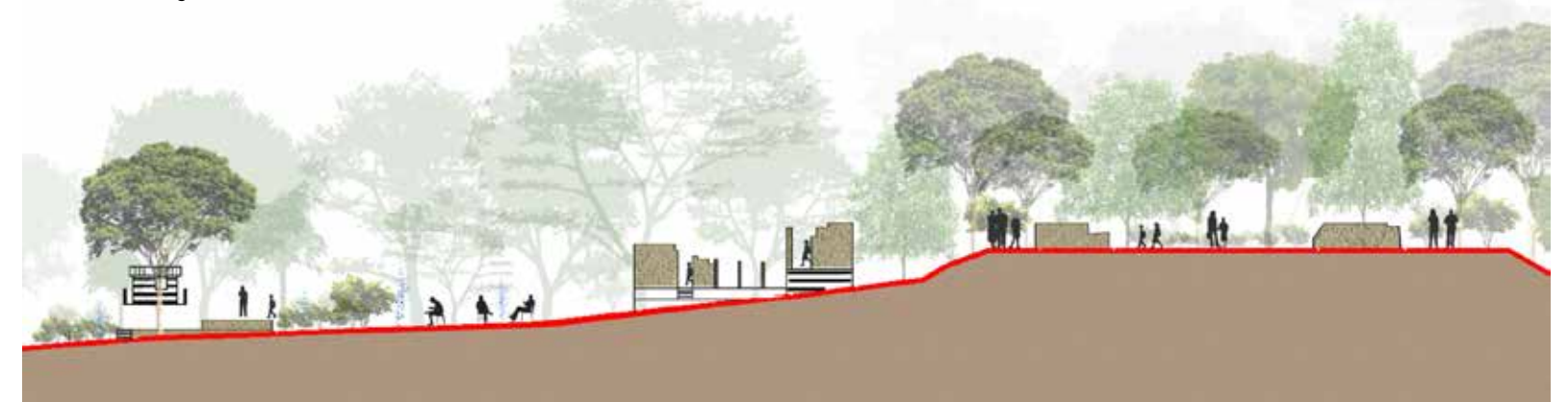
Um importante aspecto da proposta foi considerar a Praça das Águas como um espaço que se expande desde o acesso ao Parque até o encontro com os resquícios históricos, as trilhas, a horta, a composteira, o laboratório e o espaço de eventos. O objetivo é a integração entre as partes e uma maior fluidez do espaço global do Parque. (F. 20 e 21)

A concepção espacial aposta em uma paginação de piso que direciona os caminhos de uma forma lúdica com o auxílio de esguichos de água, sendo assim também um equipamento de lazer (F. 18).

Outra estratégia para explorar a fluidez do espaço e a diversidade de experiências e ambiências foi a apropriação dos resquícios históricos como plataforma de acesso às áreas de vegetação mais densa e ainda como elemento de marco de referência à memória local (F. 24 e 25). Por fim, a criação das trilhas (F. 19) com fim recreativo e educativo: os trechos naturalmente mais planos e vegetados forneceriam espaços para picnic, enquanto os trechos mais íngremes e vegetados serviriam à vivência da vegetação em si e às visuais existentes, com a intenção de apoderar-se da riqueza desse fragmento de Mata Atlântica.



F. 24 - Corte Longitudinal 02



F. 25 - Ampliação Corte Longitudinal 02



F. 26 - Valores e significados atribuídos à vegetação

Referências bibliográficas

FARAH, Ivete Mello Calil. “Rio de Janeiro e árvores urbanas: uma paisagem afetiva.” In: *Pinheiro Machado*, Denise B. (org.) Sobre Urbanismo. Coleção Arquitetura e Cidade. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Editora/Editora PROURB, 2006. p.159-173.

FARAH, Ivete Mello Calil. *Poética das árvores urbanas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PARQUE DO MARTELO. Disponível em <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/cidadania/0084.html>>Acesso em Mar 2016.

PARQUE DO MARTELO. Disponível em <<https://culturalrio.wordpress.com/2013/03/09/Parque-do-martelo-um-tesouro-escondido-no-bairro-do-humaita/>>Acesso em Mar 2016.

RIVAL, Laura (Organizadora). *The social life of trees: anthropological perspectives on tree symbolism*. Berg: Oxford, New York, 1998.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHROEDER, Herbert W. “Does beauty still matter? Experiential and utilitarian values of urban trees.” In: *Trees, people and the built environment*. Proceedings of the Urban Trees Research Conference. Edgbaston, Birmingham, UK. Institute of Chartered Foresters, 2011.

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

TREIB, Marc (Org). *Meaning in landscape design& architecture: four essays, four commentaries*. Nova York: Routledge, 2011.

WAGNER, P. L.; e MIKESEL, M. W. *Os Temas da Geografia Cultural*. In.: CORRÊA,Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Cartografia e iconografia
Bases do Google Maps
Bases do Google Earth

Fotografia e ilustrações
SILVA, Taís Alvino. 2016.
TONNUCCI, Francisco

Úrsula Hernández Vélez

Medellín, Colombia
Área de intervención: 52 Ha

Parque Abierto es un ensayo proyectual localizado en un actual Club de Golf en la ciudad de Medellín, Colombia, que busca la conexión entre la experiencia del caminar como condición inherente del ser humano y el programa resiliente que conformaría el escenario de este proyecto.

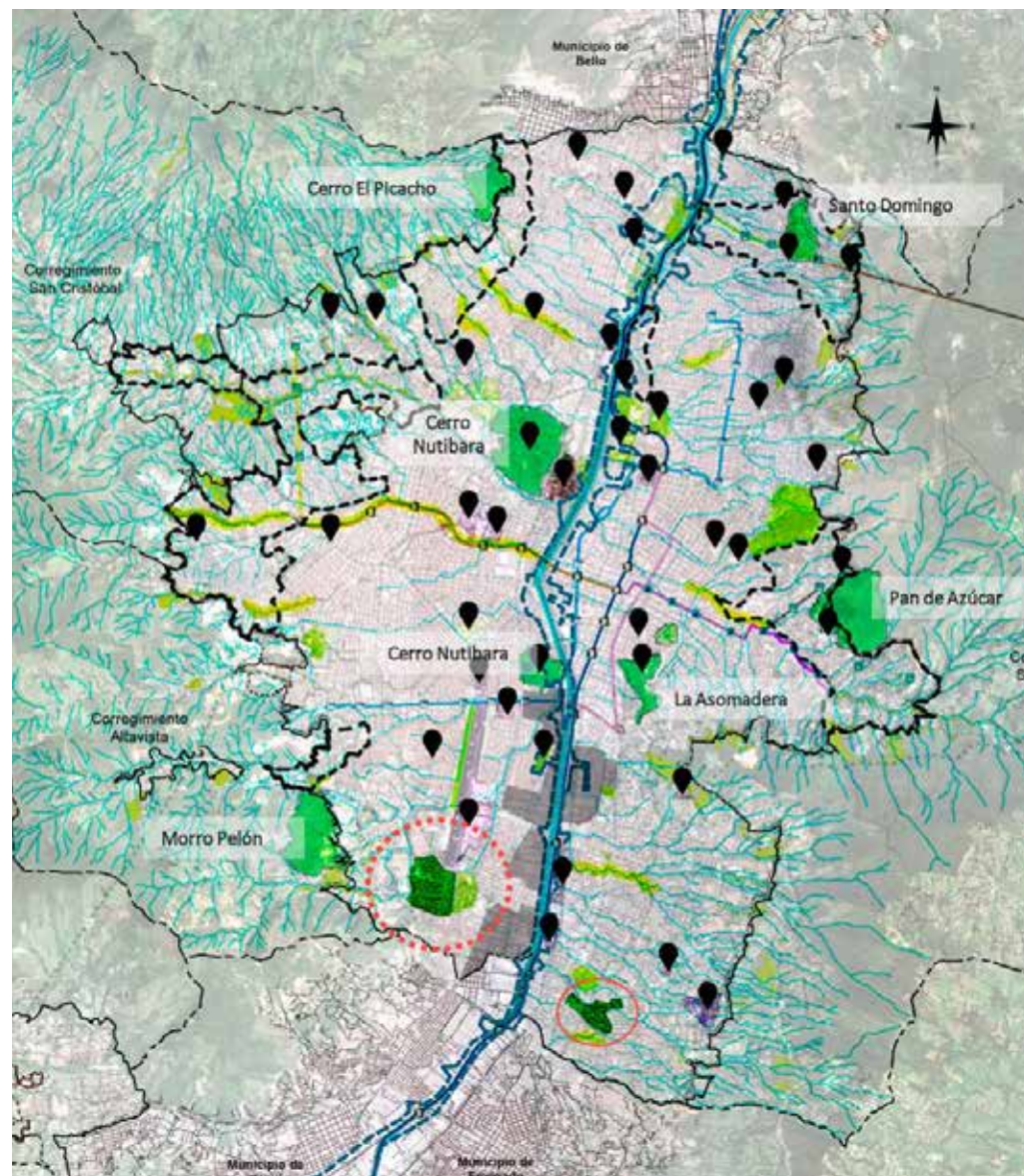
Abierto para las personas y sus experiencias; perdurable, moldeable y adaptable a los cambios del contexto urbano, de la sociedad y lo más importante de las necesidades ambientales para mantenerse en equilibrio con la realidad del ambiente natural.

Parque Abierto

Transformación de una área aislada en un nuevo paisaje democrático y sostenible en la ciudad de Medellín, Colombia



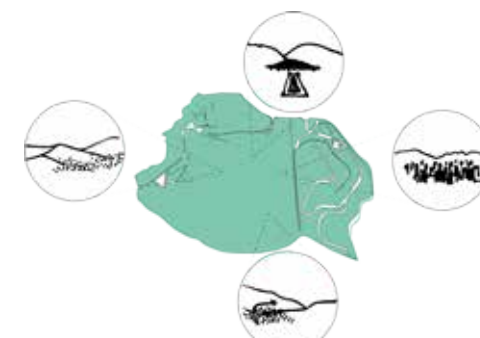
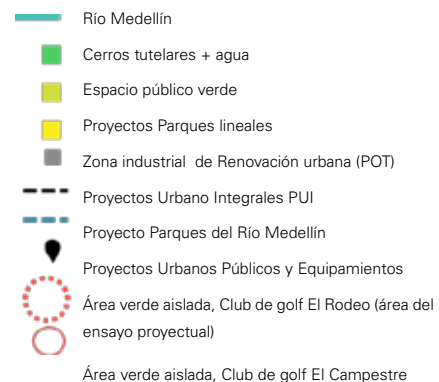
F01 - Cuando un gramado insostenible se transforma y revitaliza para la ciudad y su gente.



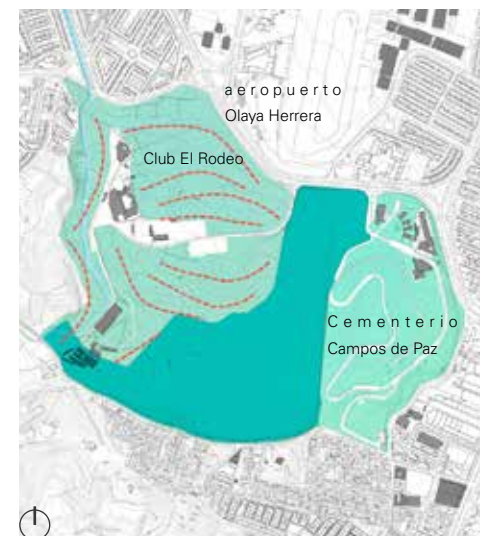
F02 - Contexto Parque Abierto en la ciudad de Medellín.
Fuente: POT Medellín 2014, Google Earth, adaptación de la autora

En esta primera inmersión de proyectar con la herramienta de la arquitectura del paisaje, en el presente estudio de caso, se exploran dos escalas: la escala media de ciudad y la escala local de barrio, en las cuales se transita por análisis con ires y venires sobre las relaciones urbanas, biofísicas y sociales que traigan un entendimiento claro sobre la realidad del lugar.

El contexto de la ciudad de Medellín, se sitúa en el Valle de Aburrá como su ciudad capital. En su extensión física como valle, de sentido norte a sur, es cruzada por el Río Medellín en el medio como eje principal y estructurador del sistema de infraestructura verde de la ciudad y eje principal de movilidad, con 57 vertientes hídricas que descienden por sus laderas y siete Cerros Tutelares, como hitos verdes significativos.



F03 - Vistas y vecinos del Parque.



F05 - Estrategia de distribución administrativa (público y privado).

Este sistema de entramado entre los flujos de agua y tierras prominentes verdes además de otras zonas verdes, conforman el paisaje del sistema de infraestructura verde de la ciudad. La mayoría de proyectos urbanos públicos se localizan en la zona Norte de la ciudad y sus laderas, dejando en el sur dos grandes áreas con potenciales de exploración ligada a la infraestructura verde y espacio público de la ciudad y que son de interés estratégico según el POT (Plan de Ordenamiento Territorial) 2014. (F02)

Estas áreas verdes en el sur son dos clubes de golf, y es el campo de golf Club El Rodeo (55.2ha), el escogido como escenario del estudio de caso Parque Abierto, que representa hoy la antítesis de lo que se busca hoy en día en la concepción de un paisaje más democrático y sostenible:



F04 - Vista del Club El Rodeo. Fuente: http://www.aeroptica.com/index.php/portfolio_page/club-el-rodeo/

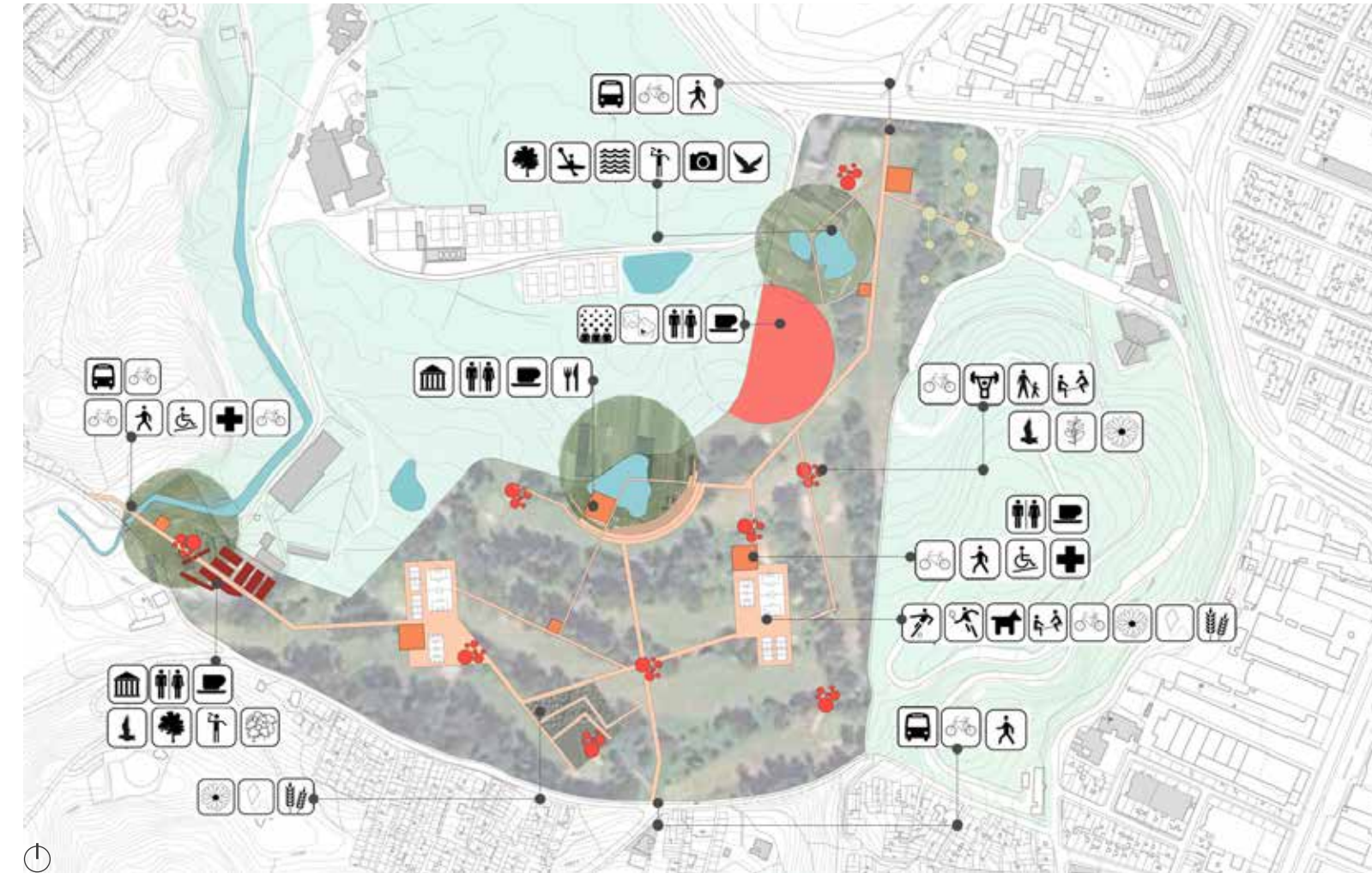
una gran isla verde privada entre barrios con déficit de espacio público en el sur de la ciudad, compuesta por extensiones de gramados con altos costos de manutención y consumo energético, falta de articulación a la trama verde de la ciudad y con ciertas actividades deportivas para un colectivo específico minoritario de estratificación social alto. (F04)

El Club está diseñado con 18 hoyos de juego y un conjunto de equipamientos deportivos y de ocio entre tenis, hípica, zona de piscina, gimnasio, restaurante y área para eventos. Como estrategia de distribución administrativa, legislativa entre lo público y lo privado, se divide su área de 52ha en dos partes, dejando por un lado 9 de sus 18 hoyos más la infraestructura del Club para continuar existiendo como equipamiento privado, otorgando así la otra parte de su terreno para la ejecución de un parque abierto para la ciudad. (F05)

- Proyecto Alcaldía VLT
- Vías secundarias
- Vías principales
- Parque Abierto
- Área para el Club El Rodeo
- Cementerio Parque Campos de Paz
- Residencial
- Servicios - comercial - mixto
- Industrial
- Equipamientos
- Vacios entre vegetación = creación de nuevos paisajes
- Vegetación densa
- Gramados silvestres
- Paisaje de pradera
- Superficies más planas = Espacios para nuevas actividades
- Aprovechar la topografía para terrazas con plantíos
- Aprovechar los elementos hídricos
- Caminos formados a partir de la vegetación existente y la topografía
- Patrimonio VIVO
- Verde Club
- Verde ciudad
- Parque Abierto
- Agua



F06 - Análisis de las potencialidades y problemas del lugar Urbano - Biofísico.



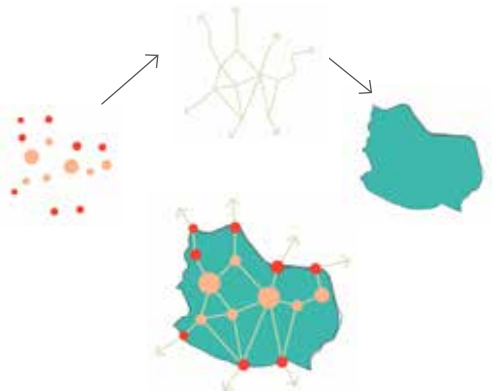
- Agua
- Revitalización del agua
- Terrazas productivas
- Reciclaje de infraestructura
- Pabellón cultural
- Ocio
- Equipamientos y servicios
- Espacio de lo sagrado
- Plataformas deportivas

F07 - Planta Estrategias de proyecto, Parque Abierto.

El estudio de las relaciones biofísicas, urbanas y sociales del lugar, demarcan las estrategias proyectuales que dan origen al Parque Abierto. Las vías principales, la relación con los barrios y los equipamientos más próximos, dan forma a los puntos de acceso. El trazado de la vegetación existente que enmarca los hoyos de golf junto con los elementos de agua y las áreas de topografía más plana, abren potenciales espacios para el desarrollo de nuevas actividades y paisajes para así, transformar los grandes gramados insostenibles en lugares con sentido para la ciudad y su contexto ambiental y social. (F.06 y F.08)

Igualmente, la vegetación existente es llamada como Patrimonio vivo que debe repotencializarse y cuidarse en el Parque.

Las nuevas actividades surgen tanto de las necesidades de la ciudad como del estudio de referencias proyectuales de parques urbanos como Voldelpark (Amsterdam) con ejemplos exitosos de apropiación de las personas con actividades culturales, lúdicas y deportivas. (F.12)



F.10 - Concepto. Red de puntos, líneas y superficies.



Patrimonio vivo:

- agua
- patrimônio vivo
- tratar la vegetación en los bordes del parque

Superficies de revitalización:

- del água
- de la productividad

circulaciones:

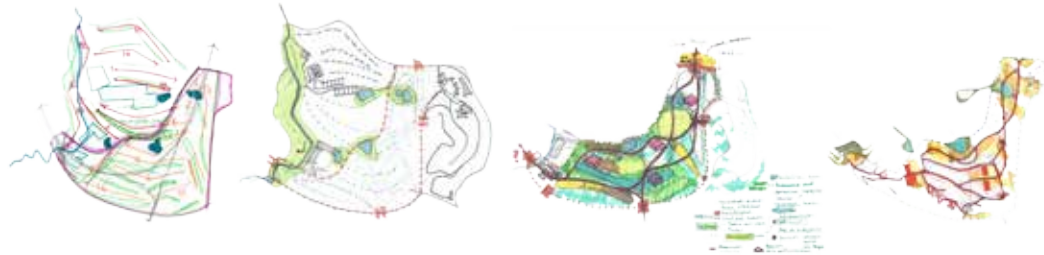
- caminar
- pedalear
- vía de servicios

atividades:

- educación para la comunidad
- cultura para la ciudad
- servicios para activar
- ocio para recrear
- deporte

superficies vinculadas a las actividades

F.11 - Esquema del programa Parque Abierto.



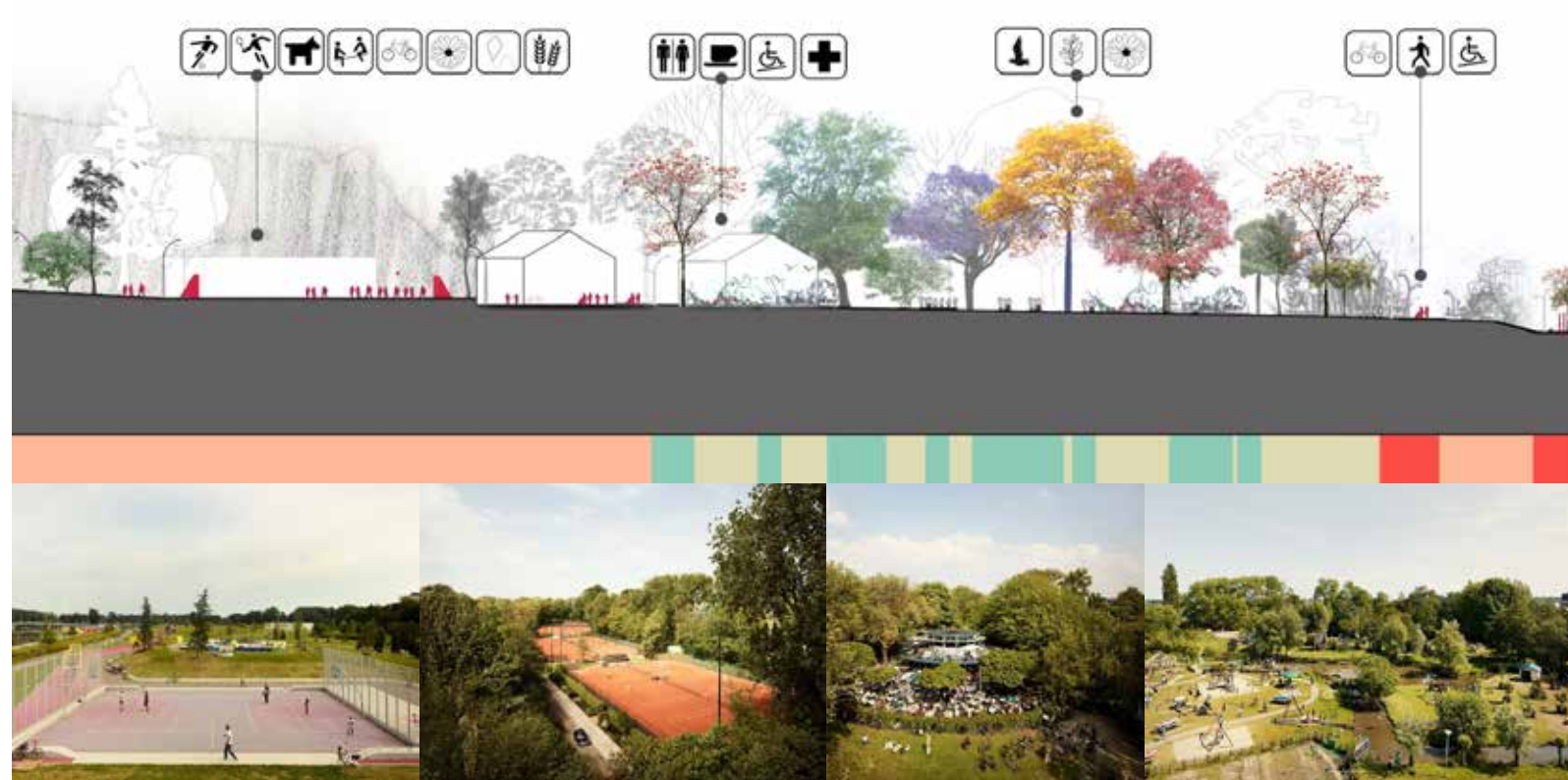
F.08 - Proceso evolutivo del estudio de las relaciones.

A partir de esas áreas, van surgiendo los caminos que interconectan el programa para que el usuario vaya construyendo su percepción del paisaje y la vida del mismo. (F.11) El caminar es la condición principal en este caso del habitante del Valle, que permite una nueva apropiación ante un lugar que se encontraba limitado a un grupo de personas minoritario.

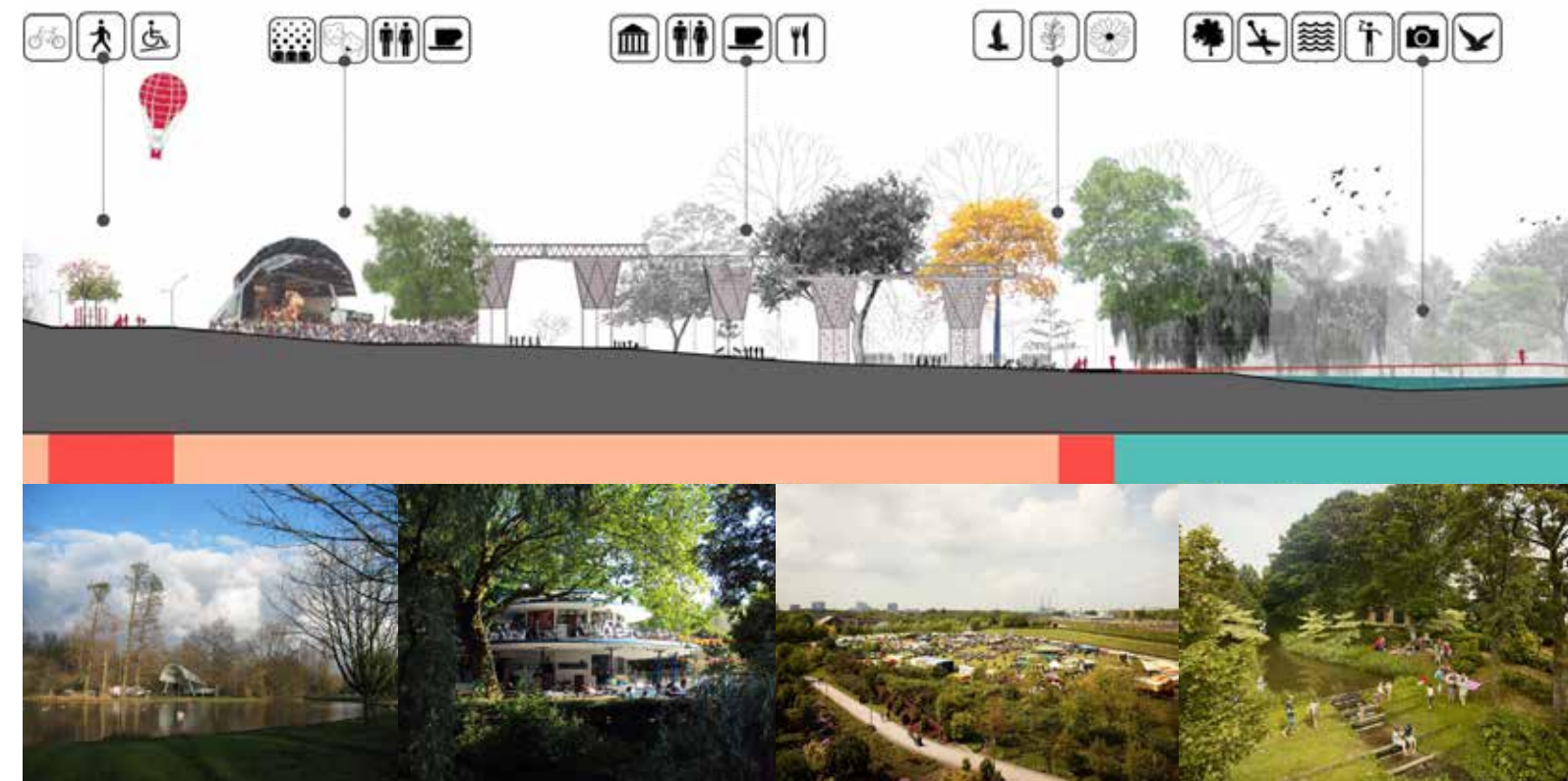
Parque Abierto es un paisaje que se crea, se regenera, se activa, a través del concepto del sistema de caminos (líneas), actividades (puntos) y espacios libres vivos y o activos (superficies).



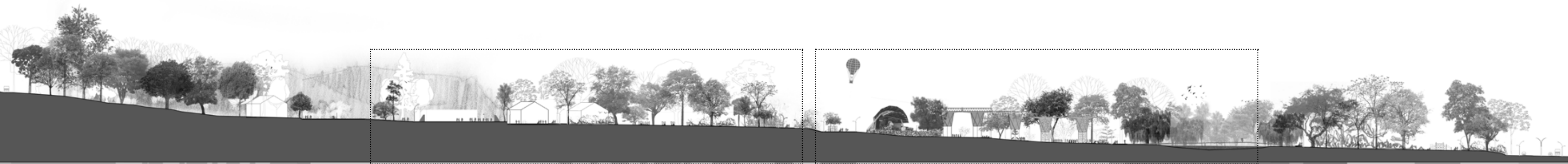
F.09 - Corte longitudinal del parque. Sentir y apropiarse del espacio.



Referencia proyectual Vondelpark - Amsterdam.



Referencia proyectual Vondelpark - Amsterdam.



F.12 - Lupas de actividades - Referencias proyectuales para el programa.

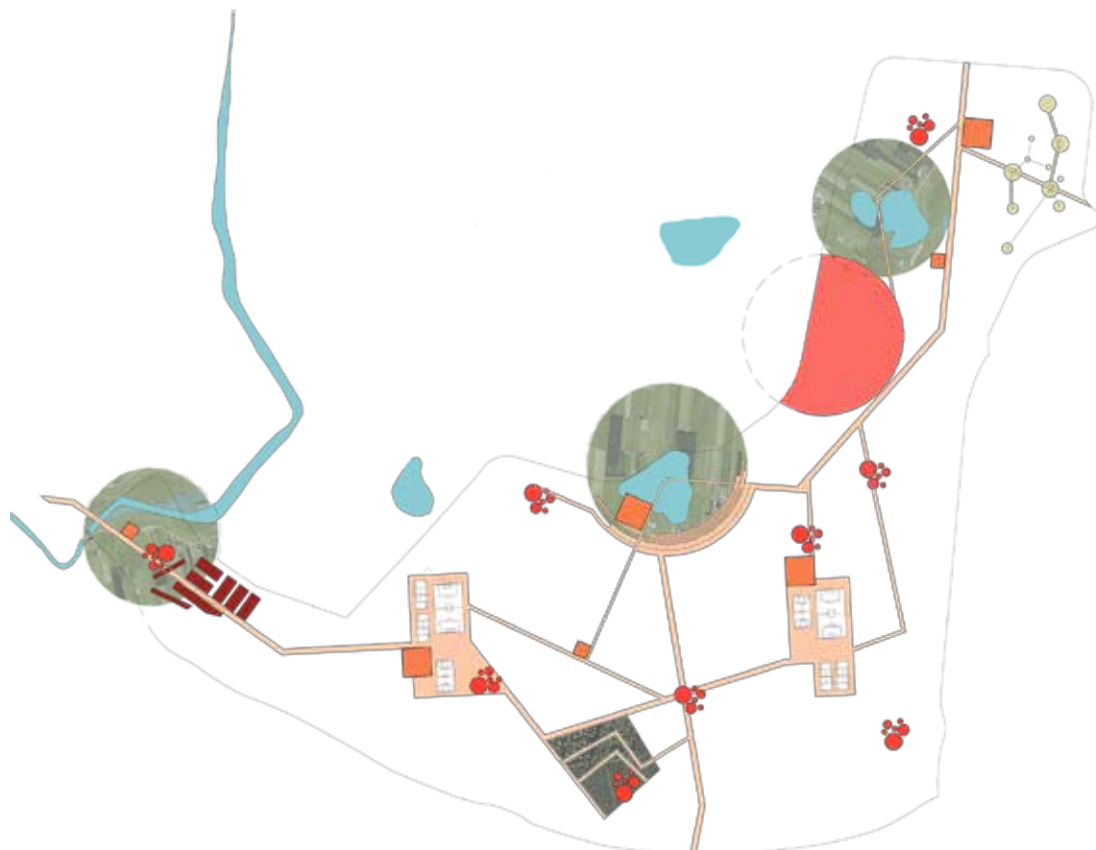


FIGURA 13 - Esquema síntesis de la idea proyectual Parque Abierto.

Referencias Bibliográficas

AMVA, Área Metropolitana del Valle de Aburrá. *BIO2030 Plan Director Medellín, Valle de Aburrá*. Disponible en: < > Acceso 03 Maio 2015.

CARERI, Francesco. *A testa in giù in: "Questo è Paesaggio. 48 definizioni"*, Roma: Grupo mancosu editore, p.170-171. 2006.

CZERNIAK, Julia y HARGREAVES, George. *Large Parks*. New York: Princeton Architectural Press, 2007.

Entrevista a Bernard Tschumi em: Corbou, Michel. *Des jardins dans la ville*. Arte Éditions/Editions de la Marinière, 2011. Traducción libre. Ana Rosa de Oliveira.

ESTRADA, Luisa G. *El parque barrial en la planeación y configuración urbana de Medellín*. Trabajo final de maestría – Universidad Nacional de Colombia, Sede Medellín – Escuela de Planeación Urbano Regional. Medellín, 2012.

GELH, Jan, *Ciudades para la gente*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Infinito, 2014.

GIRALDO, Catalina V. *Reinterpretação de Espaços Subutilizados na Cidade Contemporânea: análise dos vazios urbanos industriais de Medellín*. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina – Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. Florianópolis, 2016.

LYNCH, Kevin. "Parte II: Una teoría de la buena forma urbana" In: *La buena forma de la ciudad*. Barcelona: GG, p. 88-161, 1985.

SPIRN, Anne Whiston. *The Granite Garden: Urban Nature and Human Design*. Lexington: BasicBooks, 1984.

WHYTE, William H. *The social life of small urban spaces*. New York: Project for Public Places, 1988.



C I D A D E

Projetar a cidade na paisagem e a paisagem na cidade é não apenas perceber as relações estabelecidas entre a natureza e cultura, como também atuar de modo integrado nos sistemas, construídos ou não, que estruturam a vida nas cidades. Para tanto, a vida coletiva, os processos de ocupação urbana e os processos da natureza são compreendidos a partir do habitar cotidiano, dos espaços acessíveis aos moradores da cidade. O espaço livre público, reconhecido como elemento intrínseco à vida coletiva nas cidades, é uma questão central nessa abordagem. Nesse sentido, trata-se de evitar a dispersão e segregação urbanas, avançar na direção da acessibilidade e publicidade desses espaços e integrar a natureza à cidade.

Patricia Maya e Raquel Tardin

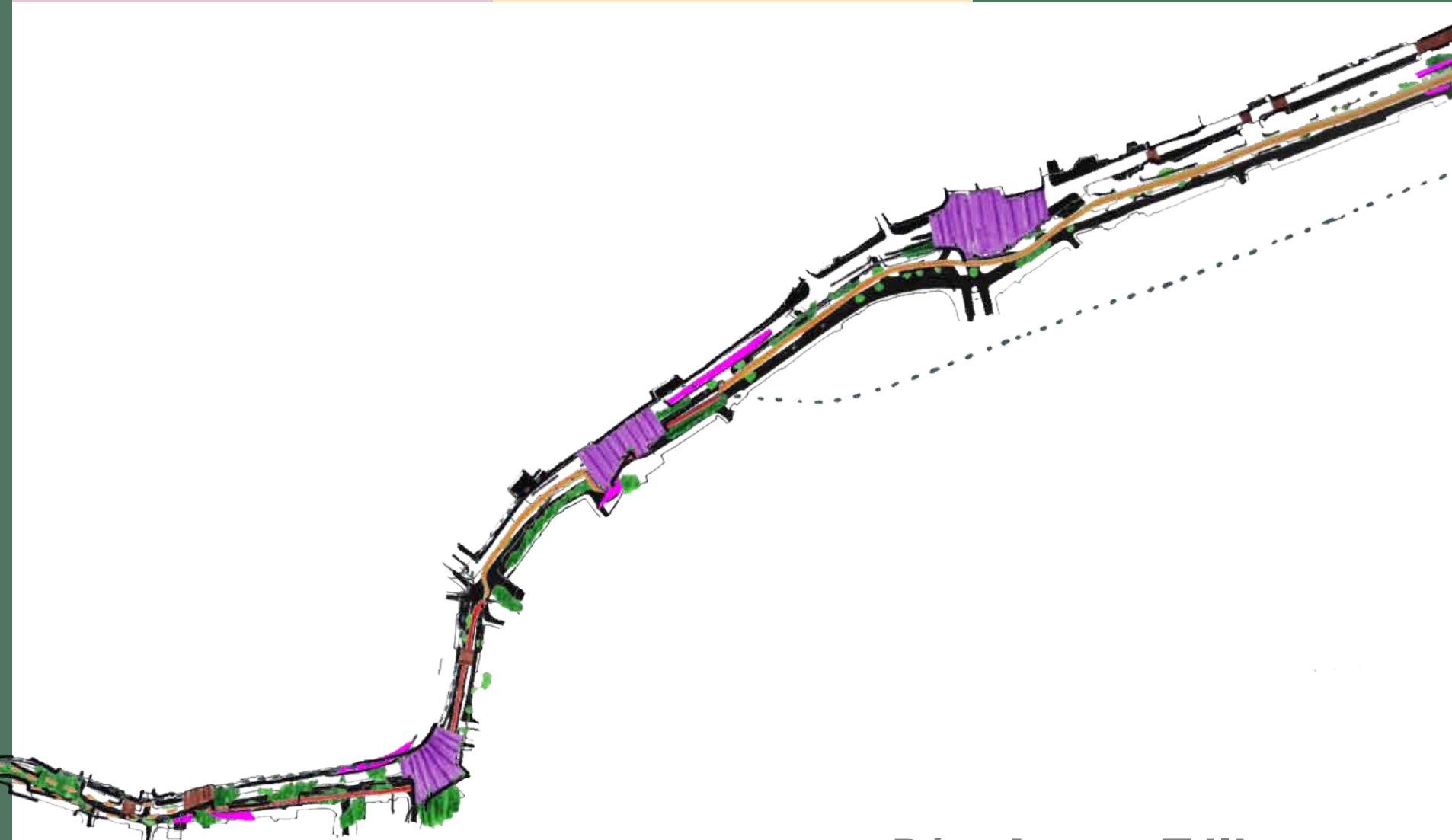
Jonas Godinho

Laranjeiras e Cosme Velho | Rio de Janeiro

Área de intervenção: 80ha

Este trabalho apresenta uma proposta de mobilidade como estratégia de ordenação da paisagem, visando investigar os modais denominados sustentáveis, tais como: o caminhar (pés), a bicicleta (aros) e o VLT (trilhos). Estes modais se complementam

como forma de deslocamento, com suas devidas particularidades, as quais são medidas a partir de escalas de tempo, velocidade, espaço e energia.



Pés, Aros e Trilhos

Mobilidade e ordenação da paisagem no eixo
Laranjeiras | Cosme Velho

O objetivo deste trabalho é estudar a mobilidade como estratégia de ordenação da paisagem dos bairros de Laranjeiras e Cosme Velho, localizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

Este estudo se dá em três escalas de modais:

Caminhar - Pés

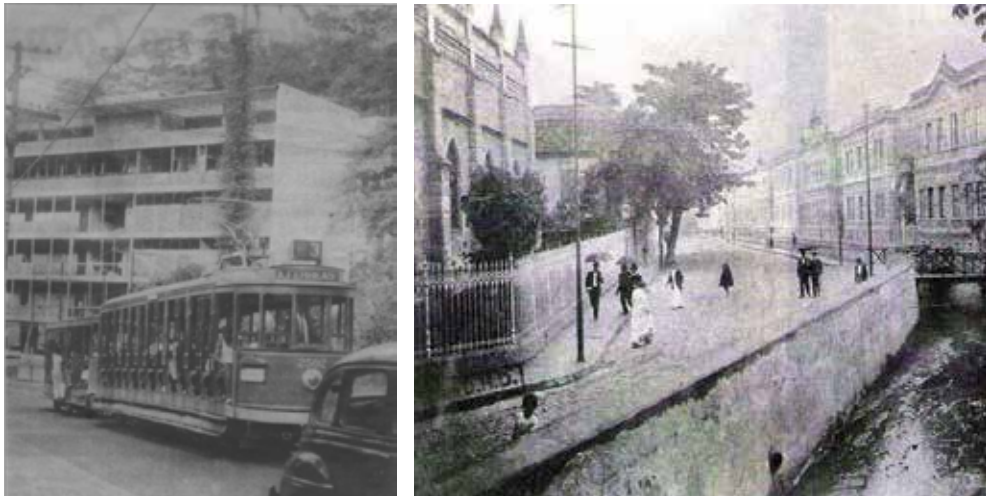
Bicicleta - Aros

VLT - Trilhos

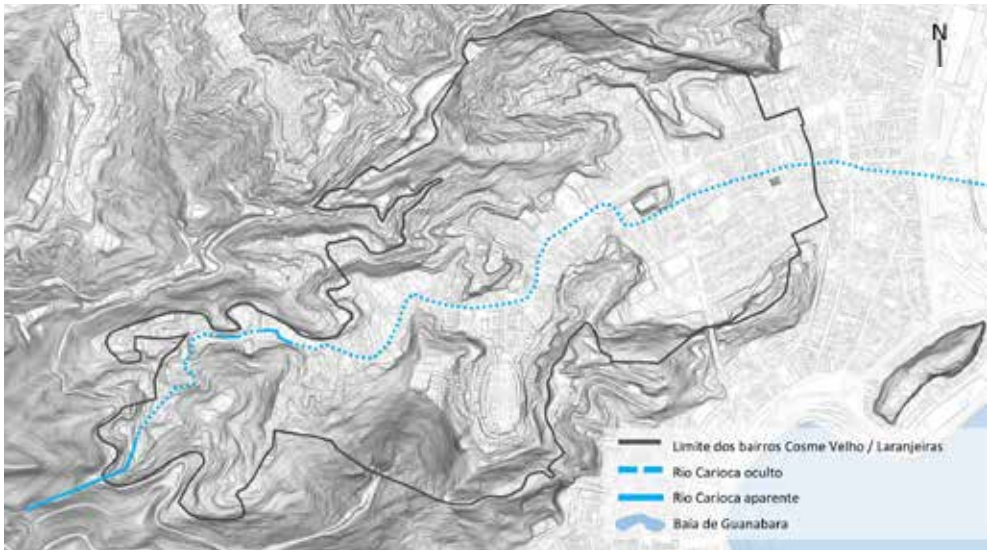
“O caminhar produz lugares. Antes do neolítico, e assim, antes dos menires, a única arquitetura simbólica capaz de modificar o ambiente era o caminhar, uma ação que, simultaneamente, é ato perceptivo e ato criativo, que ao mesmo tempo é leitura e escrita do território” (Careri,2013)



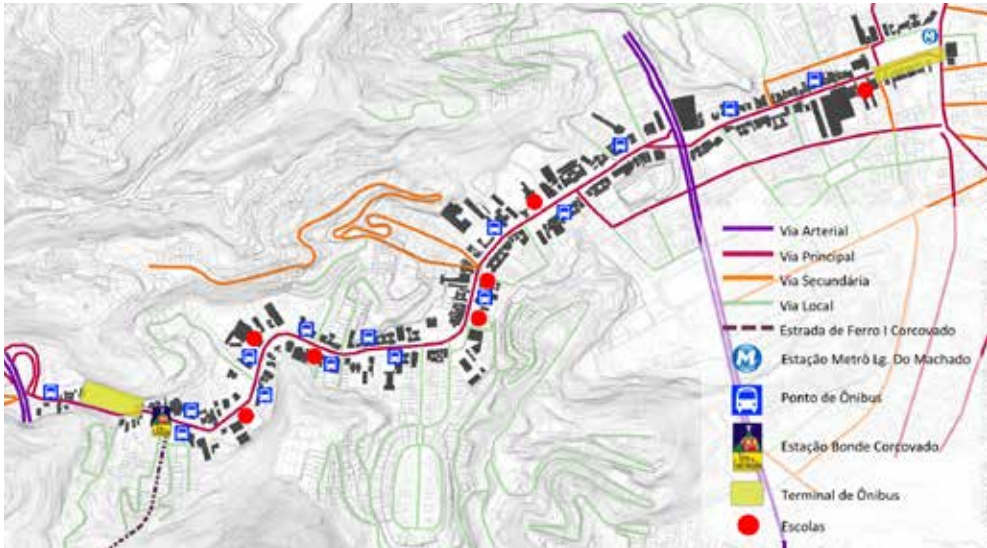
F. 01- Imagem de satélite dos bairros Laranjeiras e Cosme Velho e seu entorno



F. 02 e 03 - Bonde circulando nos bairros (anos 50) e Rua Conde de Baependi com rio Carioca (1905)|
Fontes: www.rioquepassou.com.br e rioantigo-imagensehistoria.blogspot.com.br



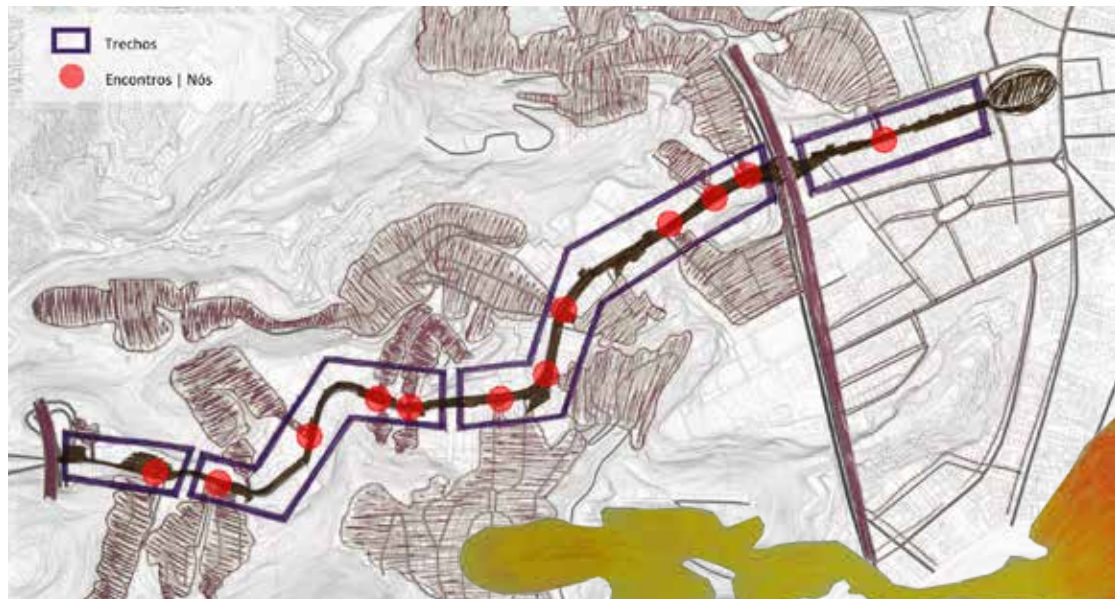
F. 04 - Relevo e Rio Carioca



F. 05 - Contexto viário

Os bairros de Laranjeiras e Cosme Velho são geograficamente contíguos e sofreram grandes mutações com o decorrer do tempo. Uma mudança expressiva na paisagem decorreu da política higienista do início do século passado, que tratava os rios e córregos como grandes disseminadores de doenças. Isto acarretou na canalização e cobrimento de muitos rios da cidade, incluindo o Rio Carioca, que tem seu leito no eixo dos bairros estudados, sua nascente nos Guararapes, na Floresta da Tijuca, e a sua foz na Baía de Guanabara. Hoje, só conseguimos ver as águas deste rio nos pontos mais próximos à sua nascente.

Outra mudança expressiva desta paisagem decorre da política rodoviarista. Atualmente, os bairros estudados têm um trânsito caótico, justificado pelo grande volume de carros e ônibus, os quais são responsáveis pelo transporte local. No entanto, é preciso atentar para o fato de que os ônibus, em especial, têm uma escala incompatível com as estreitas Rua das Laranjeiras e Rua Cosme Velho. Somado a isso, há o grande número de escolas, que nos horários de entrada e saída usam os leitos das vias como embarque e desembarque de alunos. Além das escolas, o bondinho de acesso ao Corcovado traz um elevado contingente de turistas aos bairros, intensificando os transtornos na região.



F. 06 - Eixo Laranjeiras_Cosme Velho - convergência e atração

No livro, “Walkscapes”, de Francesco Careri, o autor explica a importância do caminhar como produção de lugar e de alteração do ambiente. Em suas palavras, “o caminhar produz lugares” (Careri, 2013).

Esta visão acerca do caminhar faz todo sentido quando pensamos nos bairros estudados, uma vez que neles a prática andarilha é um hábito comum entre os moradores e visitantes.



F. 07 - Bolsões de vitalidade

“O trecho da concessionária tem calçada muito larga e sem árvores”
 “Mercadinho São José com calçada estreita e poste no caminho”
 “Gosto mais de andar no Cosme Velho”

Calçadas

Calçadas Estreitas – Em alguns trechos o pedestre caminha na via.
 Muitos Obstáculos – Obriga o pedestre a desviar seu percurso.
 Muito Largas – Potenciais áreas para deslocamento da via.
 Diretriz de projeto – Tornar as calçadas saudáveis incentivando o caminhar.

F. 08 - Diagrama análise da mobilidade | Calçadas

“Trechos muito ruins: na frente da escola Franco e do Instituto de Cardiologia”
 “Tenho medo de andar de bicicleta no Cosme Velho”

Ciclovias no bairro da
 Rua com Fachão
 Ciclovias na calçada
 (frente da escola)
 Ciclovias com rampa
 com rampa

Ciclovias

Ciclovias Inseguras – Tanto para o ciclista quanto para o pedestre.
 Ciclovias Fragmentadas – Com traçado não linear, cruzando o caminho dos pedestres.
 Diretriz de projeto – Ciclovias na calçada colada ao meio-fio.

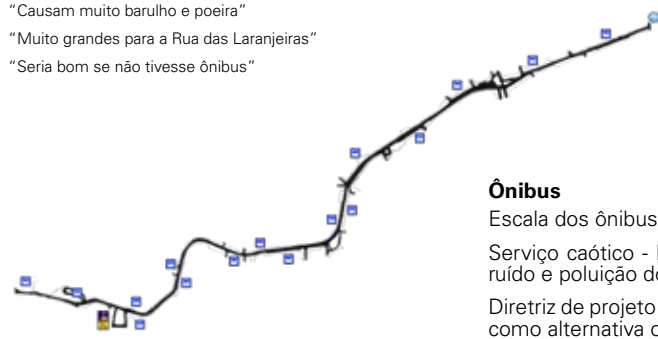
F. 09 - Diagrama análise da mobilidade | Ciclovias

Além disso, vale destacar que a Rua das Laranjeiras e Rua Cosme Velho estão no eixo de um vale, se tornando a única rota de entrada e saída dos bairros. Deste modo, a própria conformação física destes espaços faz com que os encontros se tornem mais constantes e a sensação de pertencimento mais viva. Estes encontros se dão em alguns pontos com maior intensidade e frequência do que em outros. A convergência e a atração de todo o fluxo de pessoas que circulam pela região são ilustradas na figura 07 - bolsões de vitalidade.

Para entendermos melhor o funcionamento deste eixo é necessário estudar separadamente suas camadas que se encontram sobrepostas e entrelaçadas. Seguem diagramas conceituais de análise destas camadas:



“Causam muito barulho e poeira”
“Muito grandes para a Rua das Laranjeiras”
“Seria bom se não tivesse ônibus”

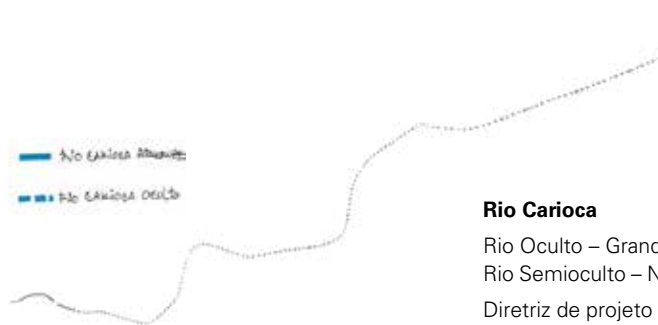


Ônibus

Escala dos ônibus – Escala incompatível com as ruas estreitas dos bairros
Serviço caótico - Paradas fora do ponto, trajeto irregular, paradas bruscas, alto nível de ruído e poluição do ar.
Diretriz de projeto – Supressão dos ônibus nas Ruas das Laranjeiras e Cosme Velho tendo como alternativa o VLT



F. 10 - Diagrama análise da mobilidade | ônibus



Rio Carioca

Rio Oculto – Grande parte de seu leito encontra-se canalizado e coberto
Rio Semioculto – No trecho não coberto o guarda-corpo é uma barreira visual
Diretriz de projeto – Tornar o Rio Carioca parte da paisagem



F. 11 - Diagrama análise das camadas | Rio Carioca

“Pouco arborizado no trecho entre o Lg do Machado e o túnel Sta Bárbara”
“Pouco arborizado na frente da concessionária”

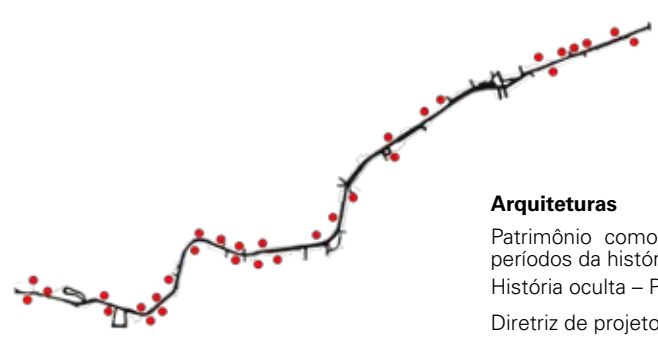


Vegetação

Arborização abundante – Grande parte do percurso sombreado
Arborização escassa – Alguns trechos sem arborização, principalmente por conta das calçadas estreitas
Obstáculo – Arborização dificultando o caminho do pedestre
Diretriz de projeto – Plantio de novas árvores nas áreas mais áridas.



F. 12 - Diagrama análise de camadas | vegetação

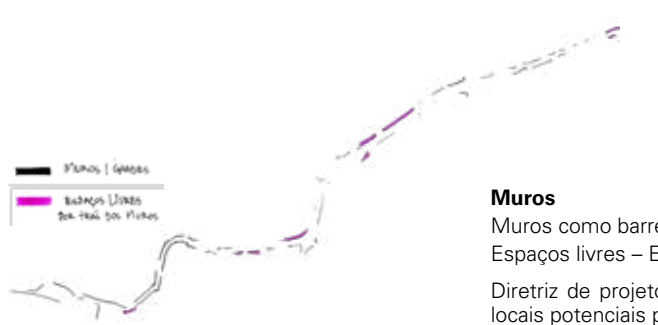


Arquiteturas

Patrimônio como história – Preservação de exemplares arquitetônicos de diversos períodos da história da cidade
História oculta – Pouca valorização do patrimônio na paisagem
Diretriz de projeto – Valorizar os patrimônios na paisagem



F. 13 - Diagrama análise das camadas | Arquiteturas



Muros

Muros como barreiras – Barreiras visuais e/ou físicas
Espaços livres – Espaços potenciais por trás dos muros
Diretriz de projeto – Deslocar muros em locais com grande compressão da via e em locais potenciais para uso do público



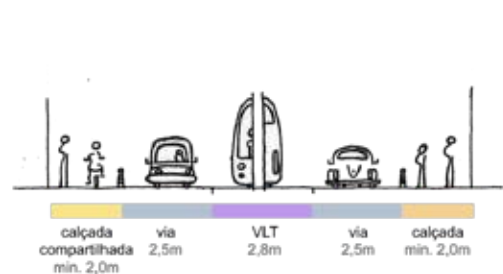
F. 14 - Diagrama análise das camadas | Muros e Grades



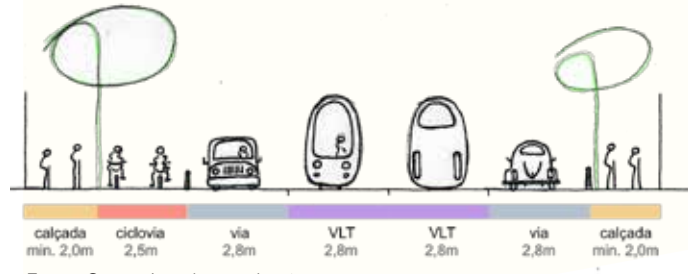
F. 15 - Diagrama análise do percurso | Dilatações e Compressões da via

A proposta de intervenção para a área de estudo consiste em um reordenamento e hierarquização dos três modais aqui abordados, sendo o caminhar o mais importante, seguido pelo pedalar e por fim o VLT. Para ampliar os passeios e minimizar as barreiras em seu percurso, os pontos de paradas do “bonde” estão localizados no eixo da via e foram redistribuídos em apenas 5 locais. Estes pontos foram projetados nos trechos mais largos, dilatações da via (figura 22). Em contraponto a estes trechos, há momentos em que a via se comprime. Nestas situações de compressão (figura 24), a solução é dialogar com os terrenos subutilizados adjacentes à via.

Para entendimento desta ordenação, seguem ampliações dos cinco trechos que apresentam soluções distintas de locação do passeio, da ciclovia, da via de automóveis e da linha do VLT. Em seguida, exemplo de soluções para as Dilatações e Compressões da via.

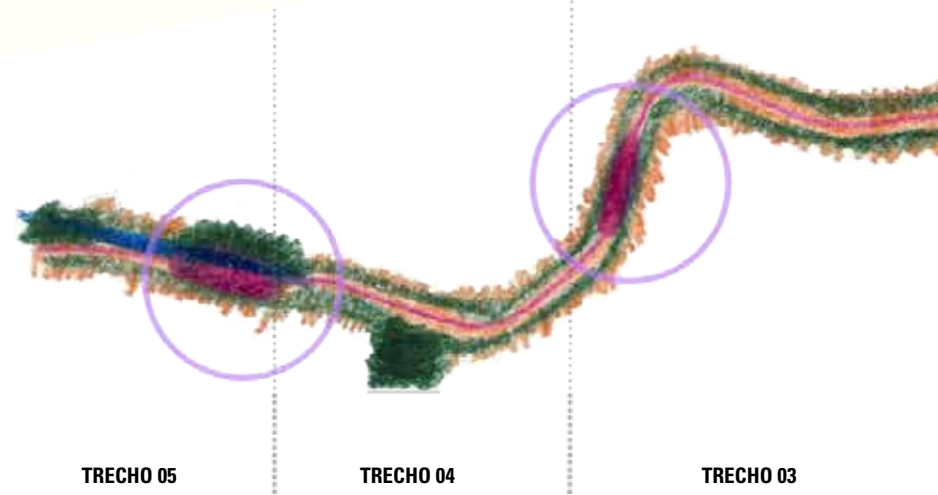


F. 16 - Corte tipo do trecho 05



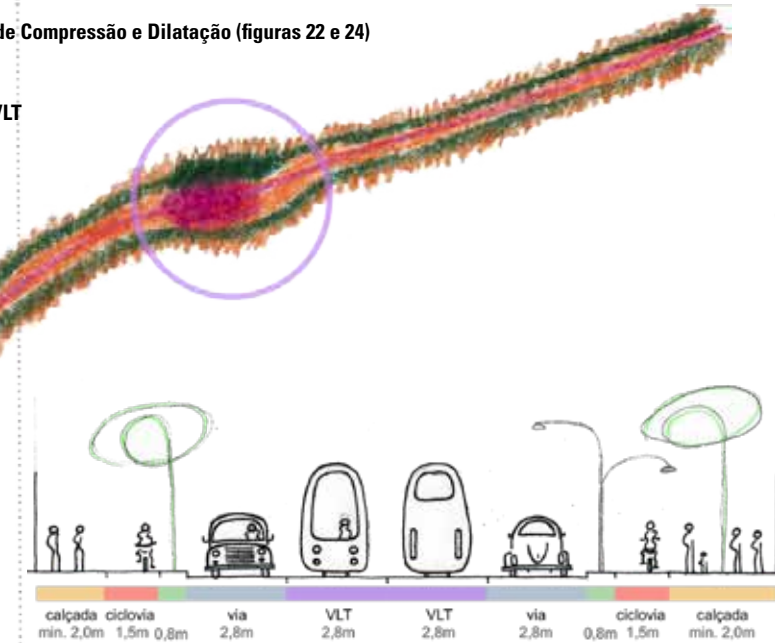
F. 17 - Corte tipo do trecho 04

O trecho 04 tem uma grande importância por nele situar-se a estação do Corcovado. O projeto nivela o piso no nível do pedestre com apenas diferenciação do tipo de pavimento. A ciclovia continua em uma faixa com mão dupla. O trecho 05 segue esta característica, por isso optou-se por manter o conceito de priorização do pedestre. Porém, devido ao grande estreitamento da via, o ciclista passa a compartilhar a calçada com o pedestre, e o VLT passa a ter apenas um trilho para as duas mãos, com uma via para carros de cada um dos lados.

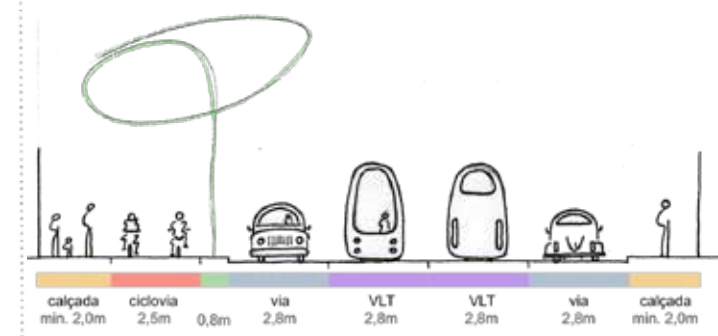


F. 18 - Síntese de intervenções

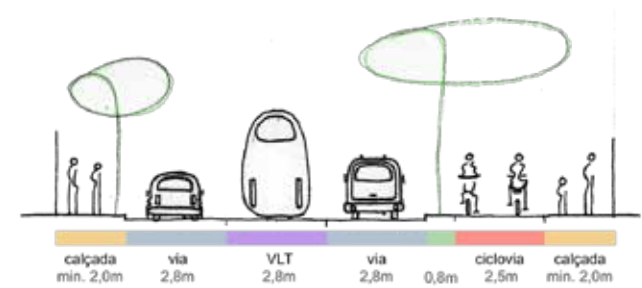
Ampliações de Compressão e Dilatação (figuras 22 e 24)
Estações do VLT



F. 20 - Corte tipo do trecho 02



F. 21 - Corte tipo do trecho 03



F. 19 - Corte tipo do trecho 01

O trecho 01, que começa no Largo do Machado e tem conexão direta com o Metrô, tem mão única no sentido Túnel Rebouças. Seu leito é muito estreito e tem um trânsito de veículos e pedestres muito denso devido a presença de um farto comércio e uma escola. O projeto prevê o VLT no eixo da via, com mão única de carros dos dois lados, canteiro apenas do lado da ciclovia, que tem mão dupla, e calçadas junto aos edifícios e comércios.

Os trechos 02 e 03 já são mais amplos, com menos comércio, porém com uma população mais densa. Nos dois casos, o projeto prevê o VLT com duas mãos no eixo da via e as faixas de rolamento nas suas extremidades. A ciclovia se difere nestes trechos já que no 02 ela tem mão única, nos dois sentidos, e no 03 ela tem mão dupla somente no lado esquerdo, sentido túnel Rebouças. Nos dois casos, as calçadas variam de tamanho sempre respeitando o mínimo de dois metros.

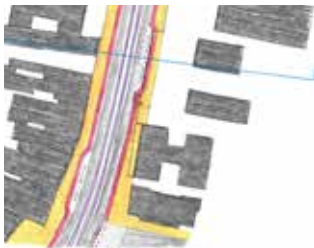


F. 22 - Planta esquemática | Dilatação da via



F. 23 - Corte esquemático | Dilatação da via

- Tornar as calçadas saudáveis incentivando o caminhar
- Ciclovia na calçada colada ao meio-fio
- Supressão dos ônibus tendo como alternativa o VLT
- Tornar o Rio Carioca parte da paisagem
- Valorizar os patrimônios na paisagem
- Plantio de novas árvores nas áreas mais áridas
- Deslocar muros em locais potenciais para uso do público



F. 24 - Planta esquemática | Compressão da via



F. 25 - Corte esquemático | Compressão da via

- Tornar as calçadas saudáveis incentivando o caminhar
- Ciclovia na calçada colada ao meio-fio
- Supressão dos ônibus tendo como alternativa o VLT
- Valorizar os patrimônios na paisagem
- Plantio de novas árvores nas áreas mais áridas
- Deslocar muros em locais com grande compressão da via

Referências bibliográficas

BARROS, Ana Paula. MARTINEZ, Luis. VIEGAS, Jose. In: *A importância das variáveis sintáticas para a análise da caminhabilidade*. Curitiba, 2014.

CARERI, Francesco (2013). *Walkscapes : O caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CORNER, James."Terra Fluxos". In: *Waldhein Charles, The landscape urbanismo reader*. Ed. New York: Princeton Architectural press, 2006. P. 21-33.

GEHL, Jan. *Cities for People*. London: Island Press, 2013.

HERCE, Manuel (2009). *Sobre la movilidad en la ciudad*. Barcelona: Reverté, 2009.

JACOBS, Jane (1961). *The Death and Life of Great American Cities*. London: Penguin Books, 1994.

WALL, Alex (1999). "Programming the urban surface". In Corner, J. (ed.). *Recovering landscape: essays in contemporary landscape architecture*. New York, Princeton Architectural Press, pp. 233-249.

Lara Barreira

Morro do Adeus / Complexo do Alemão, Rio de Janeiro/ RJ
Área de intervenção: 1ha

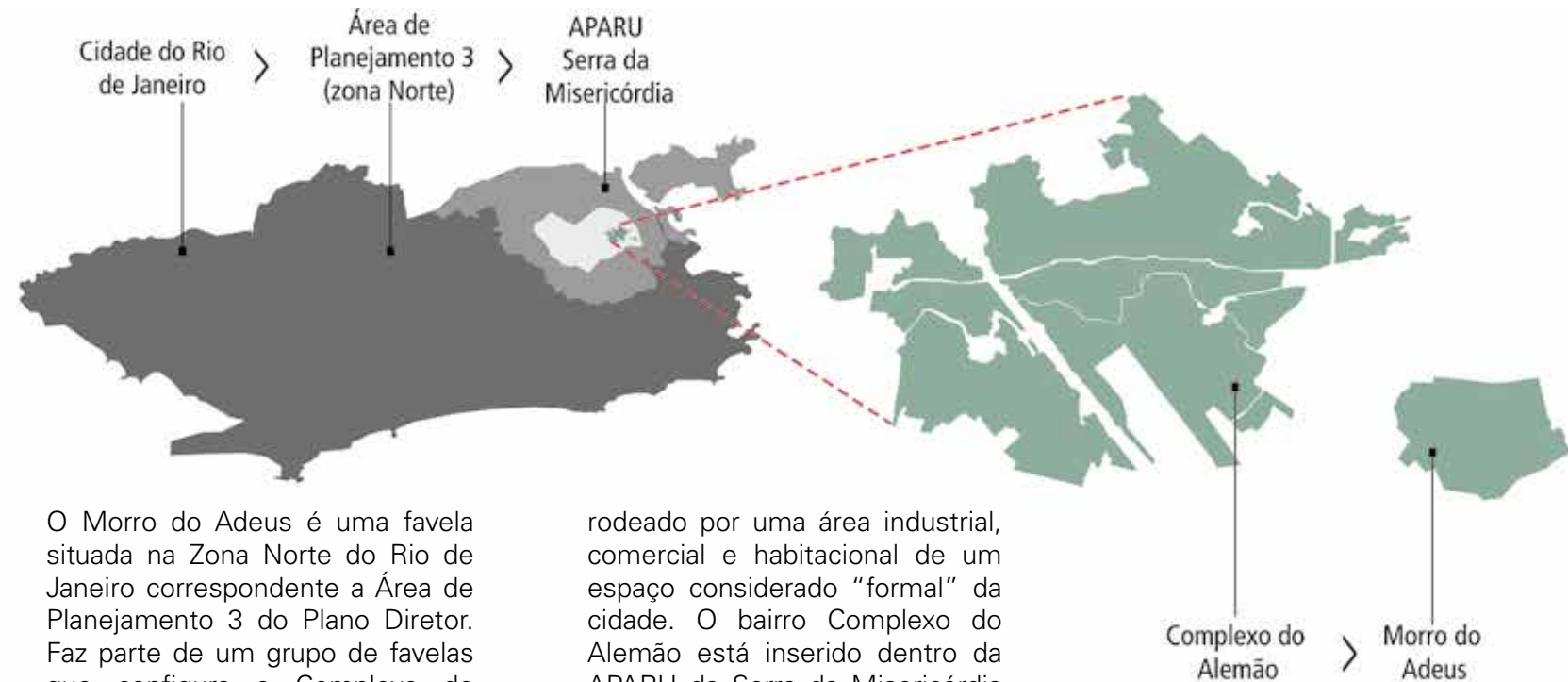
A intervenção proposta tem como objetivo dotar os espaços livres públicos de qualidades acolhedoras e lúdicas bem como promover continuidade entre esses espaços. Entre 2008 e 2010 foram realizadas uma série de intervenções pelo PAC no local em que foram construídos uma série de espaços residuais e praças-mirante pouco articulados entre si e sem relação de identidade com o cotidiano dos moradores do Morro do Adeus. O projeto proposto busca lançar a possibilidade de ativar esses espaços a partir da valorização de atividades locais e estabelecimento de uma nova relação apropriação através da qualificação dos espaços para que possam oferecer melhor suporte as atividades que fazem parte da identidade local.

(Re)pensando o Morro

Propostas de intervenção para os espaços livres do Morro do Adeus



F01 - Crianças brincando em espaço público no Morro do Adeus. Fonte: Arquivo pessoal da autora.



O Morro do Adeus é uma favela situada na Zona Norte do Rio de Janeiro correspondente a Área de Planejamento 3 do Plano Diretor. Faz parte de um grupo de favelas que configura o Complexo do Alemão, considerado também um bairro. Embora o Morro do Adeus faça parte do Complexo do Alemão, ele não está conurbado com as demais favelas e apresenta-se

rodeado por uma área industrial, comercial e habitacional de um espaço considerado "formal" da cidade. O bairro Complexo do Alemão está inserido dentro da APARU da Serra da Misericórdia (Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana) e o Morro do Adeus possui em um dos lados da encosta uma vegetação relativamente preservada.



Como proposta metodológica, considerou-se essencial o contato com a população para melhor compreender essa paisagem urbana e as demandas da população. Esse contato ocorreu através de observação participativa, mapeamentos e conversas (entrevistas informais) com atores sociais comuns e figuras públicas locais. Ao perguntar aos moradores o que poderia ser melhorado nos espaços públicos do Morro do Adeus, muito dos entrevistados reivindicaram pracinhas e mais espaços para as crianças brincarem. Esse fato muito chama a atenção, já que foram construídas várias pracetas no entorno da Estação do Teleférico pela intervenção do PAC (2009). Isto aponta para um possível esvaziamento desses espaços e não reconhecimento dos mesmos pela população. Foi realizada uma atividade com as crianças em que foi pedido que elas desenhasssem o que gostariam que houvesse nos espaços públicos livres do Morro do Adeus (F.05-06). Novamente, o tema dos espaços do parquinho surgiu com força. Foi identificado também a presença do viveiro da Campanha CEDAE, que atualmente realiza atividades de plantio de reflorestamento juntamente com jovens das escolas próximas ao Morro do Adeus.

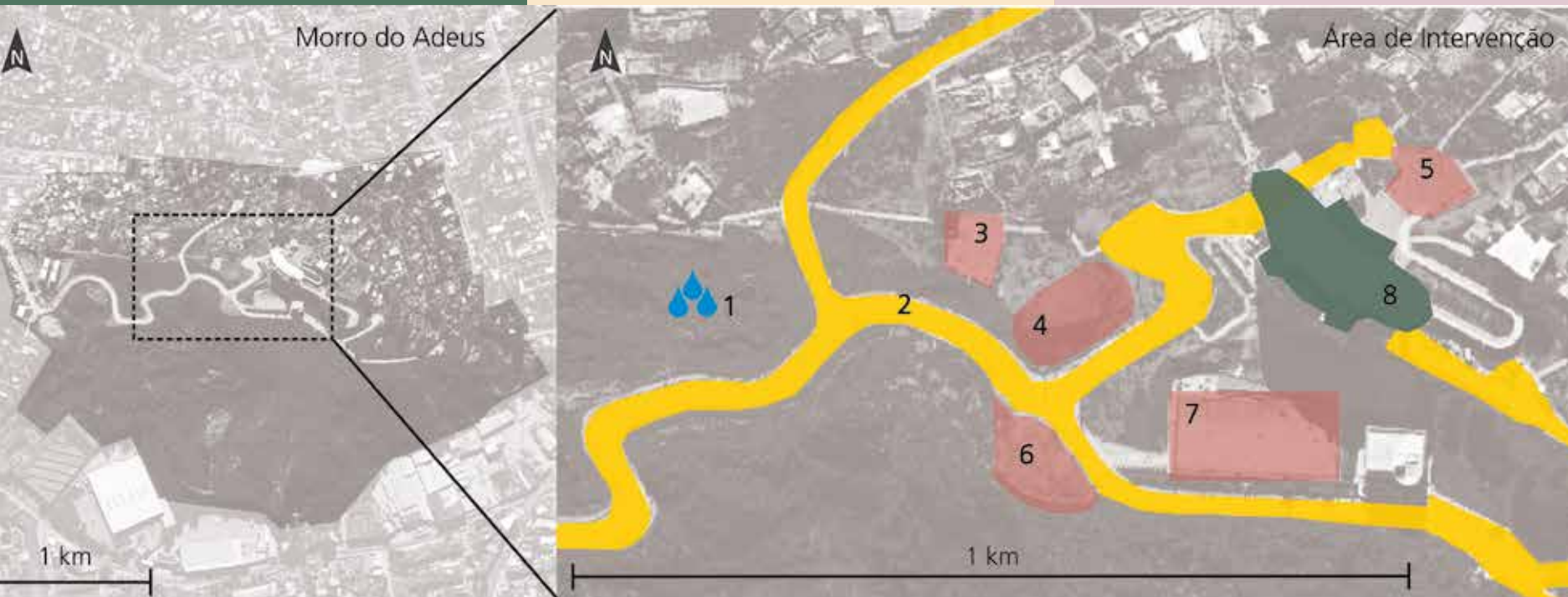
F03 - Foto dinâmica de desenho com as crianças.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



F04 - Fotos atividade de plantio promovido pelo viveiro da CEDAE localizado no Morro do Adeus.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



F05, F06, F07 - Desenhos produzidos pelas crianças



F08 - (acima esquerda) Imagem aérea com marcação do Morro do Adeus e da área de intervenção do projeto. Fonte: Google Earth modificada pela Autora. F09 - (acima direita) Imagem aérea da área de intervenção do Projeto. Fonte: Google Earth modificada pela Autora. F10 - (abaixo a esquerda) Marcação da área onde está localizada a nascente adormecida, segundo relato dos moradores. Fonte: Google Earth Pro 3d modificada pela autora. F11, F12, F13, F14, F15, F16, F17 - (abaixo) - Fotos de caracterização do local da intervenção. Fonte: Arquivo pessoal da autora.



PROBLEMAS

- Espaços livres públicos fragmentados, como resíduos das vias carroçáveis e dispostos em níveis topográficos diferentes;
- Falta de identidade da população com os novos espaços construídos pelo PAC;
- Ausência de usos diversificados e atrativos no topo do Morro;
- Espaços sem sombra e sem mobiliário convidativo.

ESTRATÉGIAS

- Promover continuidade e conexão entre os espaços livres;
- Criar espaços acolhedores e com novos usos atrativos para a população;
- Estabelecer relação entre diversos níveis topográficos;
- Ampliar e melhorar a estrutura dos espaços livres para atividades locais reconhecidas (festival de pipas, parquinho, grupo de balet);
- Aproveitar a existência do viveiro de plantas da CEDAE no local para plano de arborização estratégico.



Que tipos de **ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS** podem ajudar a movimentar e conectar as áreas livres do Adeus?

Espaços de

ESTAR / ENCONTRAR



Espaços de

BRINCAR / JOGAR



Espaços de

CONTATO COM NATUREZA



Quais **SENSAÇÕES E VIVÊNCIAS** esses espaços devem proporcionar?

sociabilidade
acolhimento
liberdade de expressão



Quais **CARACTERÍSTICAS ESPACIAIS** esses espaços precisam ter para funcionar?

- Áreas de permanência abrigadas do sol;
- Mobiliário adequando para sentar e promover o convívio;
- Conexão e relação de identidade com áreas habitacionais;
- Fluxo de pessoas.

- Atrativos para crianças (mobiliário, vegetação, configuração espacial etc.);
- Fluxo e permanência de adultos nas proximidades;
- Áreas ensolaradas e áreas abrigadas do sol.



- Áreas reflorestadas ou em reflorestamento;
- Acesso adequado as encostas
- Visuais atrativas;
- Sinalização e mobiliário informativo relativo a gestão e educação ambiental.



Como a **VEGETAÇÃO** a ser plantada nos espaços livres pode ajudar?

1. Geração de **sombra** e/ou luz filtrada, gerando acolhimento nos espaços de **estar, brincar, ruas e percursos caminháveis**.



2. Introdução de espécies arbóreas com formatos dos troncos apropriados **para serem escaladas**, instalação de **balanços**, bem como árvores frutíferas, gerando ambiente lúdico atrativo para a **brincadeira das crianças**.



3. **Reflorestamento** com espécies da **Mata Atlântica** e trilhas de acesso para manutenção e passeio, principalmente nas regiões da nascente e encostas, gerando ambiente de **contemplação** e educação ambiental.

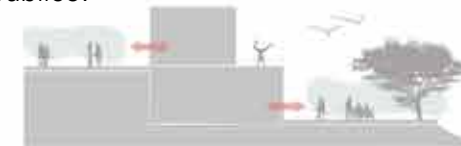


Como novos **EQUIPAMENTOS URBANOS** (edificados ou semi-edificados) podem ajudar?

1. **Envolver** e **delimitar** os espaços livres gerando acolhimento e definição de cheios e vazios.



2. Atrair o **fluxo de pessoas** através de atividades e novos usos, gerando movimentação e mais olhos no espaço público.



3. Gerar **espaços de encontro** e cultura abrigados do sol e da chuva.



4. Criar **conexão entre os diferentes níveis** topográficos (através de edificações, parquinhos, anfiteatros, etc)





CONTATO COM NATUREZA

BRINCAR / JOGAR

ESTAR / ENCONTRAR

BRINCAR / JOGAR

ESTAR / ENCONTRAR

1. Área de reflorestamento da nascente

- Trilhas
- Educação ambiental

2. Anfiteatro coberto

- Práticas culturais
- Encontros cotidianos

3. Parquinho

- Mobiliário lúdico
- vegetação de sombra e brincadeira

4. Equipamento cultural

- Atividades culturais
- Movimento de pessoas (olhos da rua)
- Adultos por perto

5. Praça das pipas

- Vasta área livre para brincadeiras e atividades culturais (campeonato de pipa local, feiras, shows...)
- Vegetação concentrada nas bordas e proximidade da estação do teleférico (sem prejudicar cabos)

6. Estação de teleférico do Adeus

- Inserir novos usos e atividades nas áreas internas subtilizadas da edificação
- Pressionar o poder público para que o transporte do teleférico volte a funcionar regularmente

7. Praça de chegada

- Sombreamento com árvores de médio a grande porte
- Equipar com mobiliário de sentar e brincar

100m



Referências Bibliográficas

ANDRADE, Luciana. Onde está a urbanidade: num bairro central de Berlim ou numa favela carioca? In: *I ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro, 2010.

BUENO, Laura Machado Melo. *Projeto e Favela: metodologia para projetos de urbanização*. Tese de doutorado apresentada a FAUUSP. São Paulo, 2000.

DUARTE, Cristovão F. *Reinvenção da Cidade*. Disponível em <https://cristovao1.wordpress.com/tag/cultura-urbana/>

DUARTE, Cristovão F. Rio de Janeiro, doze décadas de favelas: da invisibilidade a onipresença. In: LUCARELLI, Francesco, DUARTE, Cristovão e SCARRETTA, Massimo (org.) *Favela & cidade*. Napoli: Giannini Editore, 2008.

GEHL, Jan. *Cidade Para Pessoas*. /Tradução Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HOLANDA, Frederico. Urbanidade: Arquitetônica e Social. In: *I ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro, 2010.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. 2ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LEFEBVRE, Henri. (1991). *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

PINHEIRO, Alan Brum. O mundo complexo... do alemão. In: RODRIGUES. Rute Imanishi. (Org.) *Vida Social e Política nas Favelas: Pesquisas de campo no Complexo do Alemão*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

RODRIGUES. Rute Imanishi. Uma construção complexa: Necessidades básicas, movimentos sociais, governo e mercado. In: RODRIGUES. Rute Imanishi. (Org.) *Vida Social e Política nas Favelas: Pesquisas de campo no Complexo do Alemão*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

SILVA, Heitor. *O urbano subordinado: O PAC nas favelas do complexo do Alemão*. Belo Horizonte: Anais XVI ENAMPUR, 2015.

SILVA, Jailson de Sousa; BARBOSA, Jorge Luís. *Favela: Alegria e dor na Cidade*. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio, 2005.

Entre Jardins, Cultura e Lazer

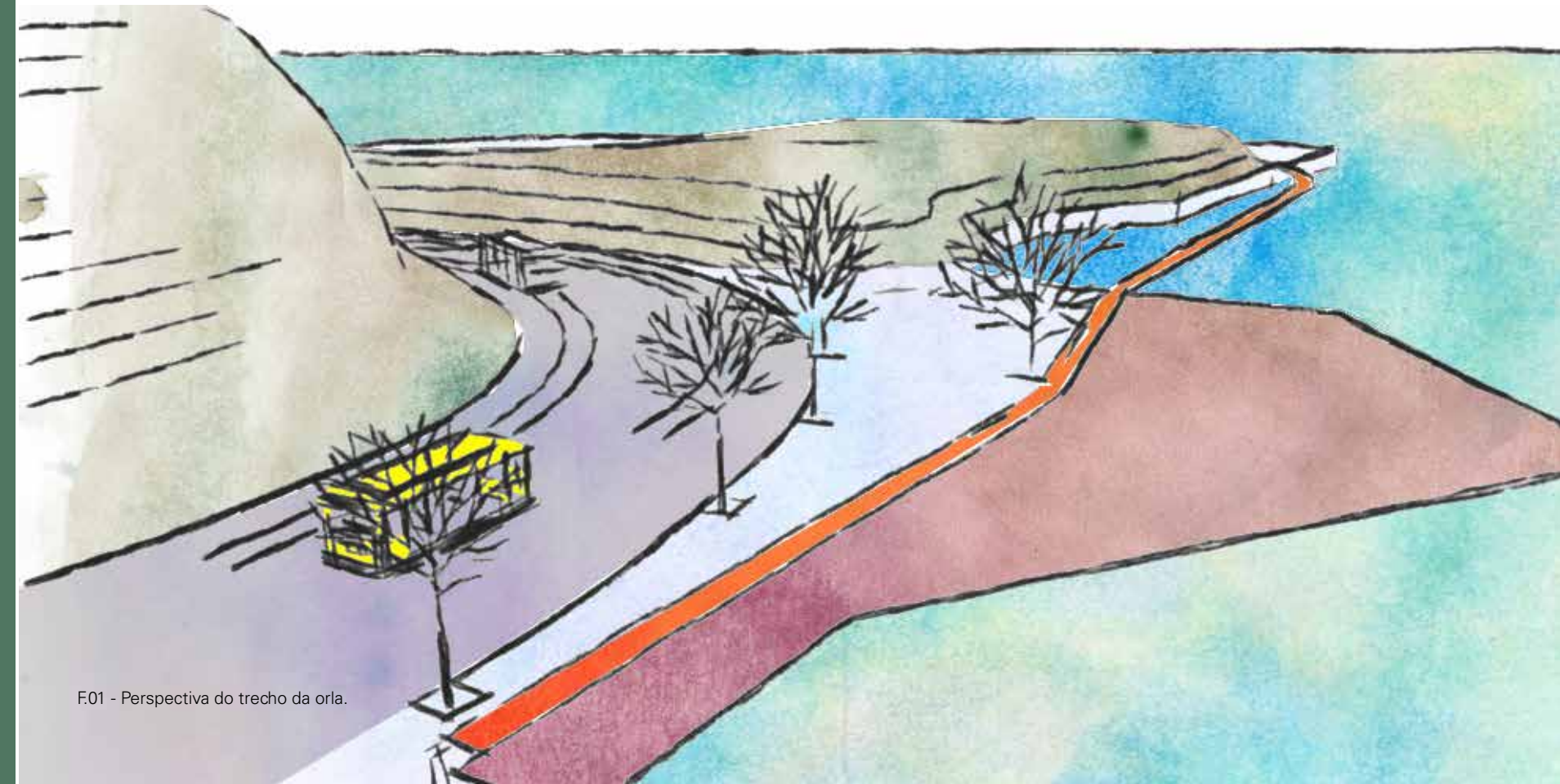
Tratamento paisagístico da orla da Ilha do Governador

Vinicius Almeida

Ilha do Governador , Rio de Janeiro
Área de intervenção: 11,5 Ha

Este trabalho apresenta uma proposta para recuperação e reativação de um corredor urbano em um trecho de orla da Ilha do Governador, localizado junto à Baía de Guanabara. Possui como problemática um conjunto de espaços livres públicos que atualmente encontram-se degradados e subutilizados.

Almejamos assim, alcançar um cotidiano cultural e paisagístico através do resgate cultural, da revalorização dos espaços livres (outrora subutilizados) e do favorecimento da fluidez do curso do pedestre e ciclista no corredor.



F01 - Perspectiva do trecho da orla.

Problemáticas: Degradação dos espaços livres públicos

O trecho correspondente aos cinco bairros escolhidos banhados pela orla da Ilha do Governador possui como problemática um conjunto de espaços livres públicos que configuram-se como espaços degradados e subutilizados, abrindo mão do potencial em articular os espaços a partir da combinação dos elementos da paisagem.

Potencialidades: Atributos Biofísicos, Socioculturais, Sensoriais e Urbanos

Dando início as análises, serão identificados os atributos da paisagem para estabelecer um contato com a realidade e com a construção da mesma no tempo. Esse levantamento terá a finalidade de construir uma base morfológica através da construção de camadas sistêmicas existentes, tais como topografia, hidrografia, circulação, espaços livres públicos, elementos de caracterização local, vegetação, usos e atividades. A partir dessa análise, serão traçadas diretrizes para cada atributo, a fim de contribuir para a elaboração do projeto paisagístico.

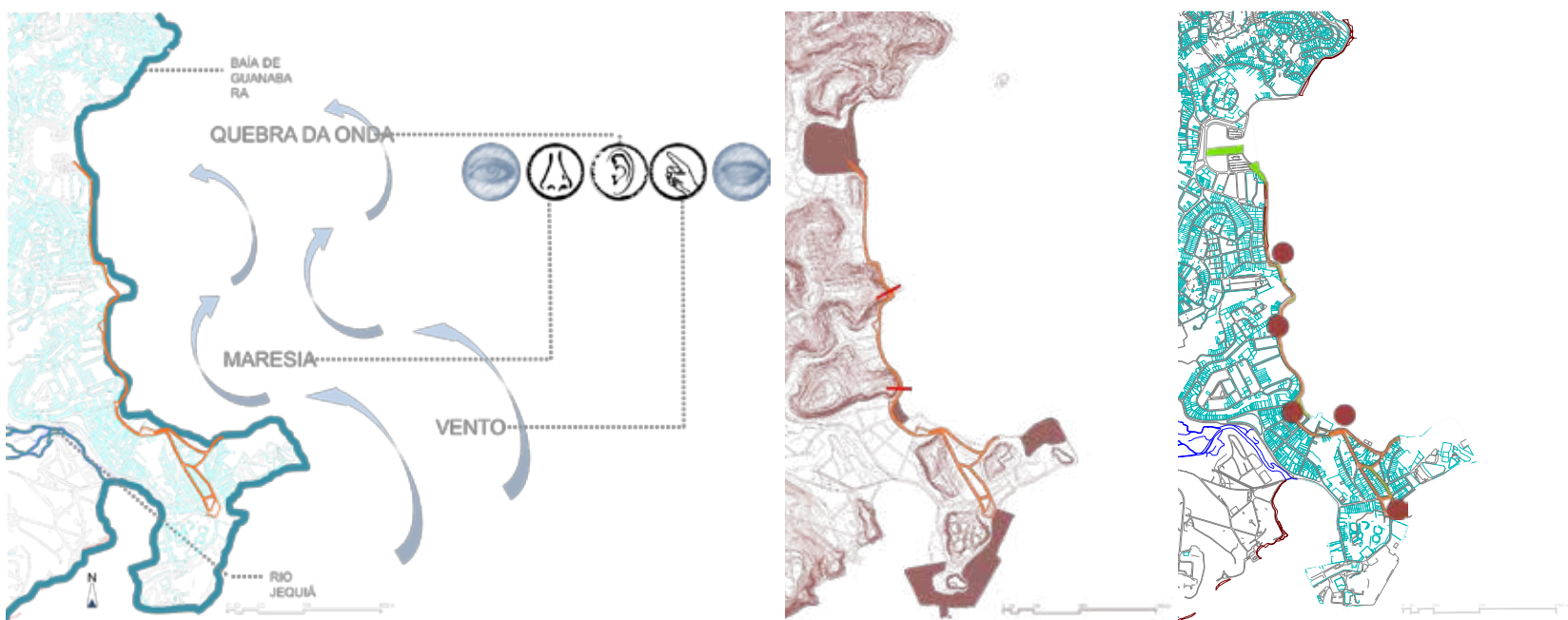


F02 - Fotos da área de estudo.

- Legenda:
- 1. Espaços livres
 - 2. Vegetação
 - 3. Vias
 - 4. Usos do solo



F03 - Mapas de análise da área de estudo.



F04 - Mapas de análise da área de estudo.

Diretrizes de Atributos Urbanos:

- Conectar as zonas comercial e boêmia;
- Criar áreas de esporte e lazer para os habitantes;
 - Melhorar e dar novos usos para espaços livres;
 - Retificar a via para aproveitamento máximo da área de passeio e ciclovia;
 - Melhorar fluidez do transeunte.

Diretrizes de Atributos Biofísicos:

- Valorização das encostas;
- Ativação e conexão dos aterros;
- Acesso à água;
- Estruturas de contemplação.

Diretrizes de Atributos Socioculturais:

- Foram levantados a partir da observação incorporada que, através dos relatos de observadores, esboçam diretrizes projetuais.
- “... precisamos que reformem essa orla – ela tá muito feia...”
 - “... estamos perdendo a memória local...”
 - “... ter mais acesso à praia seria bom...”

Estrutura

Para definir a área de intervenção, selecionamos os pontos de maior interesse paisagístico e mostramos as suas relações com o entorno imediato. (F.05)

	INTERESSE SOCIOCULTURAL	ELEMENTOS NATURAIS	ESPAÇOS LIVRES	ESPAÇOS DE USO COLETIVO
1			PASSEIO	PESCA/PRAÇA
2			PASSEIO	PESCA
3			PASSEIO/PRAIA	PESCA
4	ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO	MATA/ENCOSTA	PASSEIO	PESCA
5		MATA/ENCOSTA	PASSEIO	PESCA
6	ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO		PASSEIO	PESCA/NAVEGAÇÃO
7		ENCOSTA	PASSEIO	PESCA
8	ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO		PASSEIO	PESCA/PRAÇA/NAVEGAÇÃO
9	ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO		PASSEIO/PRAIA	PESCA/PRAÇA
10			PASSEIO/PRAIA	PESCA/NAVEGAÇÃO
11	ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO		PASSEIO/PRAIA	PESCA/PRAÇA/NAVEGAÇÃO



F.05 - Mapa de trechos de maior interesse.



F.06 - Croqui conceitual do projeto.

Fluidez do espaço

Ativação dos espaços livres públicos para dinamização e mobilidade da orla urbana.

Criação de um cotidiano cultural e paisagístico

Integração dos espaços livres públicos da orla através da ativação dos instrumentos urbanos pré-existent e a incorporação de novas soluções paisagísticas no interesse de:

A. Criar zonas de interesse sociocultural

(resgate histórico, definição de marcos paisagísticos)

B. Promover regeneração ambiental da orla

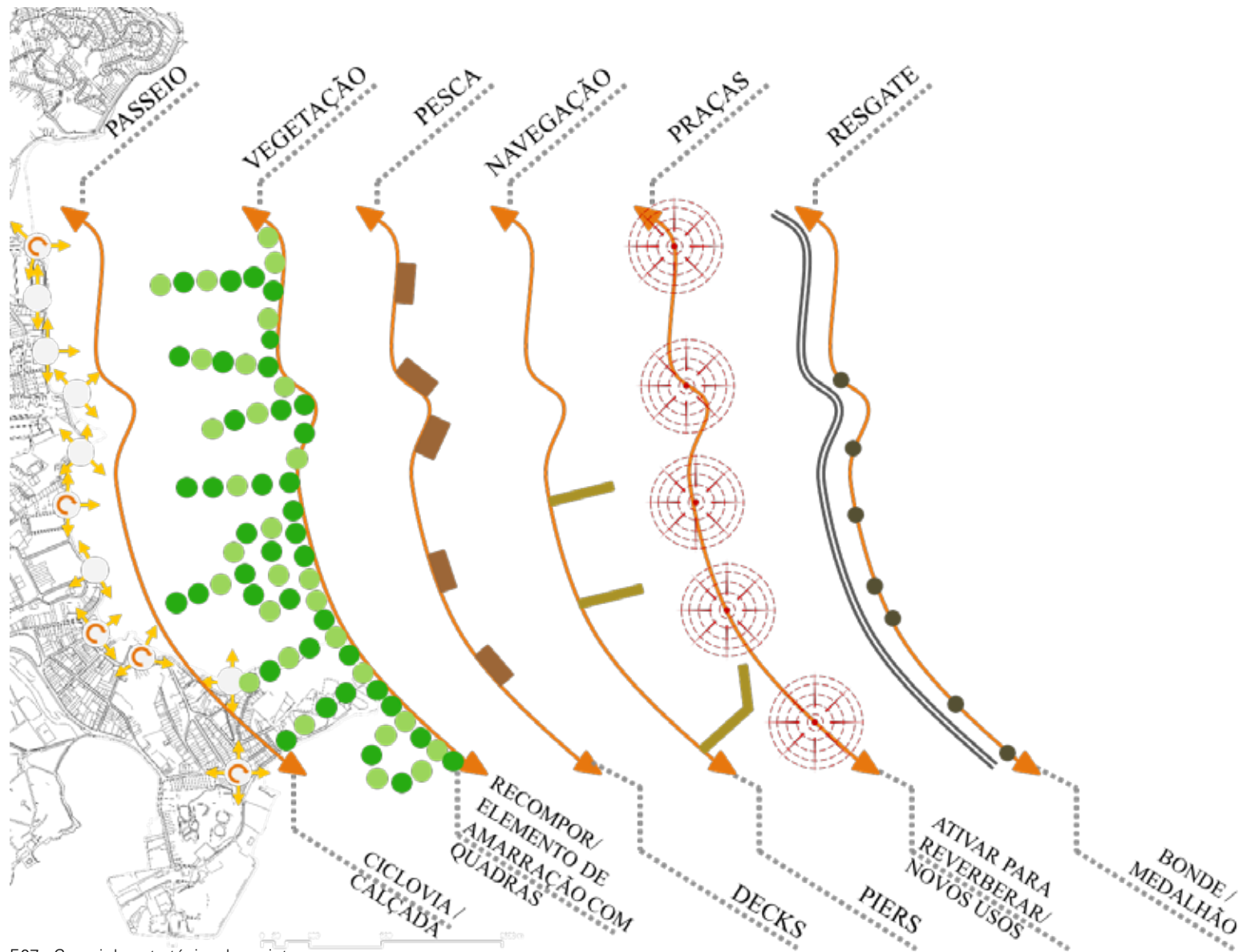
(implantação de jardins e arborização urbana)

C. Criar/ampliar espaços de circulação

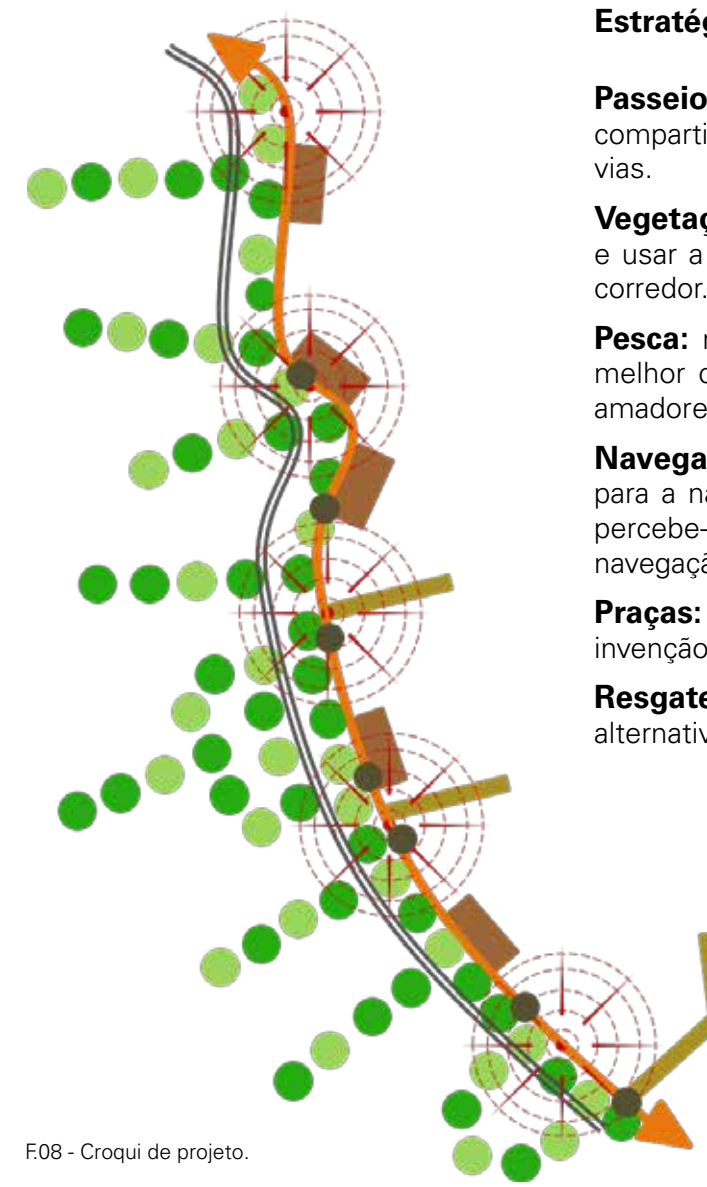
(estruturação de um sistema de espaços livres)

D. Ativar áreas de usos

(praças, espaços de navegação e de pesca).



F07 - Croqui de estratégias do projeto.



F08 - Croqui de projeto.

Estratégias de intervenção

Passeio: reestruturar as vias e calçadas para a inserção de uma ciclovia compartilhada, melhorando as atividades dos transeuntes e reordenando as vias.

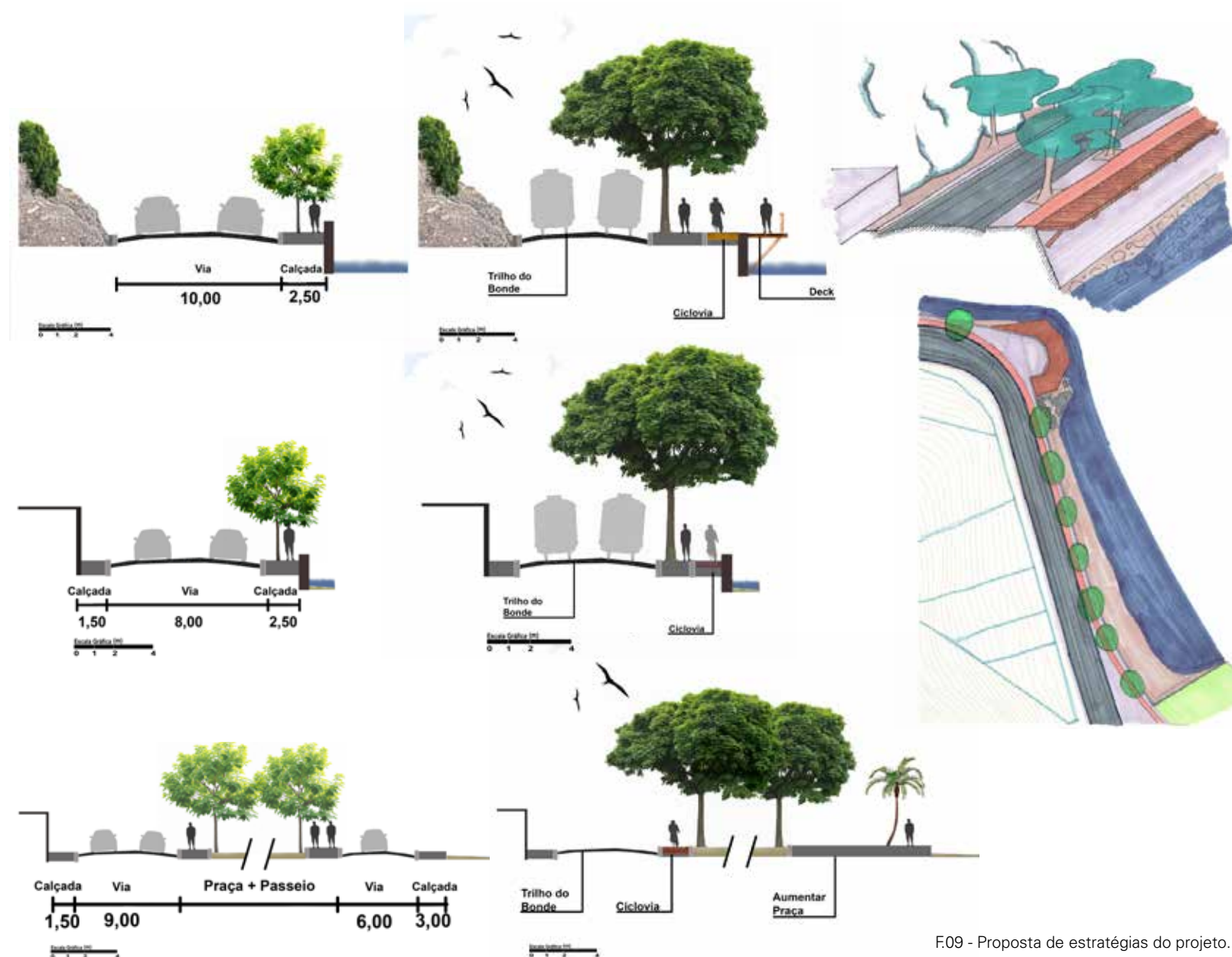
Vegetação: restaurar a vegetação – plano de manejo –, criar identidade visual e usar a vegetação como uma “ancoragem” com as quadras do entorno do corredor.

Pesca: reestruturação das vias e calçadas na construção de decks para o melhor conforto dos transeuntes, suporte para apropriações de pescadores amadores e valorização das áreas de contemplação.

Navegação: estas estruturas de “piers” e “marinas” surgem como estratégia para a navegação de barcos de pesca artesanal e outras embarcações, pois percebe-se que este trecho de orla possui uma atividade pesqueira e de navegação importante para a economia local.

Praças: ativação desses espaços através da melhoria das estruturas, da invenção de novos usos e da interação por todo o corredor.

Resgate histórico: reintrodução do bonde, que por sua vez terá uma função alternativa como modal, além de estabelecer um elemento simbólico ao local.



F.09 - Proposta de estratégias do projeto.

Referências Bibliográficas

BERQUE, Augustin. *Paisagem-marca, paisagem-matriz*: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato; ROESENDAHL, Zeny. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. Capítulos 7, 8 e 9.

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo*: Exercício de paisagem. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2014.

BORDE, Andréa de Lacerda Pessoa. *Vazios urbanos*: perspectivas contemporâneas. Rio de Janeiro: PROURB, 2006.

BRASIL, Ministério das Cidades. *Manual de Reabilitação de áreas urbanas centrais*. Brasília, DF, 2008.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Projeto Orla: Fundamentos para gestão integrada*. Brasília, DF, 2006.

CORNER, James. "Recovering landscape as a critical cultural practice". In Corner, J. (ed.). *Recovering landscape: essays in contemporary landscape architecture*. New York, Princeton Architectural Press, 1999, pp. 1-26.

GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

IPANEMA, Cybelle Moreira de. *História da Ilha do Governador*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2005.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Contribuições para a Gestão da Zona Costeira do Brasil*. São Paulo: Hucitec/ EDUSP, 1999.

PRADO, Barbara Irene Wasinsk. *Paisagem Ativa das Ilhas*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PROURB/ UFRJ, 2011. 313p.

SOUSA C. A. *Do cheio para o vazio, Metodologia e estratégias na avaliação de espaços urbanos obsoletos*. Dissertação de mestrado, Lisboa: [s.n.], 2010.

TARDIN, Raquel. *Espaços Livres*: Sistema e Projeto Territorial. Rio de Janeiro: Sete Letras / Faperj, 2008.

WALL, Alex. "Programming the urban surface". In Corner, J. (ed.). *Recovering landscape: essays in contemporary landscape architecture*. New York, Princeton Architectural Press, 1999, pp. 233-249.



A Rua dos Cataventos

Escrevo diante da janela aberta.
Minha caneta é cor das venezianas:
verde!... E que leves, lindas filigranas
desenha o sol na página deserta!

Não sei que paisagista doidivas
mistura os tons... acerta... desacerta...
Sempre em busca de nova descoberta,
vai colorindo as horas quotidianas...

Jogos de luz dançando na folhagem!
Do que eu ia escrever até me esqueço...
Pra que pensar? Também sou da paisagem...

Vago, solúvel no ar, fico sonhando...
E me transmuta... iriso-me... estremeço...
Nos leves dedos que me vão pintando

QUINTANA, Mario (1940). A Rua dos
Cataventos. Rio de Janeiro: Editora Globo,
2005.

ARTE

NATUREZA

CIDADE

Síntese

Patricia Maya e Raquel Tardin

Os trabalhos aqui apresentados integram-se a discussões contemporâneas relevantes sobre a noção da paisagem, e reconhecem a sua complexidade, como processo e produto de sistemas de relações construídas e naturais que operam de modo indissociável. Simultaneamente, a paisagem está em constante mutação, na medida em que as vivências desta pelos indivíduos e grupos sociais geram novas interpretações, representações e manifestações que ocorrem em distintos tempos e escalas. Deste modo, o projeto da paisagem infere hoje novas possibilidades de intervenção e urge por novas criações, especialmente no habitat humano mais antropizado: a cidade.

O olhar sobre a complexidade da paisagem, em conjunto com o entendimento da paisagem como um fato coletivo, constituiu a base das propostas apresentadas ao longo de todo o processo projetual. Dentro de cada contexto espacial abordado, as propostas visaram o fomento das dinâmicas socioculturais e biofísicas, através da arte, da natureza e da cidade, na construção da paisagem urbana. Assim, cada projeto buscou permitir a criação de oportunidades (espaciais e funcionais) para o surgimento de outras relações entre artefatos urbanos e entre elementos biofísicos, e entre esses e as pessoas, estimulando fruições e apreensões diversas da paisagem e vivências compartilhadas.

Consideramos que os projetos apresentados, que resultam das discussões empreendidas na Oficina de Projeto II do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística, não apenas demonstram o rebatimento do conteúdo teórico abordado na disciplina, mas principalmente contribuem para a prática disciplinar. A Arquitetura Paisagística demanda um olhar ampliado sobre conceitos e práticas, que congregue dinâmicas múltiplas para a construção de uma “outra” paisagem possível, sobretudo nas áreas urbanas.

Créditos

Autores dos Projetos: Alunos do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, turma 2015.



O Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística tem por objetivo a formação em alto nível de profissionais qualificados a conceber, coordenar e executar projetos de intervenção na paisagem em suas diferentes escalas, considerando valores humanos e sistemas naturais.

A atuação do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística visa o aprofundamento da formação profissional, transferindo reflexões teóricas e analíticas para o campo expandido da prática e da produção da arquitetura paisagística contemporânea.

Coordenação

Cristóvão Duarte (coordenador)

Lucia Costa (vice-coordenadora)

Patricia Maya

Doutora em Urbanismo- PROURB- UFRJ, 2008. Professora do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB/FAU/UFRJ). Professora Associada do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente, FAU-UFRJ, desde 2009, e anteriormente, da UFJF (1999-2009). Tem experiência profissional e acadêmica na área de Projeto; coordena projeto de extensão sobre experiências participativas em projeto, e participa dos grupos de pesquisa “Projetos Urbanos e Cidade” e outros da UFRJ, UFJF e UFC, atuando principalmente nos temas relativos ao projeto da paisagem e ao espaço publico da cidade

Raquel Tardin

Arquiteta e Urbanista. Doutora pela Universidad Politécnica de Cataluña (UPC) – Barcelona. Professora Associada do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente da FAU-UFRJ na área de paisagem e meio ambiente. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB/FAU/UFRJ). Autora de artigos e livros sobre o sistema de espaços livres e o planejamento urbano e co-autora de livro sobre arquitetura paisagística no Brasil. Coordenadora de pesquisas sobre a análise, o planejamento e o projeto da paisagem.

Daniel Arteaga

Arquiteto e Urbanista (FAU-UFRJ, 2010). Experiência na área de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, especialmente em construções de centros de tecnologia e inovação.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Magalhães

Flora Olmos Fernandez

Arquiteta e Urbanista (FAU-USP, 2011). Experiência acadêmica e profissional em Arquitetura Paisagística com ênfase nos espaços de brincar.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Tângari

Israel Nunes

Arquiteto e Urbanista FAU USU RJ 1988. Professor: DAU PUC RJ desde 2012; FAU UNESA RJ 1996/2012; DARF FAU UFRJ 1995. Fundou o Diplodocus Arquitetos em 1990 e a partir de 2003 o Israel Nunes Arquitetura

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Costa

Paulo Siqueira

Arquiteto e Urbanista (UNESA-RJ, 2010), recebeu Prêmio Arquiteto de Amanhã – IAB- RJ, 2006, 2007. Atualmente trabalha no escritório Ivan Rezende Arquitetura.

Orientadora: Profa. Dra. Patricia Maya

Aline Fayer

Arquiteta e Urbanista (FAU-UFRJ, 2009). Atualmente, integrante do Escritório Técnico da Universidade (ETU/UFRJ).

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Britto

Maini Perpétuo

Arquiteta e Urbanista (UFMG, 2005) com especialização em Gestão de Empreendimentos em Arquitetura pela PUC-MG. Experiência em Arquitetura Paisagística com ênfase em planejamento e projeto de espaços livres públicos.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Tardin

Taís Alvino

Arquiteta e Urbanista (UFRN, 2014) e Tecnóloga em Construção Civil (IFRN, 2010). Participante do núcleo interdisciplinar de pesquisas em paisagismo com ênfase na relação afetiva entre vegetação urbana e sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Ivete Farah

Úrsula Hernández Vélez

Arquiteta (Universidade Nacional da Colômbia, Medellín, 2010) com experiência em projetos urbano e arquitetura da paisagem.

Orientador: Prof. Dr. Victor Andrade

Jonas Godinho

Arquiteto e Urbanista (Centro Universitário Metodista Bennett RJ, 2008). Coordenador no escritório Arqhos Consultoria e Projetos, desenvolvendo projetos nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e Paisagem.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Sansão

Lara Barreira

Arquiteta e Urbanista (FAU-UFC, 2013), pesquisadora sobre a temática de espaços públicos e projetos de urbanização na favela como forma de avançar no Direito à Cidade.

Orientador: Prof. Dr. Cristóvão Duarte

Vinícius Almeida

Paisagista (EBA-UFRJ, 2011). Participou da idealização e construção de projetos de diferentes escalas e com experiência em manutenção e plantio.

Orientador: Profa. Dra. Rita Montezuma

prourb  PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM URBANISMO

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-88027-39-8

